



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAROLINE RODRIGUES MELO

**E AGORA, MINHA GENTE, UMA HISTÓRIA EU VOU CONTAR: EXPERIÊNCIAS
DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO BERÇÁRIO**

Bagé

2017

CAROLINE RODRIGUES MELO

**E AGORA, MINHA GENTE, UMA HISTÓRIA EU VOU CONTAR: EXPERIÊNCIAS
DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO BERÇÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo

Bagé

2017

CAROLINE RODRIGUES MELO

**E AGORA, MINHA GENTE, UMA HISTÓRIA EU VOU CONTAR: EXPERIÊNCIAS
DE FORMAÇÃO DE LEITORES NO BERÇÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 06 de dezembro de 2017.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Zíla Letícia Goulart Pereira Rêgo
Orientadora
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Vera Lúcia Cardoso Medeiros
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Veronice Camargo da Silva
(UERGS)

Dedico este trabalho aos meus pequenos alunos: eles não imaginam, mas trouxeram vida para todas as histórias que contei. Gratidão pelos momentos que juntos compartilhamos, vocês me fazem reafirmar o encantamento pela Educação Infantil.

AGRADECIMENTOS

Àqueles que me inspiram e movem as minhas contações de histórias, proporcionando tardes de muita animação, desafios e sorrisos de derreter corações, aos meus pequenos alunos. Eles são fonte inesgotável de amor, renovação e esperança, foi por eles e para eles que este trabalho foi pensado e desenvolvido. Estendo este agradecimento, também, àqueles famílias que participaram ativamente das atividades, questionando e reconhecendo a importância do trabalho com leitura literária.

Agradeço à minha família, pai, mãe e irmã, sempre presentes, orgulhosos e confiantes das minhas escolhas pessoais e profissionais. Mãe, obrigada por me ensinar a ler e a descobrir um mundo novo e cheio de possibilidades, tu não imaginas o quão responsável és por minha paixão pela leitura. Serás eternamente a minha contadora de histórias e “professora” favorita. Pai, obrigada por se orgulhar da tua professorinha, ela também se orgulha muito de ti. Carine, além de irmã, foste apoiadora e incentivadora nessa caminhada, gratidão por todos os auxílios ao longo desses quase quatro anos de graduação.

Às colegas de trabalho do Berçário, Alice, Neca e Rosi, por abraçarem e permitirem o desenvolvimento dos projetos, sem vocês seria impossível percorrer essa jornada. À Alice, pelo coleguismo, parceria, conselhos e sugestões, mas, sobretudo pela nossa amizade. Trabalhar ao teu lado tornou-me uma profissional mais confiante, tua determinação profissional é inspiradora, obrigada. À tia Neca, por me permitir aprender a ser uma professora de pequenos, a partir dos seus gestos tão amáveis e repletos de delicadeza. És meu modelo de profissional dedicada, gratidão pelos anos que passamos compartilhando as tardes e os desafios do berçário.

À escola, por ceder espaço para que os projetos literários ocorressem.

À Bruna e à Helena, parceiras nessas andanças pelas Letras, por compartilharem as mesmas angústias, medos, alegrias e aprendizados. Vocês tornaram esses anos mais leves e felizes, proporcionando-me muitas risadas durante as caronas.

Aos professores do curso de Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa, pelos conhecimentos que promoveram e mediaram. Em especial, à professora Lúcia, que foi, sem dúvida, marcante e inspiradora por sua alegria, entusiasmo e aulas motivadoras, onde viajamos para Grécia, por inúmeras vezes, sem sair do lugar, através dos seus ricos relatos.

Além disso, tive a oportunidade de conhecer e conviver com um ser humano sensível, atento e preocupado com as necessidades de cada aluno, à senhora a minha gratidão e admiração.

À professora Zíla Letícia, pela inspiração, suas aulas foram cruciais para a definição do rumo desta pesquisa, seus ensinamentos me fizeram permanecer na Letras e ficar ainda mais encantada pela Literatura Infantil e pela formação de leitores. Obrigada por me orientar e aconselhar durante esses meses, suas contribuições não só qualificaram meu Trabalho de Conclusão de Curso, mas também modificaram e aprimoraram as minhas práticas em sala de aula.

Ao Alessandro, pela compreensão nesses meses. Podemos compartilhar as dificuldades desse período final da graduação juntos, entendendo as adversidades e falta de tempo um do outro.

“[...] Narramos para compreender a vida, para guardar na memória, para deixar gravado, para nos entendermos mais e melhor, para sonhar, para nos mantermos vivos, para vir a ser”.

Edi Fonseca

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem por objetivo investigar e analisar em que medida os projetos pedagógicos que contemplaram leitura literária desenvolvidos nas turmas de Berçário I e II permitiram a interação entre crianças e livros, considerando se tais atividades corroboraram para a construção de um hábito leitor e se auxiliaram na formação leitora desses alunos. Para obter essas respostas analisamos os três projetos de leitura: *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, cantinho do *Era uma vez...* e o *Sacola Viajante* que foram aplicadas em uma escola particular de Educação Infantil de Bagé/RS, durante o período de nove meses do ano letivo de 2017. Estas ações nos forneceram dados adquiridos através de instrumentos de coleta e registro de informações, como o caderno que acompanhava a *Sacola Viajante* e o diário da pesquisadora, os quais igualmente analisamos, considerando os conceitos e os pressupostos advindos da pesquisa bibliográfica. A partir disso, os resultados obtidos nos levam a concluir que, sim, projetos de leitura literárias em turmas de berçário permitem a interação com os livros e contribuem para a formação de hábitos leitores.

Palavras-chave: Educação Infantil; Berçário; Formação de leitores; Projetos de leitura literária.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to investigate and analyze the extent to which the pedagogical projects that contemplated literary reading developed in the classes of Nursery I and II allowed the interaction between children and books, considering whether such activities corroborated for the construction of a habit reader and assisted in the reading training of these students. In order to obtain these answers, we analyze the three reading projects: *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, *cantinho do Era uma vez...* and the *Sacola Viajante* that were applied in a private school of Infant Education of Bagé/RS, during the nine months of the academic year of 2017. These actions provided us with data acquired through instruments for collecting and recording information, such as the notebook accompanying the *Sacola Viajante* and the researcher's journal, which we also analyze, considering the concepts and the assumptions derived from bibliographic research. From this, the results obtained lead us to conclude that, yes, literary reading projects in nursery classes allow interaction with books and contribute to the formation of reading habits.

Keywords: Infant Education; Nursery; Training of readers; Literary reading projects.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A CRIANÇA..... | 15 |
| 2.1 A Educação Infantil: lugar de brincadeira e de protagonismo da criança..... | 15 |
| 2.2 Os pequenos grandes curiosos: quem é a criança nesta etapa..... | 19 |
| 2.3 O adulto no universo infantil: o papel do professor e da família..... | 26 |
| 3 A CAMINHADA RUMO À FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL..... | 29 |
| 3.1 Mediando, transformando e construindo significados: os mediadores de leitura, a escola e a família..... | 32 |
| 3.2 Bem-vindo ao mundo onde o faz de conta é real: o acervo lido, a Literatura Infantil..... | 35 |
| 4 A PESQUISA..... | 42 |
| 4.1 Contextualização..... | 42 |
| 4.2 Metodologia..... | 43 |
| 4.2.1 Contexto da ação..... | 44 |
| 4.2.2 Projetos aplicados..... | 45 |
| 4.2.2.1 <i>Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos</i> : o projeto de contação de histórias em sala de aula..... | 45 |
| 4.2.2.2 O cantinho da leitura <i>Era uma vez...</i> | 47 |
| 4.2.2.3 <i>A Sacola Viajante</i> | 49 |
| 4.2.3 Registros e acompanhamento..... | 51 |
| 4.2.3.1 Diário da professora..... | 51 |
| 4.2.3.2 Caderno da <i>Sacola Viajante</i> | 54 |
| 5 OS DADOS OBTIDOS E OS RESULTADOS ALCANÇADOS..... | 59 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 67 |
| 7 REFERÊNCIAS..... | 71 |
| ANEXOS | |

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa intitulada *E agora, minha gente, uma história eu vou contar: experiências de formação de leitores no berçário* nos propomos a investigar e analisar em que medida os projetos pedagógicos que contemplaram leitura literária desenvolvidos nas turmas de Berçário¹ I e II permitiram a interação entre crianças e livros, considerando se tais atividades corroboraram para a construção de um hábito leitor e se auxiliaram na formação leitora desses alunos. Tais ações, que são nosso objeto de análise, foram aplicadas em uma escola particular de Educação Infantil de Bagé/RS, durante o período de nove meses do ano letivo de 2017.

O interesse em investigar essa temática se deu pelo fato de a pesquisadora deste trabalho atuar como docente na turma de Berçário II e, após três anos de prática com esse nível, ter percebido o interesse que as atividades que utilizavam o objeto livro despertavam nos petizes. Tendo isso em vista, foram pensados três projetos pedagógicos envolvendo a leitura literária, o *Eu conto, tu reconta e nós nos encantamos*, o *Cantinho do Era uma vez...* e o *Sacola Viajante*. Portanto, os registros e relatos provenientes dessas ações serão por nós analisados, procurando analisar em que medida projetos de leituras desenvolvidos em turmas de berçário corroboraram para a construção de um hábito leitor se auxiliaram na formação leitora desses alunos.

Nossa pesquisa se justifica pelo fato de que, para algumas crianças, o único lugar no qual há acesso aos livros é a escola, sendo o professor o mediador natural dessa primeira experiência literária. Porém, algumas escolas não desenvolvem atividades que fomentam a construção do hábito de ler. Entendemos que inclusive as escolas de Educação Infantil precisam assumir o papel de formadoras de leitores, incentivando a leitura literária em suas atividades diárias, pois para os alunos que ingressam nessas instituições, em específico em turmas de berçário, esse representa o primeiro contato com o ambiente escolar e muitas vezes com os livros também.

Sabemos que a leitura literária na infância traz inúmeros benefícios, como o enriquecimento da imaginação, o desenvolvimento da atenção, o estímulo à curiosidade e à

¹A autora optou por convencionar a grafia 'Berçário', com letra maiúscula, para caracterizar especificamente as duas turmas da escola de Educação Infantil em que será ambientada a pesquisa e o vocábulo em minúsculo caracterizando esse nível como um todo.

criatividade, a ampliação do vocabulário, a descoberta de novos conhecimentos, e outros. Ainda que as crianças bem pequenas, como as que foram envolvidas com os projetos, não leiam de forma convencional, ou seja, não decodificam palavras escritas, elas realizam a leitura de imagem e criam histórias a seu modo. Conseqüentemente, cercá-las de práticas em que a literatura se faça presente é significativo para sua formação infantil como um todo.

Considerando esses dados, é indispensável que os docentes desses pequenos se comprometam em elaborar práticas pedagógicas que auxiliem no início da caminhada leitora, assumindo o importante papel de mediadores na relação entre os livros e os alunos. Em razão da pouca idade, posto que as escolas de Educação Infantil recebem discentes a partir dos quatro meses, o professor se torna essencial para que tal interação aconteça, sendo ele geralmente o mediador natural desse processo no contexto escolar.

Por outro lado, o papel da família como mediadora é igualmente importante, pois as crianças bem pequenas necessitam desse auxílio para chegar até os livros. Mesmo que tais ações, que incentivam e promovem a leitura literária, sejam fomentadas na escola, elas precisam contar com a colaboração familiar para que haja a continuidade desse trabalho para além da sala de aula. Por essa razão esta pesquisa também envolveu atividades e registros que contam com a participação familiar.

O público para o qual foram destinados os projetos pertence a famílias de classe média alta, informação obtida a partir do Projeto Político Pedagógico da escola, o que nos leva a supor que essas crianças tenham maior acesso a bens culturais tangíveis e intangíveis. A pesquisa Retratos da Leitura no Brasil² menciona que “Em geral, quanto maior a escolaridade e a classe, maior a proporção de compradores de livros. No entanto, chama atenção que cerca de metade dos estudantes e metade dos leitores não são compradores de livros”. Logo, embora tal fator possa corroborar para a aquisição de livros, isso não é garantia de que os petizes terão esse contato estimulado e mediado, nem que se tornem leitores, assim como mostra a pesquisa. Dado isso, a importância da escola promover ações integradas para a formação de leitores.

²Pesquisa realizada pelo Instituto Pró-Livro no Brasil entre 23 de novembro a 14 de dezembro de 2015 e publicada em 2016. Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2017.

A referida pesquisa ainda indica que 11% dos entrevistados relataram que a mãe ou responsável do sexo feminino foi uma figura de influência para o desenvolvimento do gosto por ler, em seguida, com 9%, foram citados os professores. Dessa forma, presumimos que, mesmo pertencendo a uma classe social mais favorecida, esses alunos necessitam de um ambiente, de práticas e de mediadores que favoreçam a constituição e o desenvolvimento de sua formação leitora, o que esta pesquisa-ação procurou, enfim, promover e analisar.

Tendo como referência esse cenário, podemos inferir sobre a relevância de pensar em projetos que abarquem a leitura literária desde a tenra infância, visando aproximar as crianças dos livros e pensando na construção de um hábito leitor. Em vista disso, foram pensados três projetos que envolveram a leitura literária, aplicados a turmas de berçário, contemplando a presença dos livros no ambiente escolar e familiar. Logo, a partir da hipótese de que esses projetos pedagógicos corroboram com a formação do leitor, pensamos essa pesquisa baseada no cruzamento entre estudo bibliográfico sobre os conceitos pertinentes ao tema e informações colhidas a respeito dos três projetos de leitura aplicados as turmas Berçário I e II, durante nove meses do ano letivo de 2017 em uma escola particular de Educação Infantil de Bagé/RS.

O presente texto está dividido em sete capítulos. Após a introdução, temos *A educação Infantil e a criança*, que apresenta nossos pressupostos teóricos com contribuições de autores como Eliane Debus (2006), Maria Carmen Silveira Barbosa e Maria da Graça Souza Horn (2006), Yolanda Reyes (2010), Philippe Ariès (1981), Ninfa Parreiras (2008), Bruno Bettelheim (2014), Jean Piaget (1997), Lev Semenovitch Vigotski (2014) entre outros nomes. Tal capítulo está subdividido em ‘A educação Infantil: lugar de brincadeira e de protagonismo da criança’ em que trazemos contribuições advindas dos documentos norteadores da educação e em especial da Educação Infantil. Em ‘Os pequenos grandes curiosos: quem é a criança nesta etapa’ discorremos sobre as características e especificidades das crianças na primeira infância. E em ‘O adulto no universo infantil: o papel do professor e da família’ falamos sobre espaço e importância que o professor e a família possuem no desenvolvimento da criança.

O terceiro capítulo intitulado *A caminhada rumo à formação de leitores na Educação Infantil* é destinado a discorrer sobre a formação de leitores. Em ‘Mediando, transformando e construindo significados: os mediadores de leitura, a escola e a família’ inicialmente abordamos como é feita essa iniciação literária na escola, em seguida,

explanamos sobre os mediadores e o seu papel no início da caminhada leitorados pequenos. Em ‘Bem-vindo ao mundo onde o faz de conta é real: o acervo lido, a Literatura Infantil’ relatamos a respeito das características do acervo destinado para a faixa etária em questão a partir das contribuições de Regina Zilberman (1984) e (2005), Guilherme Bamberger (1995), Johan Huizinga (2008), Maria da Glória Bordini (1991), dentre outros.

No quarto capítulo, nomeado *A pesquisa*, temos como intuito apresentar os projetos de leitura e o contexto no qual foram desenvolvidos, a metodologia que norteou a nossa pesquisa, assim como os registros utilizados para coletar dados relativos às ações aplicadas e às informações neles contidas.

Finalmente, em *Os dados obtidos e os resultados alcançados* cruzamos os dados que resultaram dos projetos de leitura com as contribuições teóricas que encontramos pesquisando sobre o tema, formação de leitores na Educação Infantil. Na sequência, temos as *Conclusões*, quando respondemos a nossa questão inicial, ou seja, se as práticas pedagógicas que contemplam a leitura literária corroboram para a formação de leitores em turmas de berçário.

2 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A CRIANÇA

Para iniciar nossa pesquisa, discorreremos sobre dados relativos à Educação Infantil, fazendo uma contextualização através das leis que a preconizam, bem como dos teóricos que a caracterizam e sobre ela refletem, e dos documentos norteadores dessa etapa de ensino. Em seguida, serão abordados, através de alguns pressupostos teóricos, aspectos sobre a criança na faixa etária de quatro a dois anos, atentando para as especificidades dessa fase do desenvolvimento. Do mesmo modo, falaremos a respeito do papel que a relação da criança com os pais, os professores e os colegas possui nos primeiros anos da vida infantil.

2.1 A Educação Infantil: lugar de brincadeira e de protagonismo da criança

A Educação Infantil configura-se como a primeira etapa da educação básica e segundo o artigo 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394, de 1996) tem como finalidade “o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Percebe-se o importante papel que essa etapa possui no desenvolvimento da criança e, deste modo, os profissionais envolvidos nesse processo precisam preocupar-se com diversos aspectos relacionados à formação e aprendizagem dos alunos. Sobre isso Cerisara argumenta que

(...) É preciso ter claro que o trabalho junto às crianças em creches e pré-escolas não se reduz ao ensino de conteúdos ou disciplinas, ou de conteúdos escolares que reduzem e fragmentam o conhecimento, mas implica trabalhar com as crianças pequenas em diferentes contextos educativos, envolvendo todos os processos de constituição da criança em suas dimensões intelectuais, sociais, emocionais, expressivas, culturais, interacionais (apud DEBUS, 2006, p.17).

As práticas pedagógicas desenvolvidas na Educação Infantil precisam observar diversos aspectos da formação da criança, considerando que ela encontra-se na primeira infância, período de significativa influência no desenvolvimento infantil e em que os diferentes estímulos são fundamentais para a aprendizagem. Barbosa e Horn sustentam que o desenvolvimento de projetos com crianças bem pequenas em creches, período que antecede a educação pré-escolar, é necessário e válido:

Entre os diferentes níveis de escolaridade, a creche aparece como aquele no qual muitos acreditam não ser possível trabalhar com projetos de trabalho. Alguns fatores corroboram para isso, como, por exemplo, o fato de essa etapa de ensino estar atrelada, na sua origem, às questões relativas somente a cuidados com saúde e com a higiene e, conseqüentemente, não ser necessário preocupar-se com a aprendizagem. Nesse entendimento, as crianças muito pequenas não necessitariam de um trabalho

didaticamente organizado, pois ainda não teriam condições de aprender. Com os avanços das pesquisas na área e em estudos de teóricos mais contemporâneos, tal crença mudou radicalmente. Os estudos de Piaget, Wallon e Vygotsky, entre outros, demonstram que as crianças aprendem desde que nascem (2008, pp. 71-72).

A partir das compreensões, obtidas através de estudos relativamente recentes sobre a infância e o desenvolvimento infantil, algumas concepções foram alteradas nas práticas aplicadas na Educação Infantil. Segundo Reyes, atualmente (2010, p.19) “[...] há um consenso acerca da importância da primeira infância e, especificamente, do período entre zero e três anos como a etapa de maiores possibilidades quanto à maturação e à aprendizagem”. O espaço escolar precisa constituir-se como um lugar que possibilite a exploração das crianças, influenciando na construção de conhecimentos e oferecendo desafios que proporcionem a aquisição de novas experiências. O Plano Nacional pela Primeira Infância, documento elaborado pela Rede Nacional Primeira Infância com participação de outras organizações sociais de especialistas, pesquisadores, técnicos e pessoas que atuam diretamente com as crianças, sustenta que a proposta pedagógica da escola que recebe crianças pequenas deve:

[...] contemplar os princípios que fundamentam a formação da criança para o exercício progressivo da autonomia, da responsabilidade, da sensibilidade, da solidariedade, da criticidade e guiar uma prática de cuidado e educação na qual os aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos, sociais e culturais estejam sempre integrados e, finalmente, promover a interação com as famílias (2010, p. 50).

Além de ser esse lugar de aprendizagem, a escola também configura-se como o momento em que a criança tem seu primeiro contato com pessoas que não pertencem ao seu núcleo familiar, portanto ela imerge em um contexto com particularidades e interações sociais completamente diversificadas. O Referencial curricular nacional para a educação infantil, um dos documentos que norteia a Educação Infantil, sustenta que

Para se desenvolver, portanto, as crianças precisam aprender com os outros, por meio dos vínculos que estabelece. Se as aprendizagens acontecem na interação com as outras pessoas, sejam elas adultos ou crianças, elas também dependem dos recursos de cada criança. Dentre os recursos que as crianças utilizam, destacam-se a imitação, o faz-de-conta, a oposição, a linguagem e a apropriação da imagem corporal (1998, p. 21).

As atividades desenvolvidas na Educação Infantil precisam estar permeadas pelo lúdico, permitindo que a criança explore os mais diversos conhecimentos através da

ludicidade e da brincadeira, uma vez que é por meio das brincadeiras e do faz de conta que é possibilitado a ela construir situações e refletir sobre elas, desenvolver o seu imaginário, expressar seus sentimentos e emoções, sendo tudo isso a partir do seu olhar infantil. Da mesma forma, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil vol. 1 salientam que a criança precisa ser considerada integralmente com todas as suas especificidades:

Muitas vezes vista apenas como um ser que ainda não é adulto, ou é um adulto em miniatura, a criança é um ser humano único, completo e, ao mesmo tempo, em crescimento e em desenvolvimento. É um ser humano completo porque tem características necessárias para ser considerado como tal: constituição física, formas de agir, pensar e sentir. É um ser em crescimento porque seu corpo está continuamente aumentando em peso e altura. É um ser em desenvolvimento porque essas características estão em permanente transformação. As mudanças que vão acontecendo são qualitativas e quantitativas - o recém-nascido é diferente do bebê que engatinha, que é diferente daquele que já anda, já fala, já tirou as fraldas. O crescimento e o desenvolvimento da criança pequena ocorrem tanto no plano físico quanto no psicológico, pois um depende do outro (2006, p. 14).

É também nesse nível de ensino que as crianças começam a experienciar novos contatos com a língua, através das músicas, das relações estabelecidas com os colegas e seus professores, das brincadeiras, bem como dos momentos de ouvir histórias. A Base Nacional Comum Curricular menciona a relevância de tais situações:

A Educação Infantil é a etapa em que as crianças estão se apropriando da língua oral e, por meio de variadas situações nas quais podem falar e ouvir, vão ampliando e enriquecendo seus recursos de expressão e de compreensão, seu vocabulário, o que possibilita a internalização de estruturas linguísticas mais complexas. Ouvir a leitura de textos pelo professor é uma das possibilidades mais ricas de desenvolvimento da oralidade, pelo incentivo à escuta atenta, pela formulação de perguntas e respostas, de questionamentos, pelo convívio com novas palavras e novas estruturas sintáticas, além de se constituir em alternativa para introduzir a criança no universo da escrita (2017, p. 36).

Além de citar que a Educação Infantil é um dos lugares onde esses alunos estabelecerão seus primeiros contatos como ouvintes de histórias, mediante atividades que exploram a oralidade, assim fomentando o seu desenvolvimento, a Base Nacional Comum Curricular salienta que desde a tenra infância há interesse da criança por práticas que utilizam a leitura e a literatura:

Desde cedo, a criança manifesta desejo de se apropriar da leitura e da escrita: ao ouvir e acompanhar a leitura de textos, ao observar os muitos textos que circulam no contexto familiar, comunitário e escolar, ela vai construindo sua concepção de língua escrita, reconhecendo diferentes usos sociais da escrita, gêneros, suportes e portadores. Sobretudo a presença da literatura infantil na Educação Infantil introduz

a criança na escrita: além do desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo, a leitura de histórias, contos, fábulas, poemas e cordéis, entre outros, realizada pelo professor, o mediador entre os textos e as crianças, propicia a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros. Nesse convívio com textos escritos, as crianças vão construindo hipóteses sobre a escrita que se revelam, inicialmente, em rabiscos e garatujas e, à medida que vão conhecendo letras, em escritas espontâneas, não convencionais, mas já indicativas da compreensão da escrita como representação da oralidade (2017, pp. 37-38).

Essas ações descritas pela Base são significativas para favorecer a formação de leitores na Educação Infantil, uma vez que a presença da Literatura Infantil, no ambiente escolar de crianças pequenas é de suma importância para despertar sua curiosidade e envolvimento para tais atividades. Dentre essas intervenções literárias, destacamos a de contação de histórias que ocasiona momentos de interação, impulsionando o uso da ludicidade e a construção de novos saberes, além de propiciar a troca de conhecimentos entre os alunos e o professor. Essa proposta destaca-se também pela variedade de abordagens que oferece, assim como pela multiplicidade de significados que o trabalho com a leitura literária permite, como, por exemplo, a integração e socialização, a promoção da oralidade, e igualmente abre caminhos para a aquisição da escrita.

Após discorrer sobre os documentos norteadores e alguns pressupostos teóricos sobre a Educação Infantil, cabe ressaltar que há peculiaridades entre o ensino privado e o público, pois embora o artigo 4º, inciso II, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional relate que é dever do Estado a oferta de “educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade;”, ressaltamos que essa etapa de ensino também é ofertada em âmbito privado, como prevê a mesma lei (LDB 9.394 de 1996, Art. 20, inciso I), podendo configurar-se como particular de sentido estrito, “assim entendidas as que são instituídas e mantidas por uma ou mais pessoas físicas ou jurídicas de direito privado [...]” ou ainda caracterizar-se como comunitárias, confessionais e filantrópicas, cada uma com suas especificidades. Nesse sentido, os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil vol. 2 reafirmam que:

Todas as instituições de Educação Infantil localizadas em um município, sejam públicas ou privadas, compõem, juntamente com as instituições de Ensino Fundamental e Médio, mantidas pelo poder público, e os órgãos de educação, o sistema de ensino correspondente (municipal ou estadual) (2006, p. 27).

Tendo isso em vista, ressaltamos que as diretrizes propostas pelos documentos norteadores da Educação Infantil são válidas tanto para as escolas públicas quanto para as

instituições privadas que ofertam a Educação Infantil, no entanto é de se supor que haja diferenças ao acesso de bens culturais materiais e imateriais do público das instituições públicas e privadas, uma vez que, possivelmente os alunos da escola privada possuam acesso mais comumente a bens culturais como dança, teatro, música, arte e literatura, tanto no ambiente escolar, como no familiar; tais bens culturais não são de tão fácil acesso para famílias de menor poder aquisitivo e, conseqüentemente para suas crianças, que possivelmente experienciam tais atividades apenas nas escolas públicas.

Outro fator distinto entre a rede pública e a privada de ensino é o número de alunos em sala de aula. Considerando a realidade do município onde se situa a pesquisa, Bagé/RS, por vezes encontramos aproximadamente trinta crianças pequenas em uma sala de aula da Educação Infantil, com uma única professora; já na maioria das escolas privadas há um menor número de crianças e um maior número de professoras. Podemos inferir que tais fatores corroboram para o andamento das práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas públicas e privadas, logo, presume-se que há um maior acompanhamento e atendimento docente aos alunos em turmas com menor número de infantes.

2.2 Os pequenos grandes curiosos: quem é a criança nesta etapa

Durante nossa pesquisa nos deteremos a focar o desenvolvimento e as especificidades da faixa etária que vai de quatro meses a dois anos de idade, uma vez que essa é a idade das crianças que participam dos projetos literários que serão nossos objetos de análise. A seguir, apresentaremos algumas particularidades sobre essa fase da vida infantil, apoiadas em alguns pressupostos teóricos. Do mesmo modo, discorreremos, brevemente, sobre a concepção de infância.

Voltar-se para o estudo da criança, considerando suas características e os aspectos que constituem seu desenvolvimento, sobretudo estudar sobre ela e acerca da importância da Literatura Infantil na sua formação, é uma construção social relativamente recente. Ariès aponta que os temas relacionados à primeira infância começam a ser pensados a partir do século XVII, pois antes desse período as crianças eram vistas e representadas apenas como adultos em miniaturas. Nessa perspectiva, Ariès (1981 p.50) relata que “Até por volta do século XII, a arte medieval desconhecia a infância ou não tentava representá-la. É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de sensibilidade. É mais provável que

não houvesse lugar para a infância nesse mundo”. Considerar a infância como um momento significativo para a formação da criança é uma construção social do século XIX. Parreiras, apoiada nos estudos de Ariès, complementa apontando que:

A partir de meados do século XVIII e início do século XIX, a criança recebeu *status* próprio, como uma fase do desenvolvimento. A educação das crianças, antes atribuída às reuniões de trabalho e de lazer, passou a ser feita pela escola. Em consequência, houve a ruptura do contato e do diálogo entre adultos e crianças, o que marca o contexto da infância contemporânea.

O infante ganhou espaço nas casas, nas praças; surgiram escolas para as crianças e estudos e produtos de consumo são cada vez mais específicos e dirigidos às necessidades da criança (2008, p. 57, grifo da autora).

Apoiada nessas concepções, verificamos que nunca a criança foi tão estudada como nos dias atuais, mas também percebemos que há uma designação dos cuidados sobre ela para a escola, o que antes era feito por amas ou babás. Bettelheim menciona o afastamento familiar que ocorre na realidade de algumas crianças na sociedade atual, e o papel que a literatura assume para a construção do imaginário dos pequenos em tais circunstâncias:

Hoje, as crianças não crescem mais cercadas da segurança de uma família numerosa, ou de uma comunidade bem integrada. Por conseguinte, mais ainda do que na época em que os contos de fadas foram inventados, é importante prover a criança moderna com imagens de heróis que têm de partir para o mundo sozinho e que - apesar de no início ignorarem o que o futuro lhes reserva - encontram nele lugares seguros ao seguir seus caminhos com uma profunda confiança interior (2014, p. 15).

Logo, percebe-se que esse movimento de afastamento familiar e de falta de diálogo, em alguns contextos, é algo presente na atualidade, mesmo com os conhecimentos sobre os infantes sendo maiores e mais debatidos, o que sequer ocorria no século XV. No momento presente, é perceptível que a educação informal e formal, assim como os cuidados com o bem-estar, a higiene, e tudo que cerca o desenvolvimento pueril, são delegados, em vários momentos, apenas para a escola, havendo uma tentativa de isenção de certas famílias nessa primeira etapa do desenvolvimento infantil. Porém, sabe-se que as experiências vividas no núcleo familiar são riquíssimas e insubstituíveis à criança.

Os estudos de Piaget relatam que o período que vai do nascimento até os dois anos de idade, caracteriza-se pelas muitas mudanças físicas, cognitivas e motoras vivenciadas pelos pequenos, pois esse é um momento de transição, descobertas, em que eles estão explorando e atribuindo significados ao mundo a sua volta. Para o autor

[...] esta “assimilação senso-motora” do mundo exterior imediato realiza, em dezoito meses ou dois anos, toda uma revolução copérnica em miniatura. Enquanto que, no

ponto de partida deste desenvolvimento, o recém-nascido traz tudo para si ou, mais precisamente, para o seu corpo, no final, isto é, quando começam a linguagem e o pensamento, ele se coloca, praticamente, como um elemento ou um corpo entre os outros, em um movimento que construiu pouco a pouco, e que sente depois como exterior a si próprio (1997, p. 17-18).

Seguindo essa concepção, podemos afirmar que durante esses primeiros dois anos de vida a criança estabelece relações, em um primeiro momento, trazendo tudo para si, sendo ela o centro daquele processo, para posteriormente começar a se relacionar com o mundo exterior, explorando e se impondo diante dos acontecimentos. Piaget (1997, p. 19) relata ainda que “Entre três e seis meses (comumente por volta de quatro meses e meio), o lactente começa a pegar o que vê, e esta capacidade de apreensão, depois de manipulação, aumenta seu poder de formar hábitos novos”. Sendo assim, a partir dessa interação com objetos e com o meio em que está, o bebê começa a explorar e interagir com o ambiente.

Na concepção de Vigotski (2014, pp. 35-36), “A infância é considerada como sendo o período em que mais se desenvolve a fantasia e, de acordo com esse critério, à medida que a criança se desenvolve, a sua capacidade imaginativa e as suas fantasias começam a diminuir”. Logo, podemos concluir que nessa fase as atividades escolares que privilegiam a ludicidade, o brincar, a fantasia e o faz de conta são imprescindíveis para o desenvolvimento do imaginário. Do mesmo modo, Vigotski ressalta o papel da imaginação na constituição humana:

[...] a imaginação adquire uma função muito importante no comportamento e desenvolvimento humanos, transforma-se em meio para ampliar a experiência do homem porque, desse modo, este poderá imaginar aquilo que nunca viu, poderá a partir da descrição do outro representar para si também a descrição daquilo que na sua própria experiência pessoal não existiu, o que não está limitado pelo círculo e fronteiras estritas da sua própria experiência, mas pode também ir além das suas fronteiras, assimilando com a ajuda da imaginação, a experiência histórica e social de outros. Sob essa forma, a imaginação é condição absolutamente necessária de quase toda a atividade intelectual do homem (2014, p. 15).

Tendo como referência a colocação do autor, concebemos a influência que as vivências possuem para a constituição do imaginário infantil. Essa mesma ideia é apresentada por Mir (2004, p. 39) quando expressa que a manipulação e, por conseguinte as experiências com objetos e com o meio na qual o infante está inserido, é considerada como essencial, pois “está relacionada ao desenvolvimento afetivo e cognitivo. Constituirá uma das condutas instrumentais básicas para a adaptação da criança ao meio e à descoberta e estruturação do espaço”. Logo, a exploração visual e tátil são primordiais para a aprendizagem dos pequenos

porque partindo delas serão construídas conexões com aquilo que é exterior à criança, para que assim seja estabelecida a comunicação e a interação com o meio.

Quando pensamos nos leitores infantis envolvidos nos projetos de leitura que serão analisados em nossa pesquisa estamos focalizando um tipo de leitor específico: o leitor que ainda não lê, não lê de forma convencional, mas que está descobrindo o mundo através dos seus pequenos e curiosos olhos. As crianças dos referidos projetos estão na faixa etária entre quatro meses e dois anos de idade, portanto para pensar na formação de leitores nessa idade é necessário considerar a fase do desenvolvimento na qual eles se encontram. Sobre esse primeiro período do desenvolvimento pueril, Piaget sustenta que

O período que vai do nascimento até a aquisição da linguagem é marcado por extraordinário desenvolvimento mental. Muitas vezes mal se suspeitou da importância desse período; e isto porque ele não é acompanhado de palavras que permitem seguir, passo a passo, o progresso da inteligência e dos sentimentos, como mais tarde. Mas, na verdade, é decisivo para todo o curso da evolução psíquica: representa a conquista, através da percepção e dos movimentos, de todo o universo prático que cerca a criança (1997, p. 17).

A perspectiva apontada por Piaget descreve a referida faixa etária e salienta a importância dos estímulos nessa época, pois os pequenos estão desbravando o ambiente que os cerca e suas particularidades, e a partir dessas vivências construindo as mais diversas aprendizagens. Sosa contribui com a afirmação de Piaget quando diz que:

De um ponto de vista estritamente psíquico, a vida começa na criança [...] mediante o aparecimento das sensações, elementos mais simples dessa elaboração psíquica. Elas é que condicionarão o interesse da criança pela literatura, o gosto que lhe marcará as preferências e que irá mudando à medida que sua estrutura psíquica evolua (1982, p. 89).

Dessa forma, as experiências oportunizadas aos pequenos nesses primeiros anos de vida são decisivas para a construção de hábitos à criança, pois esse período é repleto de novas vivências que devem ser exploradas pelos pais e professores para que se tornem momentos de significativas aprendizagens. Como já mencionamos, o período que vai dos quatro meses a dois anos é marcado por inúmeras mudanças, pois a partir de um ano o bebê passa a adquirir, e a querer ter, certa autonomia sobre si, uma vez que é nessa fase que a maioria dos infantes começam a andar sozinhos e esse é um marco para a conquista de uma maior independência. Essa nova fase requer das pessoas que cuidam da criança, ou seja, família, escolas ou babás,

um maior cuidado, pois ela está experimentando novas e diversas situações até então desconhecidas, Goldschmied e Jackson descrevem especificidades sobre esse momento:

Os estudos de creches normais e domiciliares sugerem que as crianças que têm entre 1 e 2 anos recebem menos atenção planejada e são consideradas, pelas cuidadoras, o grupo etário mais difícil. Em grupos familiares de idades variadas, elas são muitas vezes vistas como perturbadoras, tendo perdido o interesse por brinquedos para bebês, mas sendo ainda muito novas para se envolver nas atividades mais estruturadas oferecidas às crianças mais velhas. Assim que desenvolvem a capacidade de se mover pelo ambiente rapidamente, elas têm de ser vigiadas o tempo inteiro (2006, p. 129).

A partir da fala das autoras, nota-se que há certa resistência de algumas cuidadoras em desenvolver atividades com essas crianças devido à necessidade, completamente natural para o período, que os pequenos têm de tatear, manipular, olhar o ambiente e tudo o que lhes cerca. Também fica evidente que as mudanças e conquistas desse período nem sempre são encarados de forma positiva pelos adultos responsáveis pelo infante, pois ele começa a impor e expressar suas vontades. O que inicialmente era feito através do choro ou de balbucios passa a ser oralizado, como relatam Goldschmied e Jackson (2006, p. 134) “Ao final do segundo ano de vida, muitas crianças já montam frases com três ou quatro palavras, e as formas gramaticais começam a aparecer”. Portanto, além da conquista motora o desenvolvimento da oralidade é marcante para a criança dessa idade, pois ela passa a interagir de maneira mais efetiva com o meio e as pessoas que com ela convivem.

Outra forte característica pueril aos dois anos de idade é o egocentrismo, pois quem acompanha o crescimento da criança percebe que essa é a “fase do meu”, em que a criança não quer dividir brinquedos, livros, e igualmente a atenção das pessoas que lhe cercam, mas nesse momento ela já verbaliza suas vontades e gostos. Para Piaget (1997) o período que vai de dois a sete anos, além de ser marcado pela linguagem, destaca-se pela socialização do indivíduo, a aparição do pensamento e a intuição. O autor declara que:

No momento da aparição da linguagem, a criança se acha às voltas, não apenas com o universo físico como antes, mas com dois mundos novos e intimamente solitários: o mundo social e o das representações interiores. Lembramo-nos de que, a respeito dos objetos materiais ou corpos, o lactente começa por uma atitude egocêntrica – na qual a incorporação das coisas à sua atividade predomina sobre a acomodação – conseguindo, apenas gradativamente, situar-se em um universo objetivado (onde a assimilação ao objeto e a acomodação ao real se harmonizam entre si). Da mesma maneira, a criança reagirá primeiramente às relações sociais e ao pensamento em formação com egocentrismo inconsciente que prolonga o do bebê. Ela só se adaptará, progressivamente, obedecendo às leis de equilíbrio análogas às do bebê, mas transpostas em função destas novas realidades. É por esse motivo que se observa, durante toda a primeira infância, uma repetição parcial em planos novos, da

evolução já realizada pelo lactente no plano elementar das adaptações práticas. Estas espécies de repetição, com defasagem de um plano inferior aos planos superiores, são extremamente reveladoras dos mecanismos íntimos da evolução mental (1997, pp. 24-25).

De acordo com essa perspectiva, é nítido no período iniciado aos dois anos que os infantes estão lidando e tentando assimilar sentimentos e acontecimentos novos, logo o egocentrismo é inerente e natural para essa faixa etária. Desse modo, os conflitos que surgem com outras crianças e mesmo com adultos para disputar a atenção, participar de brincadeiras e igualmente partilhar brinquedos e outros objetos, são atitudes naturais, demonstradas por alguns pequenos, ao período do desenvolvimento que está sendo vivenciado. Ressaltamos que as interações, em especial com outras crianças, mesmo as conflituosas são determinantes para a aprendizagem, como explica Oliveira et al.:

A interação é o elemento crucial do processo de aprendizagem. Daí as situações pedagógicas constituírem-se por meio das trocas simbólicas, ou de significados, entre sujeitos de diferentes níveis de desenvolvimento. Além das interações entre adultos e crianças, as interações que as crianças estabelecem entre si oferecem ricas oportunidades de aprendizagem por causa da proximidade, mas não da igualdade, de competências entre crianças de idades próximas e pela possibilidade de cada uma delas identificar-se com os parceiros: outros bebês ou crianças um pouco maiores (2012, p. 111).

Os momentos destinados para a brincadeira, para a alimentação e higiene e para as atividades pedagógicas são propícios para tais interações, sendo o professor indispensável para fazer a mediação dessas relações e conflitos que ocorrem em sala de aula. Sabe-se que a escola comumente é o primeiro e, por vezes, o único lugar onde essas crianças vão estabelecer relações com outras crianças e adultos não pertencentes ao seu núcleo familiar, pois na sociedade contemporânea cada vez mais os infantes não participam de brincadeiras ou atividades ao ar livre em grupos, transferindo para o ambiente escolar a promoção de tais atividades. Barbieri discorre sobre o universo infantil e suas particularidades na época atual:

Estamos vivendo em um mundo onde não existe mais separação entre o universo da criança e o universo do adulto, as crianças pequenas são atravessadas pelo mundo, a infância está desarticulada de seu sentido, está sendo violentada. É necessário preservar o universo da criança, para que ela possa brincar e exercitar a sua potência de inventar e construir (2012, p. 28).

No contexto social atual, como afirma Delgado (1998, p. 209, tradução nossa) “Felizmente, os movimentos e propostas a favor da infância em todo o mundo não param de crescer. Nunca na história a infância havia tido tantos defensores”, porém, apesar de termos

muitos conhecimentos a respeito da infância, das suas necessidades e peculiaridades e mesmo leis que amparam e visam proteger a criança, ainda existe um enorme caminho a ser percorrido, pois é evidente que muitas crianças vivenciam e enfrentam situações inadequadas à sua idade, sendo privadas de viver experiências naturais da infância como o brincar, a convivência com a família, a possibilidade de interagir e explorar o ambiente, entre outras descobertas. Há também as crianças que vivem em vulnerabilidade social e que sofrem com inúmeras adversidades e privações. Nesse sentido, salientamos, a partir das considerações de Delgado (1998), que a criança é um sujeito de direito e que seus direitos precisam ser assegurados. Entre os assuntos de maior importância relativos à infância na atualidade e que deveriam ser inseridos no Tratado da União Europeia, segundo o autor, estão:

- 1) Prostituição e abuso sexual infantil.
- 2) Direito da infância em ser considerada.
- 3) A infância como grupo com personalidade própria precisa ser escutada nas questões que lhe afetam direta e indiretamente.
- 4) Exploração do trabalho na infância. Nenhuma criança trabalhará como assalariado antes de completar os 16 anos e sem haver terminado sua escolarização obrigatória.
- 5) As famílias não serão separadas.
- 6) A União Europeia deve conceder uma proteção especial aos meninos e meninas vítimas de torturas, maus-tratos ou exploração de qualquer tipo.
- 7) Defesa da infância das seitas destrutivas.
- 8) As crianças da União Europeia têm direito a participar da troca social de ideias e opiniões.
- 9) Direito à educação em nível de igualdade para todos os meninos e meninas nativos e imigrantes.
- 10) Direito a própria cultura, religião e língua.
- 11) Direito especial a saúde, sem nenhum tipo de discriminação (1998, pp. 209-210).

Constata-se que, mesmo com as novas percepções sobre os infantes, há muito que ser pensado e considerado para que realmente os seus direitos sejam cumpridos, e para que o início da vida dos pequenos seja aproveitado e vivido da maneira mais leve possível. A infância deve ser cercada de proteção, cuidados, afetos e situações significativas para o aprendizado pueril, possibilitando o seu pleno crescimento e desenvolvimento. Tais tarefas e responsabilidades cabem em primeiro lugar à família e, na sequência, à escola.

No próximo item, com o intuito de aprimorar nosso breve relato sobre algumas características infantis, discorreremos sobre o papel que os adultos que cercam a vida dos pequenos, pais, professores e cuidadores, desempenham e qual a importância dessas relações para o desenvolvimento pueril.

2.3 O adulto no universo infantil: o papel do professor e da família

A construção de vínculos e das relações sociais se estabelece desde o nascimento nos seres humanos, geralmente essas primeiras interações se constituem no ambiente familiar para posteriormente serem expandidas em sociedade. Nesse sentido, Mir afirma que

A criança é um ser social e, assim, necessita da presença do outros seres humanos para efetivar suas possibilidades como pessoa. As capacidades humanas sejam de ordem intelectual ou afetiva, estão presentes no momento do nascimento, mas unicamente como possibilidade para alcançar seu pleno desenvolvimento e realização. Isto é, para que possa passar de potencialidade a realidade, é necessária a presença de outros seres humanos (2004, pp. 48-49).

Tendo isso em vista, podemos pensar que, por vezes, o primeiro contato social da criança fora do seu grupo familiar será na escola. Nessa perspectiva, caberá ao professor ser o responsável por intermediar a relação entre os pequenos e o meio escolar. Logo, o docente de Educação Infantil assume um papel duplo em turmas de crianças bem pequenas, o de cuidador e o de professor simultaneamente, pois além de exercer as tarefas cotidianas para a regência de uma turma, como por exemplo, o planejamento e a elaboração de atividades, há a preocupação com cuidados de higiene, de alimentação e do bem-estar físico das crianças, uma vez que elas ainda são muito novas e precisam de auxílio para se alimentar e realizar tarefas de higiene, como trocar de fraldas e higienização bucal. Os petizes com idade até dois anos necessitam de mediação, acompanhamento e supervisão constantes de um adulto para execução de tarefas diárias e para exploração do ambiente. Mir considera que o meio onde a criança se situa e as possibilidades de exploração que ele permite são decisivos nos primeiros momentos da vida infantil:

[...] é fundamental que, desde os primeiros momentos da existência, a criança se encontre em um meio rico e estimulante. Rico em vivências afetivas, que lhe ofereçam um âmbito adequado para a aquisição de uma segurança básica sobre a qual assentar o autoconceito e o crescimento da personalidade. Estimulante de maneira que as interações pessoais e com o meio físico lhe ofereçam a oportunidade de experiências de descoberta que permitam ir estruturando as bases de seu conhecimento no mundo e de seu progressivo avanço cognitivo (2004, p. 35).

O acompanhamento e estímulo familiar nesse período são primordiais para o pleno desenvolvimento pueril, porém quando a criança é encaminhada à escola é perceptível, em alguns casos, que há um afastamento dos pais, o que dificulta a construção da relação família e escola. Os fatores são diversos para o não estabelecimento do vínculo família/escola, seja pela demanda cada vez maior de trabalho dos pais, o que não possibilita um acompanhamento

mais atento da vida escolar da criança, ou mesmo pela falta de interesse familiar em observar e participar efetivamente do cotidiano escolar e das suas solicitações, sendo que tais dados são perceptíveis tanto na realidade da instituição pública como da privada.

No entanto, existem situações em que as escolas impõem dificuldades em permitir a ativa atuação da família no ambiente escolar, não se disponibilizando em ouvir as reivindicações ou, mesmo quando as ouve, não as considerando. Além disso, por vezes as famílias enxergam as instituições apenas como prestadoras de serviços, das quais fazem cobranças, mas sem demonstrar nenhum interesse em colaborar com as propostas da escola. De acordo com Guimarães,

De modo geral, quando a instituição aborda o outro/família, refere-se ao lugar da falta (de tempo, de atenção, de escuta, de lugar para a criança). Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que quando a família se refere à instituição, é comum colocá-la no lugar da prestadora de serviço (também em falta), de atenção (individualizada), de cuidados básicos. Perguntamos: a instituição reconhece as mães, pais e familiares das crianças no lugar de sujeitos? E a família reconhece os profissionais como sujeitos dos processos educacionais que envolvem seus filhos? (2012, p. 91).

Percebemos que a falta de diálogo entre a escola e a família acarreta em perdas significativas na aprendizagem da criança, uma vez que a parceria entre a instituição de ensino e o núcleo familiar é imprescindível para o bom desenvolvimento das propostas da escola, bem como das expectativas que a família possui sobre o aprendizado da criança.

Sabe-se que o andamento de muitas atividades escolares depende dessa comunicação e parceria com as famílias, no entanto em determinadas situações, devido à ausência da família e à falta de comunicação com a instituição de ensino, há a tentativa da escola em suprir as lacunas advindas da baixa ou nenhuma participação dos pais, porém esse não é o seu papel, pois o núcleo familiar possui suas atribuições específicas, da mesma forma que o núcleo escolar. Nessa perspectiva, Guimarães contribui dizendo que:

[...] quando professores e equipe técnica se colocam ou como aqueles que substituem as famílias, ou como aqueles que vão instruir, orientar, transmitir conhecimentos sobre como educar as crianças. O saber das famílias e suas realidades de vida são destituídas de valor e legitimidade (2012, pp. 91-92).

A função da família e da escola, embora precisem estar em sintonia, é distinta, e essa distinção não pode ser perdida de vista. Essa relação precisa ser entendida como complementar, onde escola depende da família e vice-versa, uma vez que muitas crianças chegam às escolas de Educação Infantil aos quatro meses e, portanto, o ambiente escolar também passa a integrar o meio responsável por proporcionar estímulos adequados para o

desenvolvimento delas enquanto sujeitos, englobando o seu progresso nos aspectos físico, motor, intelectual, afetivo, emocional e social. Nessa mesma linha, Castro faz considerações sobre o protagonismo que pais e professores têm para a construção dos primeiros conhecimentos na tenra infância:

O adulto, nos primeiros meses a mãe, o pai, e logo a educadora das escolas infantis, tem um papel insubstituível para a integração precoce da criança na sociedade. Todos os que tenham conhecido e mantido uma relação contínua e sistemática com um bebê durante seu primeiro ano de vida sabem perfeitamente de sua capacidade comunicativa com um adulto que lhe é familiar. Essa capacidade tem um objetivo que o diferencia dos outros animais, já que sua atividade visa a converter a experiência em estruturas que o ajudarão a entender e sistematizar o mundo à sua volta. Sistematização favorecida pelo contexto familiar, com situações reiteradas, tanto para suprir suas necessidades: alimentá-lo, vesti-lo, despi-lo, dar-lhe banho, levá-lo para passear, dormir, acordar, como pelos jogos repetitivos que a criança realiza com as pessoas próximas ou sozinha, no berço. Essa ordem construtivista, de acordo com a nomenclatura piagetiana, será transferida mais tarde para o mundo da linguagem, pois, quando a criança começa a falar, já elaborou inúmeras hipóteses de caráter abstrato relacionadas ao espaço, ao tempo, à causalidade (2004, p. 179).

Nesse sentido, é necessário que haja um diálogo entre o que é feito entre a criança e a família e o que criança realiza na escola, pois são esses momentos partilhados pela criança com os adultos que lhe cuidam e educam que serão decisivos para a formação e construção da identidade infantil. A propósito disso, Goldschmied e Jackson afirmam que é necessário que exista uma comunicação bem estabelecida entre a família e a escola para que o infante tenha referências bem estabelecidas:

[...] as administradoras da creche e as educadoras têm de fazer um esforço consciente para criar uma ponte que conecte a creche, o lar e a família de cada criança, por meio da qual as informações e também as pessoas possam passar livremente de um lado a outro, de forma que haja o máximo de congruência e continuidade possível para a criança (2006, p. 219).

A parceria escola e família é fundamental principalmente quando estamos falando de crianças bem pequenas (de quatro meses a dois anos), pois esse vínculo é imprescindível para o bom desenvolvimento pessoal e escolar na primeira infância. Quando trazemos esses dados para o contexto dos projetos que serão analisados, essa participação familiar é consideravelmente relevante, uma vez que um dos projetos foi pensado para inserção do grupo familiar como mediador e formador de leitores. É sobre a longa e desafiante função de propiciar a esses infantes o contato com os livros e com a Literatura Infantil, durante a Educação Infantil e no ambiente familiar, que discutiremos a seguir.

3 A CAMINHADA RUMO À FORMAÇÃO DE LEITORES NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Formar leitores é uma longa e desafiadora tarefa frequentemente delegada apenas à escola. Dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada em 2015, revelam que no Brasil 44% da população não lê. A mesma pesquisa ainda aponta que 67% das pessoas entrevistadas mencionam que não houve incentivo para sua formação leitora. Sabemos que a jornada para formar leitores é extensa, pois a habilidade de leitura é desenvolvida ao longo da vida e para isso é necessário possibilitar que desde a primeira infância haja contato com um ambiente que propicie o desenvolvimento e a qualificação da competência leitora.

Sabe-se que os ganhos que a leitura literária proporciona são muitos, entre eles estão o desenvolvimento e a ampliação do imaginário, a aquisição de novas palavras, a descoberta e conquista de novas aprendizagens de forma lúdica, o estímulo à criatividade, bem como a oportunidade de compreender o mundo e a si mesmo. Porém, quando a Literatura Infantil é levada para a escola corre-se o risco de haver a sua má escolarização, ou seja, a submissão da literatura apenas para fins pedagógicos, anulando o literário. Soares (2001, p. 20) vê a questão “tomando as relações entre literatura infantil e escolarização como sendo a apropriação, pela escola, para atender a seus fins específicos, de uma literatura destinada à criança, ou que interessa à criança”. Portanto, a exploração do texto literário apenas para desígnios pedagógicos, desconsiderando o seu valor estético. Cabe lembrar que estamos, nesse momento, discutindo sobre a má exploração dos textos literários pela escola e que nem sempre isso ocorre, pois existem práticas que utilizam o texto pertinentemente.

Pensar na formação de leitores na Educação Infantil significa considerar vários fatores, entre eles: a criança, a escola, o ambiente de sala de aula, os professores e profissionais que estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, as atividades por eles desenvolvidas e o acervo disponível. Em alguns casos, os primeiros contatos entre essas crianças e os livros acontecem em sala de aula, através da mediação dos professores, portanto o hábito de leitura acaba sendo construído em sala de aula, sendo esse um dos acessos ao mundo letrado. Nessa perspectiva Debus afirma que:

Quando a criança pequena passa os dedos levemente na letra encerrada numa página ou na imagem colorida estampada no livro e tenta construir hipóteses de sentido através desse exercício, ela está se apropriando de uma leitura específica para aquele momento, a sua leitura imaginária/ficcional/de “mentirinha”, mas sua. O professor, ao inseri-la nas práticas sociais de leitura – ir à biblioteca, ler em voz alta, contar histórias -, está mediando o processo e contribuindo com a inserção e permanência dela nesse mundo letrado (2006, p. 19).

A literatura suscita no leitor a possibilidade de descobrir novos lugares, conhecimentos, mobilizando sentimentos e emoções. Os aspectos afetivos e simbólicos oportunizados pelo contato com livros são significativos para as crianças na faixa etária de quatro meses a dois anos, pois elas buscam identificação com as narrativas e, por vezes, reproduzem em suas interações sociais as vivências obtidas com a leitura. São igualmente instigadas a criticidade e a sensibilidade, propiciando a humanização através da interação com os livros. Segundo Candido, podemos compreender como humanização

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (2011, p. 82).

Assim como as demais expressões artísticas, a literatura desperta e mobiliza o ser humano a utilizar em seu cotidiano novas maneiras de comunicação e, possivelmente, transforma e amplia a sua visão de mundo. No universo infantil a literatura desperta diferentes emoções e sentimentos, proporcionando à criança a inserção no mundo literário, aproximando-a do seu meio cultural e também expandindo-o. Nessa perspectiva Kramer colabora dizendo:

[...] tenho defendido uma concepção que reconhece o que é específico da infância – seu poder da imaginação, fantasia, criação – mas entende as crianças enquanto cidadãs, pessoas que produzem cultura e são nela produzidas, que possuem um olhar crítico que vira pelo avesso a ordem das coisas, subvertendo essa ordem. Esse modo de ver as crianças pode ensinar não só compreendê-las, mas também a ver o mundo a partir do ponto de vista da infância (2000, p. 12).

Considerar as especificidades da infância é essencial para propor essa aproximação entre os pequenos e o mundo literário, sendo que o fomento dessas características desde a primeira infância é decisivo para a construção da caminhada do leitor. Reconhecemos que, por vezes, o primeiro contato literário ocorre ainda nos primeiros meses de vida do recém-nascido e é feito, mesmo que de forma involuntária, pela família ou por seus cuidadores através das cantigas de ninar e da literatura oral, assim assegura Debus:

Por isso, quando sussurramos no ouvido do bebê a melodia inquietante da cantiga de ninar, acalantamos e asseguramos mais do que o seu apaziguamento, o introduzimos, mesmo sem perceber, no encantamento da literatura, uma literatura oral que deve ter sua permanência garantida no repertório infantil. Faz-se necessário

compreender o seu valor na formação leitora da criança. Por esse viés, a criança se constitui leitor do texto literário a partir do momento em que tem acesso a essas narrativas por meio da oralidade, bem antes de ser inserida no contexto da oficialidade do mundo letrado do Ensino Fundamental, com suas divisões em séries e conteúdos programáticos (2006, pp. 53-54).

Geralmente essa iniciação literária que acontece na família é estimulada e assumida pela escola infantil, uma vez que diversas crianças são inseridas no contexto escolar ainda em seus primeiros meses de vida. Nessa circunstância a mediação do professor é crucial para a continuidade e aprimoramento da capacidade leitora dos pequenos. Cerrillo Torremocha enfatiza que a escola configura-se como o espaço para a leitura aos pequenos que não tiveram essa oportunidade no âmbito familiar:

Quem não encontrou em sua família o ambiente propício para começar sua prática de leitura regular, deverá ter na escola, um âmbito em que é necessário distinguir entre a leitura como obrigação e a leitura como prazer e entretenimento, atividades que determinam, como bem apontou Rodari, a existência de dois tipos de crianças leitoras: as que leem porque é um dever escolar e as que leem porque gostam. É fácil deduzir, então, a importância que tem o processo educativo na formação e desenvolvimento de hábitos leitores de longa duração, sobretudo nos primeiros anos (2013, p. 35, tradução nossa).

Os momentos de leitura coletiva em sala de aula ou de exploração individual do livro pelos pequenos são significativos para o desenvolvimento e constituição de um hábito leitor. Segundo Zilberman (2003), a escola e a literatura possuem uma relação formativa, embora, por vezes, essa relação seja compreendida de forma equivocada, pois o texto literário é utilizado em algumas instituições escolares apenas como pretexto para fins pedagógicos. Por isso, consideramos que o trabalho com literatura em sala de aula precisa contemplar todos os seus aspectos, principalmente o seu valor estético e humanizador, uma vez que formar leitores é uma tarefa complexa que precisa observar tais características. Nessa direção, Smolka considera a leitura uma prática social:

Por isso, quando falo da atividade da leitura, não falo, simplesmente, de um “comportamento” de leitura, de uma maneira de proceder ou de um conjunto de habilidades e atividades frente a um texto num contexto social. Falo da atividade da leitura como forma de linguagem, originária da dinâmica de interações humanas – portanto, de natureza dialógica – que, em processo de emergência e transformação no curso da História, marca os indivíduos (em termos cerebrais mas não genéticos) e configura as relações sociais. Falo da leitura não como um mero “hábito” adquirido, mas como atividade inter e intrapsicológica, no sentido de que os processos e efeitos dessa atividade de linguagem transformam os indivíduos enquanto medeiam a experiência humana. (É essa dimensão inter e intrapsicológica que distingue a atividade de escovar os dentes da atividade de ler o jornal todas as manhãs.) Falo,

portanto, da leitura como mediação, como memória e prática social (2010, pp. 43-44).

Consequentemente, as atividades que envolvem leitura favorecem a formação e a transformação do aluno por meio dessas práticas de leitura. Logo, os pequenos iniciarão a sua formação leitora, apoiados por práticas leitoras sistematizadas, comumente asseguradas pela família e pela escola. Abramovich (1997, p. 16) menciona a valia que a contação de histórias, e consequentemente as práticas de formação de leitores, possuem para constituição da criança: “Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo...”. Desse modo, não podemos perder de vista o crucial papel do mediador nesse processo e a presença da literatura no ambiente familiar e escolar, e será sobre o lugar que os mediadores de leitura ocupam na formação das crianças pequenas que discorreremos a seguir.

3.1 Mediando, transformando e construindo significados: os mediadores de leitura, a escola e a família

Quando pensamos na formação de pequenos leitores, imediatamente precisamos considerar o espaço que os mediadores de leitura possuem para a realização dessa prática. Em um primeiro momento, normalmente, esse papel é desempenhado pelos pais, através das cantigas e das narrativas orais. Nessa perspectiva, Reyes sugere a importância que a família possui na iniciação das práticas leitoras com o recém nascido:

Esse sujeito tido como protagonista pelas novas concepções sobre a leitura e reconhecido como parte ativa na construção do significado se associa à ideia de sujeito infantil, também participante nos fatos de linguagem e de cultura, do qual se incumbe a psicologia atual. No contexto desses acordos disciplinares, as primeiras relações entre o bebê e sua mãe têm importância crucial como matriz ou “ninho” de todo ato de leitura, desde o mais simples ou mais sofisticado, pois no fundo a “interpretação” não passa de um jogo de dois ou mais sujeitos que se transformam mutuamente no processo de negociação de sentidos (2010, p. 23).

Tendo isso em vista, concebemos o quão significativos são esses primeiros contatos da criança com os pais para a sua formação leitora. A autora menciona que essa relação é “o ninho”, ou seja, a base para os atos de leitura posteriores. O estabelecimento desse primeiro contato com a literatura oral e com as histórias dos seus antepassados, consequentemente das

suas histórias, é essencial para a construção da criança como sujeito social. Nesse sentido Fonseca colabora argumentando que

Além das histórias milenares, também temos as narrativas pessoais. Nossas histórias de vida, carregadas de sensações, sentimentos, de passagens alegres, tristes, vitoriosas, frustrantes, modificadas em seus detalhes para ficarem mais divertidas, para ganharem mais emoção. Histórias de nossos antepassados (os quais muitas vezes nem chegamos a conhecer), e que estávamos longe de viver, mas das quais nos sentimos parte. Elas são nossas histórias e fazem parte da construção de nossa identidade, explicam de onde viemos, quem somos, em que acreditamos, como vivemos. Portanto, faz muito sentido pensarmos a literatura como porta de entrada para a leitura das crianças. As histórias abordam situações muito próximas de seu cotidiano, falam de famílias, diferentes culturas e épocas, dos sentimentos, das relações, alimentam a imaginação e a fantasia, e contribuem com a socialização. Além disso, durante parte da infância as crianças buscam saber o que faz parte da realidade e o que é ficção. Sem dúvidas estes são conceitos difíceis, porém as histórias as ajudam a compreendê-los. Fornecem elementos para a ampliação de seu conhecimento literário, social, histórico e cultural (2012, pp. 23-24).

A construção de saberes através da transmissão das histórias familiares, das lendas e da cultura oral, é reconhecida como porta de entrada para intencionarmos a formação leitora infantil. Essa mesma ideia é confirmada por Barbieri quando discorre sobre a importância que a colaboração familiar possui para a construção de saberes culturais:

Cada pessoa tem seu repertório que pode ser riquíssimo e muitas vezes pouco valorizado, ficando perdido em um cantinho da memória. É preciso soprar essa brasa da cultura singular de cada lugar para que se fortaleça na escola. Temos camadas de riquezas dentro de nós, que precisam ser compartilhadas e ensinadas para as crianças. Para isso, os pais também devem ser chamados a trazer suas contribuições, e todas elas precisam ser compartilhadas. Caso contrário, uma riqueza cultural ancestral vai se perdendo, a cultura da televisão vai se impondo e se perpetuando (2012, p. 29).

Sabemos que no contexto da sociedade atual há um distanciamento cada vez maior da transmissão das tradições, das cantigas infantis e das histórias de família através da oralidade. Assim como nem sempre os pais se preocupam em fomentar essa aproximação entre a criança e a literatura, seja ela oral ou escrita. Com base nas afirmações feitas pelas autoras, entendemos que a família certamente é o primeiro mediador de leitura, estando ela consciente ou não de seu papel como formadora de leitores. Porém, para desempenhar a efetiva tarefa de formar leitores o núcleo familiar precisa dispor de tempo, afeto e comprometimento, pois formar leitores é uma atividade que demanda continuidade, portanto algo que deve ser cultivado no dia a dia da família.

Logo que a criança dá início a sua vida escolar, geralmente na Educação Infantil, o papel de mediador de leitura é naturalmente designado ao seu professor. Ele, tal como os pais, torna-se essencial para a entrada dos alunos no mundo literário e na construção de um sujeito leitor, pois as atividades que envolvem a leitura literária precisam ser pensadas considerando as especificidades da faixa etária, assim como a seleção dos gêneros que serão levados para sala de aula. Fonseca salienta o papel de protagonista que o professor da Educação Infantil precisa assumir para o êxito dessas propostas:

O professor de Educação Infantil tem um papel importantíssimo nessa fase da vida da criança, em relação aos seus primeiros contatos com a leitura e à formação de hábitos leitores. Ele tem uma grande responsabilidade e precisa se preparar com compromisso e profissionalismo (2012, p. 36).

O professor constitui-se como o mediador natural desse processo de aproximação entre as crianças e o objeto livro na escola. É dele o papel de aguçar a curiosidade dos alunos pelas narrativas e pelos poemas. Essa tarefa, a de estabelecer o vínculo entre os pequenos e o livro, precisa ser alimentada durante esses primeiros anos na escola, dado que esses alunos ainda não leem, portanto sua mediação é primordial para constituição do sujeito leitor.

Tão importante quanto o papel do professor como mediador é o da família, nesta direção, Cerrillo Torremocha afirma que:

Em todo esse processo, que se desenvolve durante os primeiros anos de vida das pessoas, há duas vozes mediadoras que intervêm de uma maneira decisiva: uma procede da esfera familiar e a outra da esfera escolar. Na família, porque o contato da criança com a linguagem escrita é produzida muito antes que ela aprenda a ler [...] (2013, p. 34, tradução nossa).

É necessário pensar nesses dois mediadores principais, o professor e a família, como promotores da leitura nos primeiros anos de vida pueril. Ortiz e Carvalho (2012, p. 16) afirmam que “[...] a família é o primeiro contexto de educação da criança pequena. É no seio da família que os primeiros significados são mediados e as primeiras experiências afetivas são vivenciadas”. Portanto, o vínculo entre a criança e os livros precisa ser estimulado no meio familiar e, conseqüentemente, esse estímulo deve ser mantido no ambiente escolar, principalmente para os pequenos que ainda precisam dessa pessoa que estabeleça o seu contato com as obras literárias. Embora nem sempre esses ambientes, familiar e escolar, dialoguem quanto à formação de leitores, é necessário que a mediação de leitura e o contato

com os livros seja propiciado ao menos por algum deles, uma vez que tal contato pode ser a única possibilidade de acesso à leitura e às experiências únicas que ela implica.

3.2 Bem-vindo ao mundo onde o faz de conta é real: o acervo lido, a Literatura Infantil

Esse item será dedicado à apresentação de um breve relato histórico sobre as primeiras produções literárias infantis e o surgimento da Literatura Infantil, bem como sobre as especificidades do acervo ofertado atualmente às crianças na Educação Infantil, atentando para as obras que são disponibilizadas para essa fase.

Assim como os estudos sobre a criança e a infância, as primeiras produções literárias voltadas para esse tipo de leitor começaram a surgir no século XVIII, segundo Zilberman:

Dentre as formas literárias existentes, uma das mais recentes é constituída pelos livros dirigidos às crianças. A literatura infantil apareceu durante o século 18, época em que as mudanças na estrutura da sociedade desencadearam repercussões no âmbito artístico que persistem até os dias atuais. [...] É nesse contexto que surge a literatura infantil; seu aparecimento, porém, tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo *status* concedido à infância na sociedade e da reorganização da escola. Conseqüentemente, vincula-se a aspectos particulares da estrutura social urbana de classe média, não necessariamente industrializada. Por sua vez, sua emergência deveu-se antes de tudo à sua associação com a pedagogia, já que as histórias eram elaboradas para se converter em instrumento dela. Por tal razão, careceu de imediato de um estatuto artístico, sendo-lhe negado a partir de então um reconhecimento em termos de valor estético, isto é, a oportunidade de fazer parte do reduto seletivo da literatura (1984, pp. 3-4, grifo da autora).

A ideia apontada pela autora esclarece sobre o aparecimento da Literatura Infantil, bem como para quem e para o quê era destinada. Nota-se que, anteriormente, essa literatura era vista como de menor valor estético, fato esse que, por vezes, ainda ocorre na atualidade. Outro dado relevante, referido por Zilberman, é a ideia de utilizar essa produção literária para fins pedagógicos, portanto para educar as crianças burguesas da época. Nessa mesma perspectiva, Parreiras (2008, p. 60) indica que “O primeiro livro ilustrado para crianças foi publicado por John Newbery, na Inglaterra, no século XVIII [...]”. Porém, os primeiros indícios de Literatura Infantil apontam, segundo a mesma autora (2008, p.60), para “séculos antes de Cristo, com raízes no conto maravilhosos, narrativas colhidas na oralidade popular”. Já a Literatura Infantil brasileira data o início da sua produção para o final do século XIX, como assegura Zilberman (2005); foi nesse período que as primeiras produções literárias brasileiras voltadas para a infância começam a aparecer. Ainda sobre o surgimento da Literatura Infantil, Zilberman contribui dizendo que:

A conceituação da literatura infantil supõe uma consideração de ordem histórica, uma vez que não apenas o gênero tem uma origem determinável cronologicamente, como também seu aparecimento decorreu de exigências próprias de seu tempo. Outrossim, há um veículo estreito entre seu surgimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização européia moderna e, por extensão, ocidental. Trata-se da emergência da família burguesa, a que se associam, em decorrência, a formulação do conceito atual de infância, modificando o *status* da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visarão a preservar a unidade do lar, e especialmente, o lugar do jovem no meio social. As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia, e de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas estão inter-relacionadas, como são uma conseqüência do novo posto que a família, e respectivamente a criança, adquire na sociedade. É no interior desta moldura que eclode a literatura infantil (1984, p. 4, grifo da autora).

Essa produção literária concebida como pedagógica surgiu para sanar uma demanda específica, a educação das crianças burguesas, e inicialmente as obras tinham esse caráter instrutivo e educativo, sendo exploradas de forma bastante pedagógica. Tal literatura, pensada para educar as crianças, ainda é produzida e utilizada pela escola, bem como a Literatura Infantil com cunho estético, porém, por vezes, uma é tomada pela outra, ou seja, ocorre a exploração do texto literário apenas para suprir as demandas pedagógicas da escola, desconsiderando seu valor estético, simbólico e suas especificidades.

Como já mencionamos, os pequenos leitores possuem especificidades, conseqüentemente percebe-se que o acervo destinado para essa faixa etária possui, igualmente, características únicas. Entre elas, destacamos o caráter lúdico que essa produção literária precisa possuir, conforme enfatiza Zilberman (2005, pp. 129-130) “A valorização do lado lúdico da linguagem propiciou a expansão da poesia endereçada à infância, a partir dos anos 80. Introduzindo, nos versos e nas estrofes, a perspectiva da diversão, do jogo e da brincadeira [...]”. Essas características lúdicas são essenciais para o desenvolvimento das propostas literárias, considerando que essas crianças são muito pequenas e necessitam de propostas que favoreçam a capacidade do brincar.

É fundamental que o brincar apareça em diversos momentos da rotina escolar na Educação Infantil, visto que é um dos momentos de significativas descobertas e aprendizagens para a criança, pois nele são construídos conceitos acerca do mundo que a rodeia. Friedmann (2012, p. 19) argumenta que o brincar “Diz respeito à ação lúdica, seja brincadeira ou jogo, com ou sem o uso de brinquedos ou outros materiais e objetos. Brinca-se também usando o corpo, a música, a arte, as palavras etc.”. Essas ações, entre outras,

possibilitam que os pequenos expressem-se de forma mais espontânea e livre, pois para eles as brincadeiras configuram um período de descontração e naturalidade. Held (1980, p. 44) acrescenta afirmando que “A vida da criança é toda ela dominada pela brincadeira”, logo a infância é uma das fases em que os pequenos mais brincam, portanto, as atividades escolares que contemplam o brincar e o lúdico os atraem garantindo um maior envolvimento e incentivando o desenvolvimento de sua imaginação. O Referencial curricular nacional para a educação infantil discorre sobre a relevância de aproveitar esse tempo para integrar e estimular a participação oral dos alunos:

Nas brincadeiras e jogos espontâneos a conversa também costuma estar presente. Ao lado desses momentos, é recomendável que o professor acolha as conversas também durante as atividades mais sistematizadas, tal como a realização de uma colagem, de um desenho, a redação de um texto ou leitura de um livro. Compartilhar com o outro suas dúvidas, expressar suas ansiedades, comunicar suas descobertas, são ações que favorecem a aprendizagem (1998, p. 44).

Assim como a brincadeira, o jogo também precisa ter espaço garantido nas aulas de crianças pequenas, pois proporciona a integração entre os educandos e promove a socialização e a troca de aprendizagens. Huizinga contribui argumentando que o jogo

É uma atividade que se processa dentro de certos limites temporais e espaciais, segundo uma determinada ordem e um dado número de regras livremente aceitas e, fora da esfera da necessidade ou da utilidade material. O ambiente em que ele se desenrola é de arrebatamento e entusiasmo, e torna-se sagrado ou festivo de acordo com a circunstância. A ação é acompanhada por um sentimento de exaltação e tensão, e seguida por um estado de alegria e de distensão (2008, p. 147).

Entendemos aqui que tais características são igualmente mobilizadas durante as práticas que se utilizam do objeto livro na Educação Infantil, por exemplo, através das contações de histórias e do manuseio de livros. Tais práticas também precisam respeitar um limite de tempo e são organizadas dentro de um período determinado na rotina escolar. Da mesma forma, as regras são preestabelecidas com os alunos para o seu funcionamento. Esses períodos possibilitam que os alunos interajam com os livros de forma mediada pelo contador de história, cargo assumido na maioria das vezes pelo professor da turma, ou que o explorem de forma natural, incentivando-os a descobrir as inúmeras facetas que esse objeto possui. Logo, essas particularidades descritas assemelham-se ao jogo, porém dessa vez a criança está jogando e brincando com as palavras e com o conteúdo advindo das narrativas infantis.

Benjamin relata o modo com que os pequenos leitores utilizam os conteúdos originados dessas narrativas:

A criança consegue lidar com os conteúdos do conto maravilhoso de maneira tão soberana e descontraída como o faz com retalhos de tecidos e material de construção. Ela constrói o seu mundo com os motivos do conto maravilhoso, ou pelo menos estabelece vínculos entre os elementos do seu mundo (2002, p. 58).

O autor alega que a criança toma para si o conteúdo das narrativas, inserindo e associando a sua realidade os elementos obtidos a partir das histórias que ouve, conseqüentemente, a leitura literária alimenta o seu imaginário, possibilitando que crie e acrescente ao seu cotidiano novas visões de mundo. Saraiva segue essa mesma ideia, quando expressa que o jogo possibilita a entrada da criança no mundo da linguagem:

[...] jogos, brinquedos e brincadeiras constituem-se, enquanto representações simbólicas, em mediadores que lhe permitem apropriar-se da cultura compartilhada por seu grupo social e que lhe facilitam o acesso à realidade. Conseqüentemente, o brinquedo agrega uma dimensão funcional à sua dimensão simbólica: ele é, por um lado, como objeto material, o suporte para a ação, para a manipulação; por outro lado, como representação, ele dá acesso a formas, a imagens, a símbolos culturais, sendo simultaneamente, um veículo de experimentação da linguagem (2011, p. 24).

Logo, esse jogo pode acontecer quando a criança tem contato com o objeto livro, pois ela pode explorá-lo dos mais diversos modos, seja brincando com suas formas, imagens, sons e palavras, e, a partir disso, construir novas vivências e aprendizados. Na mesma direção, Bamberger (1995, p. 42) defende que a leitura literária “[...] constitui uma busca além da realidade. Procura o significado interno, o reconhecimento do simbólico nos acontecimentos cotidianos. Quando pensamos num “bom leitor” vem-nos a mente o leitor literário, para o qual a leitura é uma experiência estética”. Além de propiciar tais incentivos ao imaginário, a obra literária contribui para que o leitor viva uma experiência estética, uma vez que ela corrobora, assim como a brincadeira e o jogo, para fomentar a ampliação do imaginário, o desenvolvimento da oralidade e a criatividade, trazendo outros benefícios para a formação infantil, pois se existe um lugar onde a literatura é jogo, certamente esse lugar é o imaginário. A propósito disso, Baldi diz que

[...] a leitura também é um alimento para a imaginação, porque também é um brinquedo: também dá prazer, mas vai além, pois preenche necessidades da criança e provoca mudanças nas motivações e tendências; é capaz, como o brinquedo, de oportunizar a satisfação de desejos “irrealizáveis”, mesmo que numa dimensão ilusória e imaginária (2009, p. 9).

Os livros infantis precisam proporcionar aos pequenos contatos com elementos já conhecidos de seu cotidiano, mas, além disso, inserir novos subsídios criativos para que a partir deles haja a ampliação de suas percepções de mundo, logo seu conteúdo deve ser rico em ilustrações, formas, cores, sons e mesmo texturas. Sobre isso, Colomer enfatiza:

Muitos livros infantis oferecem aos pequenos a confirmação do mundo que conhecem: a vida cotidiana em família, as compras, os jogos no parque, etc. Mas eles necessitam também de uma literatura que amplie seu imaginário e suas habilidades perceptivas, além de seus limites atuais, de maneira que os melhores livros ilustrados são aqueles que estabelecem um compromisso entre o que as crianças podem reconhecer facilmente e o que podem compreender através de um esforço imaginário, que seja suficientemente recompensado (2007, p. 57).

Esses livros repletos de possibilidades para a exploração são propícios para as crianças bem pequenas, uma vez que elas querem manuseá-los e desfrutar de todas as suas facetas. Bamberger, à luz de Piaget, define algumas fases de leitura considerando os livros que se destinam para cada período do desenvolvimento. As “idades de leitura”, apontadas pelo autor, apontam como apropriados para a faixa etária de dois a cinco ou seis anos de idade os livros de gravura e de versos infantis:

a) *Idade dos livros de gravuras e dos versos infantis* (de 2 a 5 ou 6 anos). Assim caracterizada por Beinlich: “Fase inicial integral-pessoal, egocêntrica”. A criança faz pouca distinção entre o mundo interior e o exterior; só experimenta o meio em que vive em relação em si mesma (idade do pensamento mágico). Durante seu desenvolvimento dá-se a separação entre o ego e o meio ambiente. Os livros de gravuras ajudam quando apresentam objetos simples, sozinhos, retirados do meio em que a criança vive. O passo seguinte consiste em agrupar objetos que costumam estar juntos e mostrar a criança relacionando-se com várias coisas do meio. A criança se interessa menos pela ação do enredo do que pelas cenas isoladas. Gosta de versos infantis por causa do ritmo, da vigorosa força plástica das idéias, do ritmo do jogo com as palavras e seus sons (1995, pp. 33-34, grifos do autor).

As características estudadas tanto por Piaget como por Bamberger são imprescindíveis para pensarmos nas práticas para formação de leitores na Educação Infantil, visto que eles estão em um período em que todos os estímulos são essenciais para o desenvolvimento e apropriação de novos conhecimentos. Características como o recurso ao simbólico e o estímulo e a valorização do imaginário são essenciais para o desenvolvimento da criança. Seguindo essas afirmações, Goldschmied e Jackson corroboram descrevendo o interesse da criança pelos livros e por escutar histórias:

As crianças adoram ouvir histórias, já desde muito antes que possam entender completamente seus significados. Aos 2 anos, elas olham os livros por períodos

bastante longos. Até que tenham entendido a ideia de virar as páginas sem rasgar o papel, elas precisarão de livros indestrutíveis, feitos de papelão e não de pano, ou feitos especialmente para elas. Durante esse ano, as crianças efetuarão um salto desenvolvimental, passando da identificação de um objeto comum, uma laranja, por exemplo, para apontar para figura de uma laranja e aprender por meio do adulto como o objeto é chamado. Esse estabelecimento de conexões entre a realidade tangível e abstração de uma fotografia a cores é processo cognitivo complexo. Para serem úteis, as ilustrações dos livros de figuras devem ser bastante realistas, e não falsificarem a cor ou o tamanho das coisas (2006, p. 136).

Em vista disso, considerar as necessidades e singularidades da criança é importante para escolher as obras que serão apresentadas para esse público, sendo inicialmente necessário ofertar livros de matérias mais resistentes, como E.V.A, tecido, papelão, entre outros, para que os alunos iniciem esse contato com o objeto livro. Hunt (2010, p. 93) discorre sobre isso quando diz que “[...] a relação entre a criança – isto é, o leitor em desenvolvimento – e o texto é complexa e tem implicações no modo como discutimos, lecionamos e escolhemos materiais”. Desta maneira, o acervo ofertado aos alunos da Educação Infantil precisa contemplar livros de diferentes gêneros, formas e materiais, dado que o livro será inicialmente um objeto, um brinquedo, que será manipulado e explorado de todas as maneiras possíveis, seja sendo puxado, jogando suas páginas ou ele mesmo de um lado para o outro, ainda sem muito cuidado, ou mesmo sendo mordido, pois os pequenos encontram-se na fase oral. Paiva e Carvalho manifestam-se nesse sentido quando dizem que:

Nas suas evoluções, o livro-brinquedo preocupa-se, inclusive, em explorar melhoras saídas à restrição do manusear – isto é, àquilo que rasga, danifica, suja, desprende, trava, descola. Enquanto compreensão do quanto estas experiências com livros-brinquedos podem servir como recurso utilitário pedagógico, deve-se atentar para as hipóteses de ludicidade, autonomia e interação que instigam. Para o empenho, participação, criação, identificação e prazer que podem propiciar ao convocar, de modo alegre e comovente, fantástico e acionador, aprendizes de leitura como agentes (2011, pp. 26-27).

Tendo como referência a colocação das autoras, nota-se a pertinência de inserir livros, em um primeiro momento, que possam ser manuseados livremente pelas crianças, para que elas possam se familiarizar e criar afinidade com o objeto. Assim como o material dos livros, existem gêneros literários que propiciam grandes possibilidades de abordagens na Educação Infantil, entre eles, destacamos a poesia. Conforme Bordini (1991), a poesia infantil proporciona aos pequenos, através do acalanto, das parlendas, dos trava-línguas e das canções de roda, momentos permeados pela ludicidade e sonoridade:

A evidência sonora da poesia, traço diferencial que aos olhos despreparados a torna distinta da prosa, ocupa a linha de frente quando o texto se destina à criança, em especial ao bebê e aos pequeninos. O tecido melódico, formado por aliterações e assonâncias, anáforas e rimas, estribilhos, acentos e metros variados, tradicionalmente tem sido cultivado pelo povo para aquietar a criança com ritmos hipnóticos ou para expressar-lhe corporalmente o afeto dos pais, unindo a voz, que sussurra ou canta os versos, à carícia (1991, p. 23).

Percebe-se que o primeiro contato da criança com o universo literário acontece, inicialmente, através dessa literatura oral, muitas vezes ainda no contexto familiar. Essas cantigas e acalantos são também uma forma de ligar e apresentar os pequenos a sua cultura. Acreditamos que atividades que contemplam a leitura literária despertam o interesse das crianças pelos livros, possibilitando o desenvolvimento da oralidade, da criticidade, estimulado a imaginação e a criatividade, além de inseri-las de forma lúdica e prazerosa ao contato com o mundo literário. Bordini (2010, p. 97, grifo da autora) acrescenta que “A função da poesia, bem como da arte literária em geral, não é aperfeiçoar o domínio da linguagem, mas, por meio da linguagem, permitir ao sujeito um distanciamento crítico da *realidade* que ela lhe apresenta à consciência”. Desse modo, o contato com a literatura ainda na escola infantil torna-se extremamente importante para promover não só a aquisição e aperfeiçoamento da linguagem, mas ela também auxilia na formação humana da criança.

Após apresentarmos os conceitos e pressupostos teóricos que nortearam este trabalho, a seguir discorreremos sobre a pesquisa e seus objetos de análise, contextualizando o local onde foram desenvolvidos os projetos que serão posteriormente analisados, e a metodologia que embasa esta pesquisa.

4 A PESQUISA

A pesquisa que tem como título *E agora, minha gente, uma história eu vou contar: experiências de formação de leitores no berçário* pretende analisar as interações entre obras literárias e leitores propiciadas por práticas pedagógicas desenvolvidas nas turmas de Berçário I e II. A aplicação dos projetos de leitura, que são nossos objetos de análise, aconteceu em uma escola particular de Educação Infantil de Bagé/RS, durante o período de nove meses do ano letivo de 2017.

A escolha desse tema deve-se ao fato de a pesquisadora atuar como docente na referida escola, especificamente na turma de Berçário II, há mais de três anos e reconhecer a importância da leitura literária na primeira infância. Também foram decisivas para a escolha desse tema as ressonâncias que essas práticas proporcionaram nas turmas de berçário de anos anteriores, pois foi percebido o interesse e curiosidade que as propostas que continham livros despertavam nos alunos, em um primeiro momento apenas como ouvintes das contações e, posteriormente, como leitores e contadores de histórias aos colegas. Portanto, esta pesquisa propõe-se a analisar em que medida propostas pedagógicas que contemplam leitura literária em turmas de berçário permitem a interação entre crianças e livros, considerando se tais atividades corroboraram para a formação leitora desses alunos.

4.1 Contextualização

Os projetos de leitura que aqui serão analisados foram pensados por nós, contando com a colaboração e sugestões da outra professora do Berçário II. Uma das docentes da turma configura-se como a autora deste Trabalho de Conclusão de Curso e a partir tanto das vivências obtidas com contações de histórias e práticas que se valiam do objeto livro nas turmas de Berçário II de anos anteriores (2015 e 2016) quanto da experiência com um projeto de leitura intitulado *Sacola Viajante*, desenvolvido no estágio do Curso Normal, em 2014, com uma turma de pré I, elaborou esses projetos visando corroborar para a formação leitora dos alunos do berçário.

Em vista disso, pensamos em projetos que ocorressem em sala de aula e propiciassem esse contato das crianças bem pequenas com os livros, seja através da manipulação no cantinho *Era uma vez...* ou por meio das contações de histórias diariamente feitas pelas duas professoras da turma. Além disso, foi elaborado um projeto, também

chamado *Sacola Viajante*, seguindo algumas características do que foi desenvolvido em 2014, envolvendo a família como mediadora de leitura, aproximando as crianças dos livros e convidando os pais para se engajarem nas propostas da escola voltadas à leitura literária.

As ações pedagógicas mencionadas acima, o projeto *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos* (ANEXO A), cantinho do *Era uma vez...* (ANEXO B), *Sacola Viajante* (ANEXO C), foram escolhidas para serem analisadas neste Trabalho de Conclusão de Curso, buscando verificar em que medida tais práticas corroboraram para a formação leitora dos alunos envolvidos.

4.2 Metodologia

Considerando que havia relações entre a pesquisadora e a realidade em que atua, a metodologia deste trabalho caracterizou-se como uma pesquisa aplicada. Esta pesquisadora, sendo simultaneamente sujeito e objeto de sua pesquisa, se propôs a descrever e analisar as práticas desenvolvidas pela mesma em turmas de Berçário I e II, observando em que medida os projetos de leitura literária influenciaram e modificaram o comportamento leitor dos alunos.

Utilizamos também os princípios do paradigma indiciário sugeridos por Ginzburg (1989, p. 170) que afirma que o homem foi caçador por milênios, ou seja, ele aprendeu “a reconstruir as formas e objetos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados [...] Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba”. Logo, segundo o autor é através de indícios e detalhes que podemos prover análises e reflexões que produzem conhecimento sobre o tema estudado. Sendo assim, nesta pesquisa, foram aplicados tais fundamentos, visando ponderar, refletir e analisar sobre os dados advindos das descrições do caderno de registros da *Sacola Viajante* feitos pelas famílias e do diário da professora, com anotações sobre as contações e as interações com o cantinho da leitura. Tal conteúdo foi verificado por meio de uma abordagem qualitativa.

Em relação aos objetivos a que se propôs, a pesquisa se constituiu de forma descritiva, conforme apresenta Best (apud MARCONI, 2002, p. 20), pois houve o registro, a descrição, a análise e a interpretação dos dados advindos de três instrumentos: dos projetos de leitura desenvolvidos pela pesquisadora em turmas de Berçário I e II, do diário da pesquisadora (ANEXO F) e do caderno de registro (ANEXO G) da *Sacola Viajante*.

A investigação ainda adotou a forma de pesquisa bibliográfica, uma vez que foi feito o levantamento de referências teóricas por meio de publicações como livros, artigos científicos, revistas e outros materiais com intuito de estabelecer conceitos norteadores, refletir e discorrer de maneira crítica sobre as informações coletadas nos instrumentos de pesquisa acima mencionados.

4.2.1 Contexto da ação

Os projetos de leitura aqui analisados foram desenvolvidos em uma escola particular de Educação Infantil de Bagé/RS. Esta se localiza no centro da cidade e possui as seguintes turmas: Berçário I, na faixa etária de quatro meses a um ano, Berçário II, com idades que vão de um a dois anos, Baby Class, de dois a três anos, Maternal I, de três a quatro anos, Maternal II, de quatro a cinco anos e Pré, de cinco a seis anos. Todas as turmas aceitam crianças que completem as referidas idades até o dia 31 de março do ano em que está sendo feita a matrícula. Portanto, a escola possui seis turmas e doze funcionárias, entre elas sete professoras, duas professoras auxiliares (uma para turma de Berçário I e outra para a turma de Baby Class), uma secretária, uma funcionária que cuida da limpeza e a diretora.

Atualmente, frequentam a escola, em suas diferentes turmas, um total de quarenta e oito alunos, sendo que tal público advém, como consta no Projeto Político Pedagógico da escola, da classe média alta, predominando famílias em que os pais trabalham como funcionários públicos, empresários, militares, profissionais liberais e donas de casa.

O espaço físico da escola possui ao todo dezesseis salas, que se dividem em seis salas de aula, sendo uma delas de estimulação para os bebês, três banheiros, uma sala para a alimentação das crianças, um dormitório, uma cozinha, uma brinquedoteca, uma sala reservada para a convivência e brincadeira dos alunos, uma que abriga a secretaria da escola e uma que é utilizada como depósito de materiais. Além disso, existem dois pátios, um cimentado com casa de brinquedo, e outro de areia com uma pequena praça que contém casinha com escorregador, gangorra e balanços.

O funcionamento da referida instituição de ensino ocorre de segunda-feira a sexta-feira nos seguintes turnos e horários: no período matutino, a partir das 08:00 havendo a possibilidade das famílias aderirem ao horário de entrada mais cedo, às 07:30. Os alunos que frequentam o período matutino têm a opção de almoçar na escola e seguir para a rotina de

aulas vespertinas em suas respectivas turmas. O horário de entrada no período da tarde é às 13:10, porém os alunos têm consentimento da equipe diretiva para chegar na escola após esse horário. A saída se dá a partir das 17:10, com tolerância de dez minutos, até às 17:20. Após esse horário, existe um período de atividades adicionais até às 18:00 em que as famílias podem optar em deixar seus filhos, pagando uma taxa extra. A escola possui turno integral, ou seja, os pais podem, de acordo com as suas necessidades, decidir matricular a criança no período que vai das 07:30 até às 18:00.

4.2.2 Projetos aplicados

Nesse item apresentaremos os três projetos de leitura aplicados nas turmas de Berçário I e II³ (ANEXOS A, B e C), discorrendo sobre as especificidades de cada projeto. Eles foram aplicados por um período de nove meses, tendo iniciado em março de 2017 e concluídos em dezembro do mesmo ano. Esses projetos abrangem as ações que serão a seguir apresentadas.

4.2.2.1 *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*: o projeto de contação de histórias em sala de aula

O projeto de contações de histórias *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos* (ANEXO A) ocorreu na turma de Berçário II diariamente e envolveu a contação de história por nós e pela colega que a atende. Essa ação abrangeu doze alunos com faixa etária entre um e dois anos. As obras selecionadas para o projeto contemplaram diferentes temáticas e gêneros, sendo destinada para cada mês (de março a novembro) a abordagem de um eixo temático diferente, por exemplo, no mês de março foram lidas obras literárias com o tema “animais”, uma vez que os pequenos demonstram interesse por tais livros, tentando imitar e reconhecer os sons dos animais.

Para tal eixo, foram mobilizados livros de materiais diversos, de tecido, em E.V.A, com abas, com fantoches, livros imagens ou que contavam com recursos sonoros e sensoriais, entre outros. Alguns dos títulos escolhidos foram: **O ratinho** (Smith, 2008); **O pato Piteco** (Cuthbert, 2008); **Por favor, sr. Panda** (Antony, 2014); **Tatu-balão** (Barros, 2014); **E o**

³ Os projetos *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos* e cantinho do *Era uma vez...* foram pensados e desenvolvidos para a turma de Berçário II, porém os alunos do Berçário I, ao final do ano letivo, começaram a participar esporadicamente dessas atividades. Já o projeto *Sacola Viajante* foi aplicado para ambas as turmas do berçário.

dente ainda doía (Terra, 2012); **O elefante que queria ser diferente** (Elliot, 2013); **Gato pra cá, rato pra lá** (Orthof, 2012); **Confidências de um jacaré** (Nucci, 2008); **Menina bonita do laço de fita** (Machado, 2001); **Os hipopótamos vivem em casas?** (Butterfield, 2014); **Olá, selva!** (Everitt-Stewart, 2014); **Um homem, um menino e um burro** (Burrows, 2012); **Por favor, dê-me um abraço!** (Rowe, 2011); **A descoberta de joaninha** (Cordeiro, 2009); **Zuza, a zebra: um livro pop-up!** (Gray, 2011), entre outros.

Salientamos que algumas dessas obras se repetiram em outros eixos, como, por exemplo, no que abordou poesia. Assim como nem todos os títulos utilizados no decorrer dos três projetos que serão aqui descritos, foram selecionados no início dos mesmos, pois contávamos com os livros disponíveis na escola, outros advindos do acervo pessoal das professoras do Berçário II, bem como alguns empréstimos da biblioteca do NULI⁴, portanto foram sendo acrescentados outros títulos de narrativas e poesias durante o decorrer do projeto, mas mantendo o mesmo critério para selecioná-los.

Para selecionar essas obras, foram consideradas as especificidades dos leitores para os quais se destinaram as contações, sendo assim, priorizou-se livros ricos em ilustrações, inicialmente com temas próximos aos alunos e a sua faixa etária. Esses temas abordaram o cotidiano infantil, os seus medos, as brincadeiras e brinquedos comuns a tal idade, as relações familiares, a relação com os colegas e seus conflitos como, por exemplo, o empréstimo de brinquedo, o mundo animal e a natureza, sendo esse o preferido por eles, inicialmente, devido à riqueza lúdica que possui, despertando a curiosidade e imaginação dos pequenos.

Nas primeiras contações, tentamos selecionar livros em material mais resistente, possibilitando a exploração desse objeto pelos alunos, com sequência narrativa linear e estruturas linguísticas simples, dando ênfase para as ilustrações, pois foi o primeiro contato, em sala de aula, das crianças com aquele tipo de atividade e também porque seu grau de concentração é menor, característica essa pertinente à faixa etária com a qual estávamos desenvolvendo as contações.

Foram mobilizados nesse projeto, em seus diferentes eixos, os seguintes gêneros literários: narrativas e poesias. Entre eles: fábulas, muitas delas adaptadas; adaptações dos contos clássicos; trava-línguas; parlendas; lendas; livro imagem; poemas infantis de variados

⁴ O Núcleo de Formação do Leitor Literário – NULI desenvolve projetos e ações de mediação de leitura através de metodologias de abordagem ao texto literário desenvolvidas no âmbito do Curso de Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa e do Mestrado Profissional em Ensino de Línguas. O projeto tem por objetivo promover ações de extensão voltadas à formação de leitores valendo-se da biblioteca do Núcleo de Formação do Leitor Literário.

temas; e narrativas com o tema família. Sendo que, cada tema foi abordado durante quatro semanas, com início em 24 de março de 2017 e término em 30 de novembro do mesmo ano.

Utilizamos, além dos próprios livros, diferentes recursos para as contações, como fantoches, dedoches, caixa teatro, livro cenário, avental, entre outros. Gradativamente, a quantidade de texto nas narrativas e poesias foi aumentando, bem como o interesse e participação dos alunos nesse momento destinado para a escuta de histórias e manipulação dos livros.

As ações propostas visaram proporcionar às crianças do Berçário II um momento na rotina destinado à contação de histórias, inserindo gradativamente diferentes narrativas e poemas através de recursos de contação, pretendendo formar um comportamento de leitura que se constitui, também, num hábito leitor, inclusive para além da escola, e igualmente iniciá-los na leitura de diferentes gêneros literários, muitos ainda desconhecidos pelos alunos, bem como incentivar o manuseio de livros.

Logo, desejávamos possibilitar, através de contações de histórias, a introdução de temas relacionados ao cotidiano dos alunos, despertando a curiosidade deles através de diferentes recursos de contação, tendo em vista o livro como suporte principal, uma vez que, por se tratarem de crianças pequenas, era necessário despertar sua atenção a partir dos mais variados recursos visuais. Por meio de tais práticas, procuramos promover o estímulo, a participação e a oralidade das crianças, pois estas estavam em processo de aquisição da linguagem, logo era essencial cercá-las de atividades que propiciassem o desenvolvimento e ampliação do seu repertório oral.

Os registros dos acontecimentos e interações entre os pequenos e os livros, com os próprios colegas e com as professoras, ocorridos durante as contações, eram feitos no nosso diário (ANEXO F). Essas anotações possibilitaram refletir sobre a nossa prática docente relativa aos projetos de leitura. Da mesma forma, nos oportunizou que a análise acontecesse não só no término dos projetos, mas também no seu decorrer. Além disso, foi possível perceber a participação dos alunos com as diferentes propostas, bem como as mudanças de comportamento em relação aos livros.

4.2.2.2 O cantinho do *Era uma vez...*

O cantinho do *Era uma vez...* (ANEXO B) consistiu num painel, em TNT, com dois grandes bolsos, fixado na parede da sala dos alunos do Berçário II, e que continha um acervo de livros feitos com diferentes materiais, entre eles, livros de tecido, de banho e de material

resistente. Esse painel ficou disponível aos pequenos de março até dezembro, porém utilizaremos em nossa análise dados referentes às interações que ocorreram até o mês de outubro.

O cantinho destinado aos livros foi colocado numa altura acessível para os pequenos alunos, possibilitando assim o livre acesso aos materiais nele disponíveis. Tal espaço também era próximo ao tapete, pois isso facilitaria a acomodação dos alunos nos possíveis momentos de manuseio e exploração do objeto livro.

Dentre os livros disponibilizados no painel, estão os seguintes: **Animais da fazenda** (Ferri, 2012); **Uma linda borboleta** (Vale das Letras, 2011); **Livro de pano do bebê: descansar** (Silveira, 2012); **Rex, o cãozinho** (Belli, 2009); **O suricato mais medroso do deserto** (Castro, 2014); **Meg, a gatinha: dia feliz** (Jones, 2005); **Gatinho** (Belli, 2013); **Quando estou triste** (Spelman, 2003); **Popi, o camelo** (Smith, 2005), entre outros.

Esse painel estava fixado em um local que permitiu o acesso de todos os doze alunos do Berçário II. O acervo era renovado quinzenalmente por nós, buscando disponibilizar aos pequenos livros com diferentes materiais e temáticas. Essa proposta visou possibilitar o livre acesso dos alunos aos livros, dando-lhes autonomia para escolher o que queriam ler. Também era intuito dessa atividade, despertar a curiosidade das crianças para o objeto livro, bem como proporcionar a aproximação dos alunos a esse material.

Inicialmente, foi necessária nossa mediação para direcionar em quais momentos os livros poderiam ser manipulados, pois eles queriam acessá-los durante outras atividades, portanto era feita uma conversa com os pequenos, visando estabelecer combinados para o horário em que os livros seriam retirados do cantinho.

Ressaltamos que nos primeiros dias, por diversas vezes, nosso combinado foi reforçado, pois os livros eram jogados no chão da sala de aula e os pequenos dispersavam rapidamente. O primeiro mês foi permeado por falas nossas sobre o cantinho, destinando sempre que possível, um momento da tarde para o acesso e manuseio do acervo nele contido.

No entanto, no segundo semestre letivo, percebemos que foi estabelecido o hábito dos alunos de retirarem o livro, sentarem-se no tapete ou nas mesas, cantarem a música⁵ que rotineiramente cantávamos antes das contações de histórias, lê-lo e devolvê-lo ao painel ou

⁵ Antes de alguma interação com os livros, seja ela advinda do projeto *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos* ou do cantinho *Era uma vez...*, cantávamos a seguinte canção: “E agora, minha gente, uma história eu vou contar, uma história bem bonita, todo mundo vai gostar êêê, tralá lá, êêê, tralá lá (nesse trecho balançamos as mãos e batemos palma). Um fechinho eu vou passar, não vou mais conversar” (Autoria desconhecida). Essa música tinha o intuito de reunir os alunos e chamá-los para o momento de leitura. Através da canção, rememorávamos os combinados e convenções que cercavam o momento de contar e ouvir histórias, como a organização deles no tapete, o silêncio e a atenção para aquele momento.

mesmo trocaram entre os outros colegas. Por vezes, os alunos escolhiam aqueles que elegiam como seus “livros favoritos” e solicitavam que nós fizéssemos a contação a partir deles. Observamos que a construção de tal comportamento, das crianças com os livros, foi sendo desenvolvida gradativamente ao longo do primeiro semestre letivo e consolidando-se a partir do segundo, pois desde então a nossa mediação com essa atividade foi ficando cada vez menor.

Os registros dessas interações com o cantinho da leitura foi descrito, assim como o das contações, no nosso diário (ANEXO F).

4.2.2.3 A Sacola Viajante

O projeto *Sacola Viajante* (ANEXO C) consistiu em encaminhar para a casa dos alunos do Berçário I e II uma sacola de tecido, contendo um acervo de três livros de Literatura Infantil selecionados pelas professoras do Berçário II, e um caderno (ANEXO G) para as famílias dos pequenos registrarem anotações referentes às reações das crianças e às circunstâncias que envolveram as contações das obras em casa. A *Sacola Viajante* era enviada a cada sexta-feira e deveria retornar à escola na segunda-feira seguinte, sendo que o aluno que a levasse era determinado pela ordem alfabética.

A apresentação desse projeto foi feita às famílias em março, durante a primeira reunião geral de pais organizada pela escola. Nessa oportunidade, nós, professoras do Berçário II, expomos aos pais nosso intuito com o projeto e explicamos a dinâmica do mesmo, mostramos e conversamos sobre o acervo que seria enviado e aproveitamos para discorrer sobre as demais ações com leitura literária que ocorreriam em sala de aula. Também tentamos sanar dúvidas que surgiram sobre como poderiam ser feitas as contações e salientar sobre a importância dessas práticas para as crianças bem pequenas.

Além dos livros e do caderno, a sacola também continha um bilhete (ANEXO D e E) com instruções para as famílias, explicando o objetivo do projeto, mencionando a data em que eles deveriam retornar com a sacola para a escola e detalhando como poderiam ser feitos os registros no caderno. Estes deveriam conter detalhes da interação da criança e da família com os livros, bem como a forma com que foi feita a contação, se havia interesse ou não da criança pelos livros, se ela havia demonstrado gostar ou não da atividade ou outras informações que a família julgasse pertinente relatar.

Também era solicitado que houvesse, juntamente com o relato escrito, uma foto do momento da contação com intuito de exibirmos aos demais colegas, assim que a sacola retornava à escola, o registro da interação que ocorreu em casa, pois por se tratarem de crianças bem pequenas, o recurso visual auxiliava a conquistar a atenção durante o momento de falar sobre o relato. Participaram dessa proposta quinze alunos com faixa etária entre quatro meses a dois anos.

Entre os objetivos dessa atividade estavam proporcionar aos alunos do Berçário I e II um momento de leitura literária no contexto familiar através da contação de histórias, possibilitando que a família também assumisse o papel de mediadora de leitura, uma vez que ações nesse sentido, de aproximar as crianças dos livros, já estavam sendo desenvolvidas na escola. A partir de tal ação, visamos despertar o interesse dos alunos pela leitura literária em uma atividade que permitia a integração entre família e escola, salientando aos pais sobre a importância da sua participação para corroborar com a formação leitora da criança na primeira infância.

Foram feitas duas rodadas do projeto, ou seja, cada aluno recebeu a *Sacola Viajante* em duas oportunidades, sendo a primeira etapa realizada de 24 de março a 01 de julho de 2017. Nesse primeiro momento, foram selecionadas três narrativas, duas delas com a temática animais e a outra abordando a relação familiar, sendo elas: **O cachorro diz... au-au!** (The Clever Factory, Inc., 2015), **Os hipopótamos vivem em casas?** (Butterfield, 2014) e **Quando o papai não está em casa...** (Pin, 2011).

Essa seleção foi feita, considerando as percepções que as professoras da turma do Berçário II fizeram sobre o interesse dos alunos pelo tema animais, portanto, buscaram-se obras que abordassem esse tema com ludicidade, com narrativas contendo uma menor quantidade de texto, feitas em material mais resistente, dois deles com abas, para possibilitar o manuseio das crianças. A temática familiar foi escolhida pelo fato dos pequenos questionarem onde estavam os pais, pois para muitos alunos a entrada na escola foi marcada pela primeira vez em que eles se distanciaram da família. A narrativa **Quando o papai não está em casa...** aborda sobre essa questão de maneira bastante criativa e delicada, logo pensamos que proporcionar essa leitura no âmbito familiar seria relevante.

Na segunda rodada, que se iniciou em 07 de julho e terminou em 16 de outubro de 2017, o acervo enviado foi composto por poesia, contendo os livros **Bamboletras** (Camargo, 1998), **No mundo da lua** (Murray, 2011) e **Tatu-balão** (Barros, 2014). A escolha dessas obras se deu pelo fato de abordarem, através da poesia, temas que agradam aos pequenos e

fazem referência ao cotidiano infantil de forma lúdica, como as brincadeiras infantis, os brinquedos, os animais e a natureza, além de conterem inúmeras ilustrações. Os três livros são repletos de simbologias e sonoridades, que através de seus versos e rimas, abordam com delicadeza o brincar, a relação da criança com o adulto, entre outros temas.

Durante o decorrer das duas rodadas da *Sacola Viajante*, fizemos anotações no nosso diário (ANEXO F), o mesmo que utilizamos para registrar dados dos outros dois projetos, referentes ao engajamento e participação das famílias na proposta, considerando se as mesmas entregaram a atividade na data solicitada e se atenderam às solicitações feitas por nós no bilhete (ANEXO D e E) que estava anexado à sacola.

4.2.3 Registros e acompanhamento

Falaremos agora sobre como foram feitos os registros referentes aos projetos *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, cantinho do *Era uma vez...* e *Sacola Viajante*. Para as ações desenvolvidas em sala de aula foi utilizado como registro o nosso diário, assim como para informações referentes ao desenvolvimento e à participação familiar no projeto *Sacola Viajante*. Já para os relatos produzidos pelas famílias no mesmo projeto, foi utilizado o caderno que acompanhava a sacola.

4.2.3.1 Diário da professora

O diário (ANEXO F) que produzimos foi um instrumento pensado para registrar as reações e engajamento dos alunos durante as contações do projeto *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, assim como as suas interações com os livros disponibilizados no cantinho do *Era uma vez...*. Também foram observados e descritos neste diário dados pertinentes à *Sacola Viajante*, tais como a participação familiar e o cumprimento de prazos. Essa forma de registro foi utilizada desde março até dezembro, porém, para fins de fechamento de um quadro de dados e para que pudéssemos analisá-los devidamente, salientamos que vamos analisar os relatos advindos dos três projetos até o mês de outubro, embora as contações aconteçam até 30 de novembro de 2017, pós fechamento deste trabalho, e o cantinho continuará fixado na sala de aula até dezembro.

Tal diário teve relevância no decorrer das ações, pois possibilitou a reflexão sobre os fatos que ocorriam durante as contações, fazendo-nos repensar sobre a prática. Assim como

foi essencial no momento da análise, pois ele rememorou detalhes ocorridos desde as primeiras contações, apontando as dificuldades iniciais, como a pequena participação dos alunos nas primeiras atividades, pois eles ficavam dispersos rapidamente, comportamento esse pertinente à faixa etária.

Após retomarmos as anotações do diário, constatamos que, para o momento das contações, era necessário um ambiente tranquilo, sem interrupções, o que não ocorreu, pois foram interrompidas, resultando na dispersão dos alunos. O horário escolhido para a atividade foi entre às 13:30 e 14:00, logo após as atividades de rotina, uma vez que testamos por alguns dias realizar a contação mais próximo ao horário da saída, porém percebemos que nesse período ela não foi bem sucedida, devido à chegada dos familiares dos alunos. Para marcar o início da contação, cantávamos a música da história e conduzíamos os alunos para sentarem-se no tapete.

Percebemos também que no primeiro mês os alunos estavam dispersos no momento de ouvir histórias, ficando apenas por breves períodos sentados, o que acarretava na conclusão da contação antes do término das narrativas. Havia também disputa pelo livro, pois todos queriam manuseá-lo ou sentarem-se no colo de quem estivesse fazendo a contação para ficar o mais próximo possível dele.

O acesso ao cantinho *do Era uma vez...* também era conflituoso, no início, tendo em vista que todos queriam retirar o acervo ao mesmo tempo, e por muitas vezes deixavam os livros espalhados pelo chão da sala de aula ou corriam segurando-os, mas não se sentavam para manusear e explorar o material. O cuidado com o acervo era pequeno, eles puxavam e/ou mordiam as páginas, chegando por vezes a danificar alguns.

Foram necessárias muitas conversas, nos primeiros dois meses, sobre como os pequenos deveriam proceder em relação ao cantinho, ressaltando a importância do cuidado com os livros, mediando os conflitos e argumentando sobre a importância de compartilhar o acervo com os colegas. Eram igualmente reforçadas nessas conversas combinações sobre o momento em que eles poderiam retirar os livros e onde poderiam manuseá-los. Assim como, inicialmente, nós, professoras da turma, precisávamos sentar no tapete, junto aos pequenos para incentivar e demonstrar como aquela atividade poderia ser feita.

Gradativamente, notamos que os alunos começaram a demonstrar um novo comportamento com o cantinho e durante as contações, a organização para esse momento começou a se dar mais rapidamente, nós começávamos a cantar a música e eles se acomodavam no tapete. Quando retiravam livros do cantinho, dirigiam-se para a mesa ou

tapete para manusear o livro, alguns ainda não o guardavam no painel depois da interação. Outra mudança percebida foi o fato de começarem a trazer livros de casa, sem que houvésemos solicitado, para fazermos a leitura.

Registramos que quando os petizes traziam a *Sacola Viajante* de casa havia muita empolgação para compartilhar com a turma na hora da rodinha os seus registros. Os colegas também se interessavam em ouvir o relato, que era lido pelas professoras, e pediam para manusear o caderno.

A partir dos últimos quatro meses de projetos, observamos que eles já se organizavam sem o nosso auxílio para manusear os livros do cantinho do *Era uma vez...*, cantando a música, sentando-se, geralmente no tapete, e convocando os demais colegas para que eles fizessem a contação. Eles também nos chamavam para verbalizar sobre o que encontram nas obras, imitando os sons, identificando as imagens conhecidas e relacionando-as com outras histórias que já havíamos contado, como, por exemplo, o pato Piteco e o patinho feio, que eram o mesmo patinho na concepção deles. Já manifestavam qual eram os seus livros favoritos, queriam sempre ouvir e manusear a mesma obra; em geral o favorito era o dos **Animais da fazenda**, o que por vezes causava conflitos, porque todos queriam o mesmo livro.

Eventualmente, enquanto estávamos realizando outra atividade, éramos convocadas, com leves puxões na roupa, para contarmos alguma história, enquanto eles escolhiam o livro no cantinho. Então solicitávamos que aguardassem o término daquela atividade para que a contação fosse feita.

Quando utilizávamos recursos para fazer a contação, como fantoches, dedoches, avental, caixa teatro, livro de tecido ou livro cenário percebíamos que a curiosidade, assim como o interesse em tocar e explorar tal material era ainda maior. Isso também acontecia quando as obras escolhidas possuíam algum recurso interativo como abas, recursos sonoros e/ou táteis. Notamos também que durante as contações, eram frequentes as vezes em que os alunos relacionavam as personagens com músicas infantis cantadas por nós no cotidiano escolar.

Nos últimos tempos, quando falávamos na contação, já se organizavam no tapete e cantavam a música da história. Logo após, alguns solicitavam o livro para que contassem aos colegas. As solicitações para ouvir a mesma história por mais de uma vez também aumentaram. Outra conduta observada foi o fato de quererem contar histórias para os pais na

hora da saída, levando os livros do cantinho para a porta da sala de aula, mostrando as imagens e verbalizando sobre o que haviam visualizado.

4.2.3.2 Caderno da *Sacola Viajante*

Essa fonte de registro constituiu-se de um pequeno caderno (ANEXO G) que era enviado à casa dos alunos acompanhando a *Sacola Viajante* e o seu acervo. Nele os pais tinham a tarefa de registrar, de forma escrita e fotográfica, relatos referentes às reações dos seus filhos durante a interação com os livros. As orientações, norteando como poderia ser feita a tarefa, estavam contidas em um bilhete (ANEXO D e E) anexo à sacola e também sempre eram reforçadas por nós, professoras da turma, no momento em que entregávamos a sacola aos pais. Foram criados bilhetes diferentes com orientações específicas para cada rodada do projeto.

A partir do relato dos pais, esperávamos perceber como ocorriam as interações entre as famílias e os livros. Também a forma como era feita a mediação entre o acervo e os pequenos, além de o período destinado à atividade. Finalmente, uma descrição de como havia sido a participação das crianças na atividade, se havia despertado interesse ou se haviam se dispersado rapidamente.

O mesmo caderno foi utilizado durante as duas rodadas do projeto, pois percebemos que ele também era parte essencial na atividade, uma vez que algumas famílias relatavam que os filhos interessavam-se em observar as imagens das interações dos demais colegas. Os pequenos também empolgavam-se para mostrar o seu relato à turma quando a sacola retornava para a escola, compartilhando, geralmente no momento da rodinha⁶, suas fotos e tentando relatar quem havia feito a contação em casa. Habitualmente, nós fazíamos a leitura do que os pais haviam registrado com o auxílio da criança, que apontava e dava sua perspectiva.

Após observarmos os relatos das famílias, na primeira e segunda rodada do projeto, notamos que algumas descreveram sobre a empolgação das crianças ao levarem a sacola para casa. A maioria optou por propor a leitura no sábado pela manhã, outras fizeram-na na noite

⁶ A hora da rodinha é adotada por todas as turmas da escola em que foram ambientados os projetos. Esse período da rotina escolar é comumente destinado para compartilhar informações do cotidiano dos alunos, onde eles mostram objetos trazidos de casa, contam fatos sobre eles e conversam com os colegas e professoras. Nesse momento, também é feita a acolhida, bem como a exposição, pelas regentes, das atividades que serão realizadas naquele tarde, uma vez que no berçário ela é a primeira atividade desenvolvida. Geralmente, são cantadas músicas para dar boa tarde e realizar a chamadinha.

de sexta-feira. Boa parte dos pais disse que deixaram a criança explorar o acervo, mexer e brincar com os livros.

Durante a contação, em maior parte realizada pelas mães e com os pais auxiliando com os registros, fotográfico e escrito, foi relatado que os pequenos manifestaram interesse pelas imagens, imitando os sons dos animais e reconhecendo-os. Os que tinham irmãos compartilharam essa atividade com eles. Após determinado período envolvidos nessa tarefa, as famílias relataram que as crianças começaram a se dispersar, sendo que os pais dos alunos do Berçário I apontaram tal fato mais frequentemente. Porém, a família do aluno C⁷, disse em seu relato que, na segunda rodada, ele prestou mais atenção na atividade.

Outro dado mencionado foi a curiosidade dos petizes pelo caderno que acompanhava a sacola, pois eles queriam ver os registros feitos anteriormente pelos colegas, reconhecendo-os, mostrando-os e verbalizando os nomes dos amigos para os pais.

Percebemos nos relatos de certas famílias o entendimento de que aquele primeiro contato com a leitura era significativo para a criança, assim como o projeto *Sacola Viajante*. Disseram também que além de ser um momento de leitura, era um momento que possibilitava a troca de informações e o convívio em família.

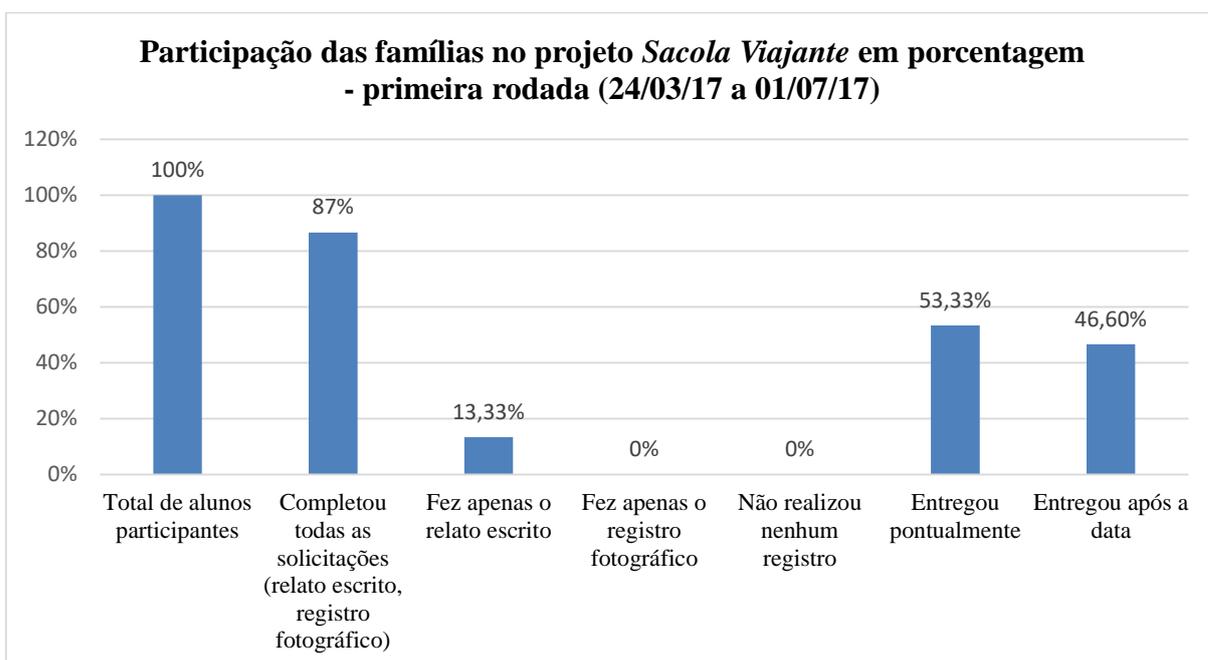
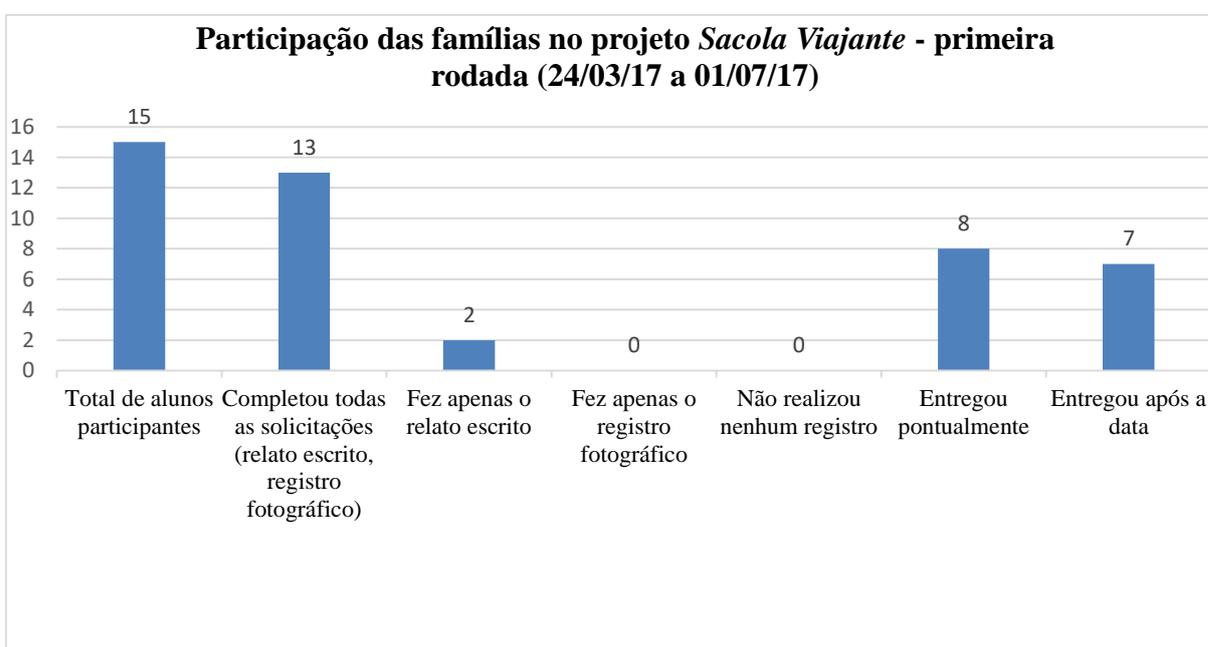
Em relação ao cumprimento dos prazos, tivemos na segunda rodada um número maior de atrasos na devolução da sacola, porém o cronograma não foi afetado, fato que ocorreu na primeira rodada. Houve um episódio em que a mãe do aluno K fez o registro relativo à primeira rodada quando a criança recebeu a sacola pela segunda vez, porém não descreveu nenhuma informação pertinente à segunda visita da *Sacola Viajante*.

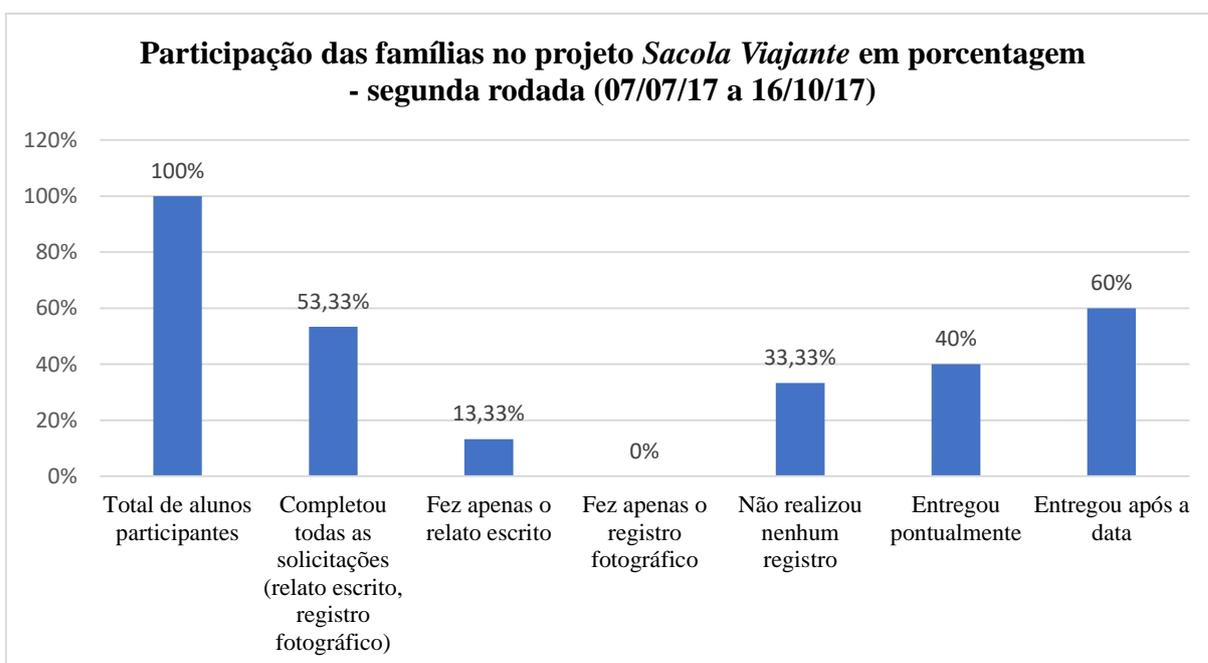
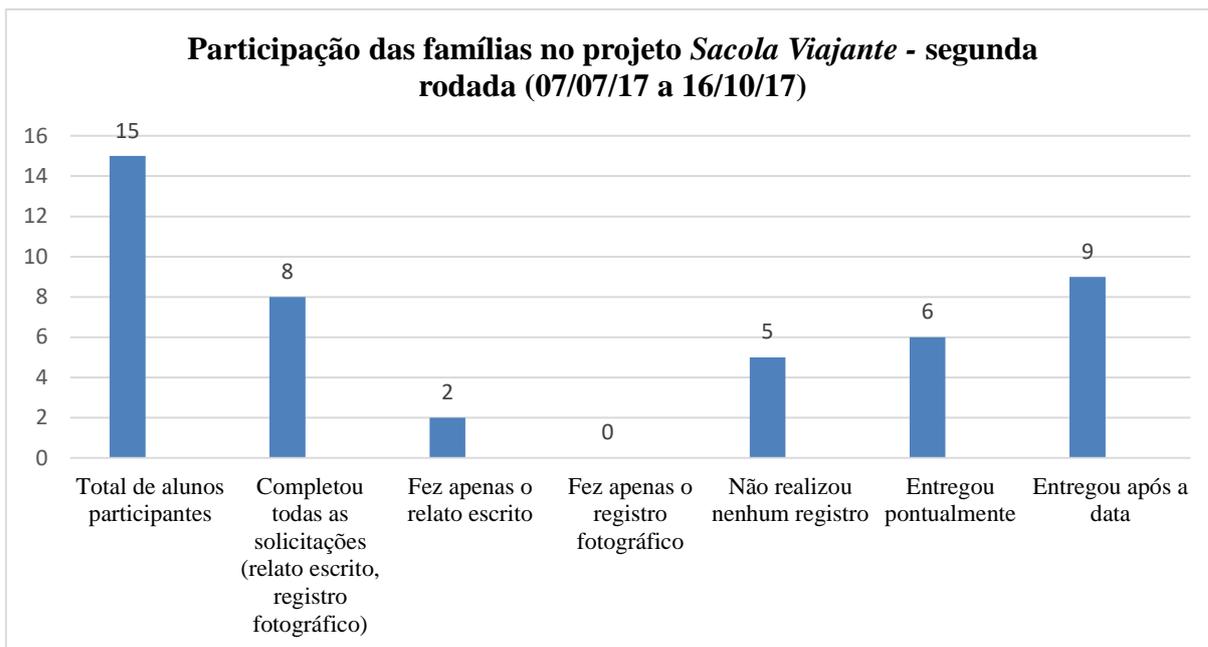
Foi dito também que o contato com os livros acontecia mais de uma vez depois da contação, ou seja, eles acessavam o acervo em outros momentos do final de semana. O livro apontado pelas famílias como o mais solicitado pelos pequenos na primeira rodada foi **O cachorro diz... au-au!**. Na segunda rodada, o escolhido por eles foi **No mundo da lua**.

⁷ Optamos em proteger a identidade dos alunos, em vista disso, foram atribuídas para identificá-los letras de A a O.

Quadros sobre a participação familiar no projeto *Sacola Viajante*

A partir observações feitas e registradas, criamos gráficos para visualizar em que medida as quinze famílias se engajaram com a proposta. Sendo assim, foram criadas as seguintes categorias que descrevem os comportamentos adotados: realização de todas as solicitações descritas no bilhete que acompanhava a sacola, realização de parte dessas solicitações, isto é apenas registro escrito ou apenas registro fotográfico, ou a não realização de nenhum registro e o comprometimento ou não com a data de devolução da sacola na escola. Os dados apresentados são oriundos das duas rodadas do projeto.





Considerando os dados apresentados nos quadros, notamos que o número de alunos participantes no projeto *Sacola Viajante* foi o mesmo em ambas as rodadas, quinze alunos. O número de famílias que completou todas as solicitações foi de 87% na primeira rodada e de 53,33% na segunda, ou seja, houve uma diminuição. A mesma porcentagem, em ambas as rodadas, 13,33%, realizou apenas o relato escrito. Nenhuma família fez apenas o registro fotográfico. Na primeira rodada nenhuma família não fez nenhum registro, já na segunda houve 33,33% que não o fizeram. A entrega da sacola foi feita pontualmente por 53,33% das

famílias na primeira vez e por 40% na segunda. Já a entrega da sacola posterior a data estabelecida ocorreu em 46,60% na primeira vez e 60% na segunda.

5 OS DADOS OBTIDOS E OS RESULTADOS ALCANÇADOS

Neste momento de nosso trabalho, almejamos analisar as questões já referidas, os apontamentos do nosso diário e os dados informados pelas famílias dos alunos, assim como as impressões da pesquisadora guiada pelos conceitos estudados e citados na pesquisa bibliográfica.

Após aplicar e analisar os três projetos, *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, cantinho do *Era uma vez...* e *Sacola Viajante*, obtemos alguns indícios que apontam para possíveis respostas ao nosso questionamento inicial, ou seja, em que medida os projetos pedagógicos que contemplaram leitura literária desenvolvidos nas turmas de Berçário I e II permitiram a interação entre crianças e livros, considerando se tais atividades corroboraram para a construção de um hábito leitor e se auxiliaram na formação leitora desses alunos.

Ao nos voltarmos para os registros advindos das três ações, podemos perceber que alcançamos de certa forma o nosso objetivo, o de permitir a interação entre as crianças e os livros, pois isso se deu ao longo das intervenções literárias em sala de aula, das contações e do contato com o acervo do cantinho. E, segundo as famílias, também ocorreu na realização da atividade proposta pela *Sacola Viajante*.

Mesmo que em alguns momentos da interação tenha havido disputas pelos livros, sendo mais acentuadas no início, durante a contação e principalmente no acesso ao acervo do cantinho do *Era uma vez...*, notamos que as crianças buscavam compartilhar as informações obtidas a partir do contato com o livro, apontando para as ilustrações, contando aos colegas, para as professoras, pais e até para os bonecos e/ou bichos de pelúcia. Oliveira et al. (2012) alega que essa interação é crucial para a aprendizagem pueril, e entendemos que as propiciadas pelo livro foram igualmente importantes. Bettelheim (2014) argumenta sobre a importância de alimentarmos o imaginário infantil na atualidade e concordamos com essa ideia, julgando que as práticas desenvolvidas com o livro nas turmas do berçário foram válidas para o estímulo à imaginação dos pequenos. Tal fato era traduzido na necessidade de compartilhar o que liam, de contar aos outros, de enriquecer e dar sua versão.

Supomos que o contato propiciado pelo cantinho da leitura, durante as contações e com a visita da *Sacola Viajante*, foram significativos para construir e reforçar o vínculo com os livros, conosco, professoras e mediadoras daquelas situações de sala de aula, com os colegas e também com as famílias. Isso ilustra a fala de Mir (2004), quando se refere a ser

nato às crianças a exploração visual e tátil dos objetos e que tal ação contribui para o seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Verificamos isso ao observarmos imagens e os registros dos pais: eles manuseando, simulando a leitura, olhando atentamente para os livros, apontando e reconhecendo as imagens que lhes eram familiares, tentando mostrar e contar histórias para os seus brinquedos ou animais de pelúcia.

A conduta inicial de disputar o livro é entendida como natural à faixa etária na qual os pequenos se encontravam. Nesse sentido, Piaget (1997) discorre declarando esse como o período do desenvolvimento caracterizado pelo egocentrismo. Além disso, estavam adaptando-se ao ambiente escolar, às professoras, colegas e atividades, completamente novos, dividindo o espaço, os brinquedos, e ainda compartilhando a atenção das docentes com outras crianças, portanto uma rotina diferente da que possuíam em casa, onde não havia, para boa parte dos pequenos, a presença de outros infantes.

Consideramos também que os fatores do período de adaptação refletiram na qualidade das primeiras contações, pois é um momento em que as crianças estão inseguras com o ambiente escolar, além de que a rotina está sendo pensada e moldada de acordo com as especificidades da turma. Porém, já eram esperados tais comportamentos, considerando que já tínhamos alguma experiência com atividades que inseriam o livro no contexto de sala de aula de berçário. Por conseguinte, supomos que inicialmente as crianças demonstrassem essa inquietação e curiosidade no momento de ouvir histórias e isso se confirmou. Até mesmo as dificuldades iniciais em adequar o horário e a demora para a organização dos pequenos eram esperadas. Essas situações foram mudando conforme fomos prosseguindo sistematicamente com as ações e adaptando essas atividades de acordo com as demandas do grupo.

Os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil vol. 2 (2006) relatam sobre as especificidades da criança nessa primeira infância, logo foi necessário considerá-las para selecionar o acervo dos três projetos, pois ele precisava contemplar um público que ia dos quatro meses aos dois anos de idade, sendo assim os livros escolhidos davam preferência para aqueles que eram ricos em imagens, feitos de material resistente, como, por exemplo, tecido, cartão duro, E.V.A como sugere Bamberger (1995). Entendemos que essa escolha favoreceu para que os alunos constituíssem o hábito de manusear as obras, pois, inicialmente aprenderam a folhear as páginas dos livros de pano, plástico, cartão e E.V.A, e quando tiveram a transição para livros de materiais mais sensíveis, não houve dificuldade ou dano a tal acervo. Da mesma forma, as ilustrações e recursos presentes nesses

livros eram valorosos para conquistar a atenção, despertar a curiosidade e estimular a imaginação pueril.

Colomer (2007) menciona que os livros infantis precisam confirmar aquilo que a criança já conhece, mas também desafiá-la e apresentá-la a novas realidades. Em vista disso acreditamos, no que se refere às obras selecionadas, que, de certa forma, elas conseguiram proporcionar aos alunos esse contato com histórias que lhes eram familiares, provocando o reconhecimento assim como a inquietação com o desconhecido. O acervo selecionado para os três projetos não era voltado à pedagogização, mas à representação das experiências infantis, visando proporcionar uma leitura descompromissada, feita por prazer e para construir significados, ou seja, sem a pressão de confeccionar trabalhos a partir dela, portanto não concebíamos a leitura como pano de fundo, mas sim como parte fundamental da nossa rotina escolar.

O conteúdo das narrativas e poesias mobilizou reações múltiplas como trocas afetivas e diálogos espontâneos com os colegas e professoras, e igualmente com as famílias, durante a contação propiciada pela *Sacola Viajante*. Além da construção de novos saberes, ouvir histórias possibilitou que tivéssemos trocas afetivas e manifestações de sentimentos, como quando sentiram muita pena da Zuza, a zebra que estava doente, ou o medo do gato que queria pegar o rato, solidarizando-se com o bichinho. Do mesmo modo que se identificaram fisicamente e com as vivências das personagens, procurando a perna do Saci, questionando o porquê de o menino azul ser daquela cor (“ela tá pintado, tia”), ansiando constantemente em buscar respostas para os questionamentos. Para Candido (2011) a literatura suscita ao leitor essa capacidade de humanizar-se, ou seja, de refletir sobre o outro e sobre si. Consideramos que os alunos passaram por tal processo ao serem postos em contato com a Literatura Infantil, uma vez que demonstraram sensibilidade com as experiências provindas das obras literárias.

Foram escolhidos livros de diferentes materiais e formatos, bem como gêneros diversos. Além disso, proporcionamos que os pequenos ouvissem tais histórias através de diferentes recursos visuais, como fantoches, dedoches, avental de contação, teatro, vídeo, entre outros. Isso despertou a atenção e a curiosidade dos alunos e também possibilitou que eles explorassem de forma tátil os elementos presentes nas narrativas e poemas. Porém, reconhecemos que em alguns momentos escolhemos livros para os quais os pequenos ainda não estavam preparados e isso foi percebido pela parca demonstração de interesse deles por essas obras. Logo, eles já tinham adotado postura frente às narrativas, demonstrando suas

preferências e desgostos, posto isso, entendemos que desde esse momento já se configurava um comportamento leitor.

Diante desse fato, por se tratarem de crianças bem pequenas, a presença de um mediador foi indispensável, não só nas atividades com o livro, mas em todas as práticas aplicadas ao berçário. Como mediadoras precisamos ser sensíveis ao fazer a seleção das obras, reconhecendo as especificidades do público, percebendo e, por vezes, alterando o planejamento. Debus (2006) discorre, nesse sentido, salientando o importante papel que o professor promotor de práticas de leitura possui na inserção do aluno no mundo letrado. Da mesma forma, é significativo promover esses projetos desde o berçário e Barbosa e Horn (2008) confirmam essa concepção ao apontarem a necessidade de desenvolver projetos no período que antecede à educação pré-escolar. Conscientes dessa função na formação da criança, foi necessário repensar e refletir sobre a prática com a leitura literária e esse movimento colaborou para que obtivéssemos melhores respostas na participação dos alunos.

Os pequenos viam os livros como brinquedos com os quais queriam brincar, jogar, morder, puxar, enfim, descobrir as possibilidades que esse objeto, o livro, podia oferecer. Isso confirma a ideia de Benjamin (2002), ao relatar que as crianças inserem essas significações, oriundas das narrativas, na sua rotina, logo estávamos igualmente brincando com os sons, com as palavras e com o conteúdo advindo das histórias. Baldi (2009) argumenta que os livros, assim como a brincadeira e os jogos, são capazes de promover a realização de desejos, a partir da imaginação, algo que já apontava Vigotski (2014), segundo o qual a infância é o período de maior desenvolvimento da fantasia, da invenção. Portanto, acreditamos que promover tal contato foi capaz de despertar experiências lúdicas fundamentais para a criança.

Igualmente, entendemos que foi oportunizada aos alunos a possibilidade de serem inseridos em diferentes temas através do conteúdo simbólico e lúdico que a leitura literária possui. Percebemos isso com base nas anotações que relatam a postura dos alunos em relação ao livro, simulando contar histórias, compartilhando com o outro, colegas, professoras e família, o conteúdo da obra, tentando fazer a leitura das imagens e ilustrações e mesmo criando novas versões para as narrativas e poesias. E isso demonstra que, a partir do fomento dos projetos de leitura, estavam constituindo-se hábitos leitores.

No que concerne ao papel da escola de Educação Infantil em contribuir com a formação leitora de seus discentes, como propõe a Base Nacional Comum Curricular (2017),

percebemos que, mesmo a escola consentindo com o desenvolvimento dos projetos de leitura no berçário, havia uma escassez ou quase inexistência de práticas que contemplassem a leitura literária aplicadas a todas as turmas da instituição. Logo, essas ações destinadas ao berçário foram ações pensadas pelas professoras da turma do Berçário II, sem que houvesse a determinação ou direcionamento da escola em ações do gênero nas outras turmas. Em consequência disso, para compor o acervo literário dos projetos, tivemos que mobilizar o nosso acervo pessoal, além de solicitar alguns empréstimos ao NULI para que as contações pudessem acontecer, uma vez que o acervo de livros do Berçário I e II não era tão vasto. Isso nos faz pensar que, mesmo em se tratando de uma escola particular, não é dada tanta relevância para a obtenção de obras literárias ou para projetos que visem à formação de leitores desde a tenra infância.

No tocante às contações de história, elas aconteceram diariamente, exceto em dias em que foram interrompidas por outras atividades da escola ou por demandas da turma, como a agitação ou desinteresse, uma vez que tínhamos certo controle sobre esse projeto. Por outro lado, a *Sacola Viajante* se valia de ações que não dependiam apenas do nosso empenho para serem realizadas, portanto, não havia o controle total sobre essa atividade. Em vista disso, os registros no caderno da *Sacola Viajante* foram feitos pela maior parte das famílias na primeira rodada, 87%, porém desde a primeira rodada tivemos dificuldades em que os pais entregassem a atividade na data prevista, sendo que esse atraso acarretou, como podemos verificar no nosso diário, em que readaptássemos as datas de envio da sacola. Outro fato que fez com as datas sofressem alterações foi o ingresso de dois novos alunos na turma de Berçário II, por isso os alunos N e O foram acrescentados posteriormente ao cronograma da primeira rodada. Embora tais acontecimentos tenham nos surpreendido, não afetaram o desenvolvimento da atividade, pois conseguimos transpor essas situações e prosseguir com o planejamento.

Na segunda rodada, os pais já conheciam a dinâmica do projeto e ao receberem o cronograma, enviado uma semana antes do início da ação, assim como aconteceu da primeira vez, rapidamente se manifestaram para efetuar trocas de datas. Isso colaborou para que dessa vez não houvesse interferência no término do projeto. Embora houvesse a possibilidade de trocar de datas, muitas famílias, 60%, entregaram a atividade em data posterior. Quando tal fato ocorria, nós, professoras da turma, rememorávamos sobre a importância de que a devolução ocorresse em data adequada, fazendo essa reivindicação no momento em que

algum familiar levava ou buscava a criança, mas ela não era atendida. Isso pode ser entendido como falta de envolvimento e comprometimento de alguns pais com as propostas escolares, mas também que esses comportamentos são resultado da rotina atribulada das famílias ou por acreditarem que só o fato de possibilitarem o acesso da criança à escola os exime de se envolverem e cooperarem com a vida escolar do filho. Esses acontecimentos confirmam a ideia de Barbieri (2012) de que cada vez mais as necessidades da criança estão postas de lado pelo mundo dos adultos.

Em relação às famílias dos cinco alunos (N, B, J, K e O) que não realizaram nenhum registro na segunda rodada, não podemos saber se essas crianças sequer exploraram o acervo da sacola. Ressaltamos que a mãe do K registrou a interação do pequeno com os livros da primeira rodada, quando o aluno levou a sacola pela segunda vez, ou seja, não houve comprometimento e envolvimento com a atividade em nenhuma das rodadas e não sabemos sequer se essa criança teve o contato literário mediado em ambas as situações. As famílias que não fizeram a anotação relativa à contação de história não nos informaram sobre o porquê da não participação, com isso não temos como justificar tal comportamento. Podemos supor que a não realização da atividade pode resultar da falta de tempo, de interesse, por conta de algum problema familiar, entre tantos outros fatores.

O fato é que nem todas as famílias entenderam ou se comprometeram com esse projeto, demonstrando certo desinteresse com as ações. Talvez não entendam ou não reconheçam a importância da leitura e da literatura para as crianças. E, embora a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394, de 1996) preconize que a escola deva complementar o papel familiar no desenvolvimento integral da criança, diante do contexto analisado no que tange aos aspectos de mediação de leitura e formação de leitores, ela assumiu o protagonismo destas ações, pressuposto esse apontado por Cerrillo Torremocha (2013), para quem, em determinadas situações, a escola precisa incumbir-se dessa função.

Sobre as informações relativas ao envolvimento familiar, podemos inferir que a maior participação aconteceu na primeira rodada devido ao fato de esses pais estarem tendo seu primeiro contato com as atividades escolares dos filhos, o que nos leva a presumir que havia uma empolgação e sensação de novidade. Os pais dos alunos A e G, que solicitaram a troca de dias, foram famílias que, além de cumprirem os prazos, demonstravam muita expectativa e boa recepção com a *Sacola Viajante*, logo o pedido se deu para que pudessem participar efetivamente da atividade e não apenas levar a sacola sem promover o contato da

criança com o acervo. Essa comunicação entre a escola e a família, como destacam Goldschmied e Jackson (2006) é indispensável para o bom andamento e continuidade das atividades.

Um dado que nos surpreendeu foi a participação de alguns dos irmãos dos nossos alunos. Essas crianças, todas mais velhas, entre quatro a sete anos, envolveram-se com a contação, seja contando as histórias ou ouvindo-as junto com os irmãos mais novos. Portanto, um de nossos objetivos com esse projeto, que era proporcionar que a família mediasse e se reunisse para contar histórias, foi atingido, pois segundo a maioria dos relatos dos pais houve esse momento para reunir a família em torno do livro.

Algumas das famílias também descreveram que o contato com as obras enviadas, tanto na primeira como na segunda rodada, aconteciam por mais de uma vez, o que nos leva a supor que as crianças solicitavam essa releitura em outras oportunidades, uma vez que em sala de aula, ao final das contações, eles pediam que contássemos de novo ou que permitíssemos explorar o livro. Tal dado nos faz pensar que as obras despertavam a curiosidade dos alunos para além do momento da contação. Embora cada criança tenha recebido a *Sacola Viajante* apenas em duas oportunidades, possibilitamos que fosse aguçada nos pais a perspectiva de interações familiares a partir e em torno do objeto livro.

Destacamos também a variedade de comportamento demonstrada pelos três alunos do Berçário I, conforme percebemos ao revisar os dados do caderno. Eles se dispersaram mais rapidamente e tal fator pode se dar pela idade, uma vez que eles possuíam menos de um ano, ou por não estarem tão envolvidos em todas as ações de leitura, afinal eles participaram apenas da *Sacola Viajante* e esporadicamente eram inseridos nas contações. Logo, não tinham o hábito de ouvir histórias tão desenvolvido quanto os colegas do Berçário II.

Outra característica que notamos foi a participação oral das crianças mais presente nas últimas contações, questionando e relacionando o que viam nas histórias com o seu cotidiano. Nesse sentido, Bamberger (1995) sugere que a leitura literária possibilita o reconhecimento do simbólico nos acontecimentos do dia a dia, portando podemos entender que esses pequenos leitores em formação estavam começando a fazer inferências a partir do conteúdo das narrativas e poemas. Assim como participaram cada vez mais ativamente no momento de socializar o relato contido no caderno da *Sacola Viajante*. Sobre a presença mais acentuada da oralidade, Goldschmied e Jackson (2006) relatam que as crianças nesse período,

dois anos de idade, começam a apresentar um vocabulário com maior quantidade de palavras, interagindo com as situações e com as pessoas mais ativamente. Dessa forma, tal participação pode resultar do fato de as crianças estarem envolvidas em práticas leitoras, mas também pelo desenvolvimento inerente à idade.

Como vimos, Goldschmied e Jackson (2006) julgam que o interesse da criança pelos livros e por escutar histórias acontece desde a tenra infância, havendo gradativamente uma exploração maior desse material. Isso se confirma, pois os alunos do Berçário I nos últimos meses ficavam curiosos e queriam participar das contações, assim como os discentes do Berçário II, que apresentaram comportamentos diferentes do inicial em relação aos livros. Em vista disso, a partir de tais indícios, podemos pensar que as práticas sistemáticas de leitura literária aplicadas a turmas de berçário contribuíram com a formação leitora desses alunos, uma vez que percebemos a mudança de comportamento em relação ao livro, seja no momento de explorá-lo ou no de ouvir histórias.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar a análise dos projetos, podemos chegar a algumas conclusões fundamentadas pelos resultados obtidos com a nossa pesquisa. A intenção deste trabalho era investigar e analisar em que medida os projetos pedagógicos que contemplaram leitura literária desenvolvidos nas turmas de Berçário I e II permitiram a interação entre crianças e livros, considerando se tais atividades corroboraram para a construção de um hábito leitor e se auxiliaram na formação leitora desses alunos. Para isso, observamos os registros feitos pela pesquisadora e professora do Berçário II e pelas famílias, advindos dos três projetos: *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, cantinho do *Era uma vez...* e *Sacola Viajante*.

Acreditamos que para desencadear práticas de leitura que visem à formação leitora na Educação Infantil é necessário, primordialmente, o interesse e envolvimento do professor regente em desenvolver ações que propiciem o contato com o livro. Porém, por vezes, os docentes dessas turmas ou mesmo as escolas são vistos e/ou acreditam que a eles cabe apenas o papel de cuidar, ou seja, de alimentar e atender as necessidades de higiene pueril, desconsiderando aspectos relativos à aprendizagem da criança. Desde a concepção das ações envolvendo leitura, nós, professoras da turma, tínhamos consciência da relevância de inserir leitura literária a partir da tenra infância, bem como considerar os pequenos em suas especificidades e características para criar os projetos, selecionar o acervo e preparar as contações, pois já tínhamos experiências anteriores com alunos nessa faixa etária.

O fato de a pesquisadora possuir Curso Normal lhe dava um pequeno suporte para pensar nas práticas de formação de leitores, logo a sua formação enquanto licencianda em Letras foi decisiva para aperfeiçoar e qualificar o trabalho que já era desenvolvido, porém de forma empírica. Em vista disso, é necessário que os docentes da Educação Infantil busquem uma formação continuada, pois esse fator influencia a qualidade do seu trabalho. Desta forma, elaborar e aplicar os três projetos de leitura colaborou não só na formação enquanto graduanda em Letras, mas principalmente na reflexão sobre o fazer docente, possibilitando uma análise crítica sobre a prática pedagógica desenvolvida, e consequentemente, seu aperfeiçoamento.

Pensamos que para formar leitores na tenra infância são necessárias ações sistemáticas de leitura que sejam propiciadas pela escola, estendidas e continuadas pela família. Essas práticas devem ter prosseguimento ao longo da vida escolar da criança para que

ela se torne leitora e aperfeiçoe a sua formação como tal. Do mesmo modo, é necessário estar inserida em um ambiente familiar que favoreça essa constituição. Portanto, além do comprometimento da escola em promover projetos e atividades que englobem a leitura literária, é necessário que o professor de turmas da Educação Infantil se comprometa em desenvolver e ampliar o contato entre alunos e livros. Junto a isso, o envolvimento e a participação familiar são imprescindíveis. Infelizmente, nem sempre os alunos que participaram dos projetos tiveram esse acompanhamento e mediação familiar presentes, fato que pode influenciar nessa caminhada rumo a sua formação leitora.

Como já citamos, os três projetos aplicados eram desenvolvidos especificamente para o berçário pelas professoras da turma de Berçário II, portanto não havia nenhuma ação da escola para formar leitores nessas turmas, mas a instituição se mostrou receptiva e permitiu que os projetos acontecessem. Acreditamos que, em determinados momentos, as turmas de bebês e crianças pequenas são subestimadas, pois se acredita que tais crianças não são aptas a participarem de ações que envolvam o livro, percebemos isso pela forma com que as outras professoras da escola concebiam essa relação entre os pequenos e os livros, pensando que eles não tinham “maturidade para ouvir histórias” ou reduzindo o trabalho que era feito a apenas “mexer nos livrinhos”. No entanto, sabemos que é pertinente inserir a leitura literária desde a tenra infância, devido aos consideráveis benefícios que ela propicia aos infantes como o desenvolvimento do imaginário, o envolvimento, a participação, a construção de aprendizados de forma lúdica, a descoberta e a aquisição de novas palavras, a ampliação do vocabulário, além de contribuir para uma futura alfabetização.

Concluimos essa pesquisa convictas de que as práticas de leitura que visam à formação de leitores precisam acontecer de forma sistematizada, que essas ações devam ter continuidade e simultaneidade, isto é, que tenham uma sequência bem delineada de atividades e que sejam estendidas para além da escola. Além disso, o planejamento dessas atividades, a mediação entre as crianças e os livros, a criação de um espaço acessível aos petizes na sala de aula para acolher o acervo, bem como a delimitação de um lugar para que as obras sejam exploradas foram decisivas para que atingíssemos o nosso objetivo, ou seja, corroboraram para a formação leitora dos alunos do berçário. Logo, esse aspecto que combina planejamento e espaço adequado é significativo para que projetos de leitura literária tenham ações bem sucedidas.

Quando montamos essa pesquisa, criamos projetos que se propuseram a proporcionar aos alunos do Berçário II um momento na rotina destinado à contação de história através da inserção da leitura de narrativas e poesias, a propiciar o acesso e uma interação autônoma entre as crianças e os livros na sala do Berçário II e a proporcionar um momento de leitura literária no contexto familiar, inserindo a família dos alunos do berçário como mediadora de leitura. Acreditamos que esses objetivos foram alcançados, principalmente as ações feitas em sala de aula, uma vez que tivemos alterações de comportamento em relação ao livro. Já a atividade desenvolvida com auxílio da família, embora tenha revelado problemas relacionados ao cumprimento de prazos e à realização da atividade, isso ocorreu em menos da maioria dos casos, o que foi satisfatório. Felizmente, tivemos vários relatos familiares que reconheceram a importância daquela ação e isso nos leva a pensar que, de certa forma, cumprimos também com o que intencionava a *Sacola Viajante*.

As transformações de comportamento dos alunos em relação aos livros ocorreram de forma gradativa, sendo assim observamos a constituição da autonomia na exploração das obras, a maior participação, organização e concentração no momento de ouvir e manusear o acervo, a demarcação de um lugar na sala de aula para ler, a simulação de leitura, a necessidade de compartilhar o que liam e também o fato de trazerem livros de casa. É evidente que para tais alterações comportamentais foi necessária a mediação constante, a presença diária das práticas de leitura, assim como a criação de um espaço dedicado para a leitura e exploração do livro na rotina dos alunos para que, como consequência dessas ações, se constituíssem hábitos leitores. Logo, é possível afirmar, observando os dados gerados pelas famílias e pela pesquisadora que, sim, os projetos de leitura literária aplicados a turmas de berçário permitem a interação com os livros e contribuem para a formação de hábitos leitores.

Enquanto pesquisadoras, esperamos colaborar com a discussão que nos faz pensar sobre a leitura literária e a formação de leitores na Educação Infantil, em específico no berçário, uma vez que há uma ausência de estudos nessa área. Como professora de Berçário II é possível afirmar que não há prática que mobilize os alunos de tal forma como faz o livro. A partir dele, criam-se situações, vivências e aprendizados únicos. As atividades que se valeram desse objeto fizeram com que os alunos se engajassem com as situações apresentadas, despertaram a curiosidade para aquilo que até então era novo e desconhecido e mobilizaram reações espontâneas e ímpares. Em vista disso, as ações aplicadas e a sua análise serviram para a pesquisadora reafirmar o espaço que a leitura literária precisa possuir na sala de aula de

bebês e crianças bem pequenas, considerando os inúmeros benefícios que ela propicia ao desenvolvimento pueril.

7 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática, 1995.

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na infância?**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

BARBOSA, Maria Carmen Silveira; HORN, Maria da Graça Souza. **Projetos pedagógicos na educação infantil**. Porto Alegre: Grupo A, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia infantil**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

_____. Poesia e consciência linguística na infância. In: SMOLKA, Ana Luiza B. [et al.]. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. São Paulo: Global, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Terceira versão. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2017.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal n.º 9.394, de 26/12/1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em 25 de abril de 2017.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998b. 2v. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>>. Acesso em: 26 de abril de 2017.

_____. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006. 1v. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol1.pdf>>. Acesso em: 26 de abril de 2017.

_____. **Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2006. 2v. Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educinf/eduinfparqualvol2.pdf>>. Acesso em: 28 de agosto de 2017.

_____. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 25 de abril de 2017.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: **Vários escritos**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CASTRO, Celia Romea. Língua oral e escrita na educação infantil. In: ARRIBAS, Teresa Lleixà. [et al.]. **Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

CERRILLO TORREMOCHA, Pedro C. **LIJ: literatura mayor de edad**. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2013.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

DEBUS, Eliane. **Festaria de brincança: a leitura literária na Educação Infantil**. São Paulo: Paulus, 2006.

DELGADO, Buenaventura. **Historia de la infancia**. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na Educação Infantil: observação, adaptação e inclusão**. São Paulo: Moderna, 2012.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. Porto Alegre: Grupo A, 2006.

GUIMARÃES, Daniela. A relação com as famílias na Educação Infantil: o desafio da alteridade e do diálogo. In: VAZ, A. F.; MOMM, C. M. (Orgs.). **Educação Infantil e sociedade**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012.

HELD, Jacqueline. **O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica**. São Paulo: Summus, 1980.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura e educação. In: MARTINS, A. A.; PAIVA, A.; PAULINO, G.; VERSIANI, Z. (Orgs.). **No fim do século: a diversidade - O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo: Atlas, 2002.

MIR, Maria Gloria Medrano. A criança e seu crescimento: aspectos motores, intelectuais, afetivos e sociais. In: ARRIBAS, Teresa Lleixà. [et al.]. **Educação infantil: desenvolvimento, currículo e organização escolar**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PAIVA, Ana Paula; CARVALHO, Amanda Carla M. Livro-brinquedo, muito prazer. In: SOUZA, R. J. de.; FEBA, B. L. T.; (Orgs.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas: Mercado das Letras, 2011.

PARREIRAS, Ninfa. **O brinquedo na literatura infantil: uma análise psicanalítica**. São Paulo: Biruta, 2008.

PIAGET, Jean. **Seis estudos de psicologia**. 22ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

REDE NACIONAL PRIMEIRA INFÂNCIA. **Plano Nacional pela Primeira Infância**. Rio de Janeiro: Centro de Criação de Imagem Popular – CECIP, 2010. Disponível em: <<http://primeirainfancia.org.br/wp-content/uploads/PPNI-resumido.pdf>>. Acesso em: 10 de junho de 2017.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

SARAIVA, Juracy Assmann. Valorização da cultura oral e formação do leitor. In: SARAIVA, Juracy Assmann [et al.]. **Palavras, brinquedos e brincadeiras: cultura oral na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

SMOLKA, Ana Luiza B. A atividade da leitura e o desenvolvimento das crianças: considerações sobre a constituição de sujeitos-leitores. In: SMOLKA, Ana Luiza B. [et al.]. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. São Paulo: Global, 2010.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy [et al.]. **A escolarização da leitura literária - O jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1982.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. [et al.]. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau. **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **Imaginação e criatividade na infância**. Tradução: João Pedro Fróis. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

ZILBERMAN, Regina. O estatuto da literatura infantil. In: ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lígia C. **Literatura infantil: autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ática, 1984.

_____. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. ver., atual e ampl. São Paulo: Global, 2003.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

REFERÊNCIAS DE ALGUNS DOS LIVROS UTILIZADOS DURANTE OS PROJETOS DE LEITURA

ANTONY, Steve. **Por favor, sr. Panda**. Tradução: Marília Garcia. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

ALENCAR, Jakson. **Brincando com parlendas**. São Paulo: Paulus, 2010. (Coleção Biblioteca Infantil).

BARROS, Sônia. **Tatu-balão**. Belo Horizonte: Aletria, 2014.

BELLI, Roberto. **Gatinho**. Santa Catarina: Todolivro, 2013. (Coleção Bichinhos Fofinhos).

_____. **Rex, o cãozinho**. Santa Catarina: Todolivro, 2009.

BRAGA, Jussara. **Pirata de palavras**. São Paulo: Editora do Brasil, 2006. (Coleção de palavra em palavra).

BRAIDO, Eunice. **A joaninha diferente**. São Paulo: FTD, 2008. (Coleção zum-zum).

BURROWS, Jennifer. **Um homem, um menino e um burro**. Tradução: Tiago Sant'Ana. São Paulo: Girassol, 2012. (Coleção contando e recontando histórias; v.5).

BUTTERFIELD, Moira. **Os hipopótamos vivem em casas?**. Tradução: Ruth Marschalek. Santa Catarina: Todolivro, 2014.

CAMARGO, Dilan. **Bamboletras**. Porto Alegre: Projeto, 1998. (Coleção Rimas e Tiras).

CANTON, Katia. **Era uma vez La Fontaine**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

CARDON, Laurent. **Aranha por um fio**. São Paulo: Biruta, 2011.

CASTRO, Cristiane. **O suricato mais medroso do deserto**. São Paulo: Editora Riddel, 2014.

CORDEIRO, Bellah Leite. **A descoberta da joaninha**. São Paulo: Paulinas, 2009.

CORETIN, Philippe. **Papai!**. Tradução: Cássia Silveira. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

CUTHBERT, Kate. **O pato Piteco**. Tradução: Tradução: Ruth Marschalek. Santa Catarina: Todolivro, 2008.

DENEUX, Xavier. **Os três porquinhos**. Tradução: Júlia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2012.

DOLORES, Carmen. **Lendas brasileiras**. São Paulo: Sá editora, 2006. (Coleção de 27 contos para crianças).

ELLIOT, Rachel. **O elefante que queria ser diferente**. Tradução: Cristiane Castro. São Paulo: Editora Riddel, 2013.

ESOPO. **Fábulas de Esopo**. Tradução: Antônio Carlos Vianna. Porto Alegre: L&PM, 2014. (Coleção L&PM POCKET).

EVERITT-STEWART, Andrew. **Olá, selva!**. Tradução: Ruth Marschalek. Santa Catarina: Todolivro, 2014.

FERRAZ, Eucanaã. **Em cima daquela serra**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2013.

FERRI, Francesca. **Animais da fazenda**. Santa Catarina: Vale das Letras, 2012.

GRAY, Kes. **Zuza, a zebra: um livro pop-up!**. Tradução: Lenice Bueno. São Paulo: Editora Moderna, 2011.

GOFFIN, Josse. **Oh!**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2002

GUILLOPPÉ, Antoine. **Lobo negro**. São Paulo: Melhoramentos, 2006.

GUSTAVSSON, Per. **Contos desenhados**. São Paulo: Callis, 2011.

HAURÉLIO, Marco. **A lenda do Saci-Pererê: em cordel**. São Paulo: Paulus, 2009. (Coleção Mistura brasileira).

HERRERA, Laura. **Dorme, menino, dorme**. Tradução: Cecília Guida. São Paulo: Livros da Matriz, 2015.

ISOL. **Ter um patinho é útil**. Tradução: Emilio Fraia. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

JONES, Lara. **Meg, a gatinha: dia feliz**. São Paulo: Salamandra, 2005.

LEITE, Márcia. **Poeminhas da terra**. São Paulo: Pulo do Gato, 2016.

LIMA, Elma Maria Neves Fonseca de. **Vento: uma história soprada por Elma**. São Paulo: Global, 2008.

- LIMA, Michele de Souza. **A bela adormecida**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- _____. **Cinderela**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2010.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. São Paulo: Ática, 2001. (Coleção Barquinho de papel).
- MAIA, Vitor. **A festa no céu**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2010. (Histórias folclóricas).
- _____. **O caçador e o curupira**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2010. (Histórias folclóricas).
- _____. **O sol e a lua**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2010. (Histórias folclóricas).
- MEIRELES, Cecília. **O menino azul**. São Paulo: Global, 2013.
- MERLI, Sergio. **O camelo, o burro e a água**. São Paulo: Melhoramentos, 2013.
- MURRAY, Roseana. **No mundo da lua**. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Arteletra).
- NÓBREGA, Maria José; PAMPLONA, Rosa. **Enrosca ou desenrosca?**. São Paulo: Moderna, 2006.
- NUCCI, Nely A. Guernelli. **Confidências de um jacaré**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- ORTHOFF, Sylvia. **Gato pra cá, rato pra lá**. Rio de Janeiro: Rovel, 2012.
- PIAIA, Mari. **A abelhinha Belinha**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2015.
- PIN, Isabel. **Quando o papai não está em casa....** São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.
- PINKNEY, JERRY. **O leão e o camundongo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011.
- ROWE, John A. **Por favor, dê-me um abraço!**. Tradução: Vanessa Romualdo Oliveira. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.
- SILVEIRA, Susan H. de Souza. **Livro de pano do bebê: descansar**. Santa Catarina: Todolivro, 2012.
- SCANLON, Liz Garton. **O mundo inteiro**. Tradução: Marília Garcia. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

SMITH, Kathryn. **O ratinho**. Tradução: Fabio Teixeira. São Paulo: Ciranda Cultural, 2008.

_____. **Popi, o camelo**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2005.

SOUSA, Mauricio de. **A roupa nova do rei**. São Paulo: Girassol, 2008. (Clássicos ilustrados).

SPELMAN, Cornelia Maude. **Quando estou triste**. Tradução: Klaus Heinrich George Rehfeldt. Santa Catarina: Todolivro, 2003. (Coleção Como Eu Me Sinto...).

TERRA, Ana. **E o dente ainda doía**. São Paulo: DCL, 2012.

THE CLEVER FACTORY, INC. **O cachorro diz... au-au!**. Tradução: Ruth Marschalek. Santa Catarina: Todolivro, 2015.

VALE DAS LETRAS. **Uma linda borboleta**. Santa Catarina: Vale das Letras, 2011.

ANEXOS

ANEXO A – PROJETO *EU CONTO, TU RECONTAS, NÓS NOS ENCANTAMOS*



Escola de Educação Infantil Berçário Maternal Doce Deleite

Berçário I e II

Projeto *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*

Introdução e contextualização:

A Escola de Educação Infantil Berçário Maternal Doce Deleite, localizada na cidade de Bagé/RS, Avenida Marechal Floriano, 1099, possui trinta e um anos de atividades voltadas à Educação Infantil, atualmente existem seis turmas: Berçário I, Berçário II, Baby Class, Maternal I, Maternal II e Pré. As turmas recebem, respectivamente, crianças na faixa etária de quatro meses a cinco anos. O projeto *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos* será desenvolvido na turma de Berçário II com alunos entre um ano a dois anos de idade. Essa proposta surgiu das percepções que as professoras da turma tiveram ao longo das suas atuações na Educação Infantil, pois os pequenos sempre demonstram grande curiosidade em ouvir e ler, a seu modo, diferentes livros, e também com o passar dos meses passam a querer contar histórias aos colegas. A mediação das professoras nesse primeiro momento é essencial para a organização e preparação para o momento de ouvir histórias, porém esperamos que gradativamente constitua-se o hábito de leitura e, conseqüentemente a autonomia dos alunos em relação à exploração do objeto livro.

Justificativa e tempo do projeto:

A Educação Infantil, considerada a primeira etapa da educação básica, possui atualmente grande papel na vida de diferentes famílias. As concepções sobre a Educação Infantil foram sendo ampliadas com o passar dos anos e seu caráter meramente assistencial às famílias foi modificado. Ortiz e Carvalho (2012, p.21) salientam que na década de 1940 os focos da Educação Infantil eram a "Preocupação com a alimentação, higiene, prevenção de doenças e proteção [...]". Nos dias atuais, são considerados, pela maioria das escolas, outros aspectos antes esquecidos, tais como o desenvolvimento cognitivo, motor e afetivo da criança.

Propor atividades que contemplem a leitura literária desde a primeira infância possibilita aos alunos o estímulo a criatividade, pois é dada a eles a oportunidade de conhecer realidades diferentes das suas, desenvolvendo seu imaginário e suas percepções sobre o seu mundo. Além disso, o desenvolvimento motor também é ampliado através do manuseio do objeto livro e de suas diferentes formas, texturas e tamanhos. O aspecto

afetivo mostra-se um dos mais importantes, pois a partir do contato com o livro e do ouvir histórias diversas reações como empatia, medos, diversos sentimentos e emoções são mobilizadas e exploradas em sala de aula.

Partindo de uma perspectiva que contempla o desenvolvimento de tais aspectos são pensadas diversas atividades, entre elas propostas que envolvam a leitura literária em sala de aula e fora dela. Uma dessas propostas é a *Sacola Viajante*, projeto que abrange as turmas de Berçário I e II e mobiliza suas famílias. É relevante que esse contato seja estabelecido, estimulado e mediado nos primeiros meses até que se torne parte da rotina escolar. Sobre a importância da interação para aprendizagem de crianças com até dois anos, Oliveira et al. (2012) salienta que

O trabalho pedagógico com as crianças de até dois anos leva em conta que elas aprendem na interação com o ambiente complexo, que inclui um espaço com determinados objetos e rotinas, um tempo para realizar certas atividades, materiais para com eles agir e interações com diferentes pessoas na realização das tarefas (OLIVEIRA et al., 2012,p.111).

Mesmo que esse primeiro contato com os livros já tenha se estabelecido, notou-se que era necessário buscar atividades que contemplassem a contação de histórias em sala de aula, pois como menciona Reyes (2010, p.15) até que as crianças estejam prontas “para ler de maneira autônoma, há um longo trajeto que requer a presença e o acompanhamento amoroso dos adultos”. Portanto, a mediação dos pais e/ou professores é essencial nesse período. Consideramos também para a elaboração desse projeto as duas turmas anteriores de Berçário II, pois essas demonstravam grande interesse durante as contações de histórias e nas propostas de atividades que se davam a partir da contação.

Pensando nisso, o projeto *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos* visa a contação de história na turma do Berçário II, inserindo diferentes obras e gêneros de forma gradativa ao longo do ano letivo de 2017. O projeto começará na segunda quinzena de março de 2017 e seu término ocorrerá ao final de novembro de 2017, sendo feitas contações diariamente. Elas poderão ocorrer no início ou término de aula de acordo com a disponibilidade da turma.

Cabe salientar que tais propostas envolvendo leitura literária em sala de aula já foram realizadas em outros anos e alcançaram bom resultado. Partindo das orientações de Baldi (2009, p. 12-14), ressaltamos a importância de que o projeto considere algumas concepções como: diversidade dos textos, continuidade das propostas e progressão do trabalho, apresentando aos alunos novos desafios. Juntamente a isso, a simultaneidade do

projeto *Sacola Viajante* e do cantinho da leitura *Era uma vez...* serão fundamentais para o avanço das contações em sala de aula.

Obras selecionadas e metodologia:

No primeiro mês (de 27 de março a 28 de abril) teremos como tema os animais, exceto na semana dedicada ao livro infantil – de 17 a 20 de abril –, pois essa semana será disponibilizada para que os alunos tragam livros de casa, a fim de que as professoras façam a contação aos colegas. Essa proposta visa inserir a família e mobilizar o acervo que a criança possui em casa. O tema animais surge do interesse que os alunos possuem por narrativas que falem do cotidiano dos animais e os sons que produzem. Por isso, serão feitas contações com livros de tecido, livros com abas, livros imagens e fantoches.

O segundo mês (de 02 de maio a 02 de junho) será destinado a contação de fábulas adaptadas, sendo utilizados os seguintes recursos nas respectivas cinco semanas: uso dos próprios livros, avental, fantoches de palito, caixa teatro, e novamente o uso do livro. No terceiro mês (de 05 de junho a 30 de junho) trabalharemos com adaptações dos contos clássicos, utilizando os seguintes recursos: livros, dedoches, fantoches, e dramatizações.

No período de 03 de julho a 28 de julho serão abordados trava-línguas e parlendas. Utilizaremos como recursos: livros cenários nas contações da primeira e terceira semana e fantoches na segunda semana, sendo que na última semana será utilizado teatro. O quinto mês (de 31 de julho a 25 de agosto) será destinado ao folclore, portanto, serão abordadas diversas lendas. As contações contarão com a presença de livros, livro cenário, fantoches e apenas da oralidade no caso dos trava-línguas. Pode haver também a exibição de vídeos.

O sexto mês (de 28 de agosto a 22 de setembro) será destinado a contações com diferentes livros imagens e cartões com imagens, possibilitando que os alunos auxiliem na criação de narrativas, sendo explorada a oralidade. No sétimo mês (de 25 de setembro a 27 de outubro) serão trabalhadas poesias, contando com suporte de livros, vídeo, áudio e fantoches. O oitavo e último mês (de 30 de outubro a 30 de novembro) contemplará narrativas em que o tema família seja abordado, sendo feitas contações com livros, fantoches, vídeos e teatro.

Objetivo geral:

Proporcionar aos alunos do Berçário II um momento na rotina destinado a contação de histórias, inserindo gradativamente diferentes narrativas e poemas através de recursos de contação.

Objetivos específicos:

- Possibilitar, através de contações de histórias, a introdução de temas relacionados ao cotidiano dos alunos;
- Incentivar o manuseio de livros e leitura de diferentes narrativas e poemas;
- Inserir gêneros literários ainda desconhecidos pelos alunos;
- Despertar a curiosidade dos alunos para os diferentes recursos de contação, tendo em vista o livro como suporte principal;
- Estimular a participação e oralidade dos alunos.

Avaliação:

Será avaliado o envolvimento e participação dos alunos durante as contações, considerando suas interações com os livros, o interesse e questionamentos sobre os gêneros apresentados com diferentes recursos de contação.

Referências:

BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para formação de leitores de literatura**. Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. (Org.). et al. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa Venceslau. **Interações: ser professor de bebês: cuidar, educar e brincar: uma única ação**. São Paulo: Blucher, 2012. (Coleção InterAções).

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

ANEXO B - CANTINHO DO *ERA UMA VEZ...*



Escola de Educação Infantil Berçário Maternal Doce Deleite

Berçário II

Projeto cantinho do *Era uma vez...*

Introdução e contextualização:

A Escola de Educação Infantil Berçário Maternal Doce Deleite, localizada na cidade de Bagé/RS, Avenida Marechal Floriano, 1099, possui trinta e um anos de atividades voltadas à Educação Infantil, atualmente existem seis turmas: Berçário I, Berçário II, Baby Class, Maternal I, Maternal II e Pré. As turmas recebem, respectivamente, crianças na faixa etária de quatro meses a cinco anos. O projeto cantinho do *Era uma vez...* será desenvolvido na turma de Berçário II com alunos entre um ano a dois anos de idade.

A proposta surgiu a partir da boa recepção que turmas de Berçário II de anos anteriores tiveram com uma ação similar a essa. Os pequenos inicialmente mexiam nos livros de forma desordenada, porém com o passar dos meses foram criando o hábito de explorá-los e depois guardá-los. Certamente, a mediação das professoras, durante os primeiros momentos, foi essencial para essa atividade tornar-se natural. Tendo isso em vista, foram pensadas as ações deste projeto.

Justificativa e tempo do projeto:

Reconhecemos a importância de formar leitores desde a tenra infância, e em vista disso pensamos em outros dois projetos que inserem a leitura literária no âmbito escolar e familiar: o *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos* e a *Sacola Viajante*. Tais práticas necessitam de mediadores de leitura, sejam as professoras ou os pais. Por isso, desenvolvemos uma ação que proporcionasse o contato autônomo entre as crianças e os livros, pois como afirma Fonseca (2012, p.101) “Desde pequenas as crianças precisam ser incentivadas à leitura e colocadas em contato com ela. Um canto de leitura na sala de aula pode ser garantido, mesmo que o espaço não seja muito grande”. Portanto, destinar um espaço acessível aos alunos na sala de aula da Educação Infantil é significativo para que esse contato seja estabelecido.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil preveem que toda a criança deve participar práticas pedagógicas que

- Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- Possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos; (2010, p. 27).

Logo, pensar em práticas que contemplem essas formas de expressão é imprescindível para propiciar o desenvolvimento oral, bem como o enriquecimento e ampliação do vocabulário infantil. Em vista disso, acreditamos que um espaço reservado para o livro no ambiente escolar pode fomentar na constituição e ampliação de hábitos de leitura, uma vez possivelmente vá despertar o interesse e propiciar a interação dos alunos com obras literárias.

Comumente, no início, essa interação, dos pequenos com o objeto livro, precisa ser mediada, pois eles ainda não estão adaptados com tal prática e podem acontecer algumas disputas entre os colegas pelo livro ou mesmo o dano ao acervo, uma vez que eles mordem, puxam e chegam a rasgar as páginas. Segundo Oliveira et al. (2012, p.58) o professor de Educação Infantil é responsável por “criar condições para que as aprendizagens ocorram tanto nas brincadeiras livres quanto nas demais situações orientadas intencionalmente [...]”. Dessa forma, mediar o acesso aos livros é necessário, até que se estabeleça o hábito de acessar tal espaço e que a criança construa certa autonomia com a atividade, sendo que gradativamente ela irá descobrir como folhear as páginas, explorar e descobrir as possibilidades desse material.

Ao manusear o livro de forma livre e descompromissada a criança cria a seu modo, o vínculo com aquela obra, ela pode explorá-la e criar as suas próprias histórias. Reyes (2010, p. 61) aponta que “Muito antes de serem alfabetizadas, as crianças têm enorme capacidade, maior até que a dos adultos, para decifrar códigos não verbais”. Através da leitura de imagens e da sua fantasia ela ganha a oportunidade de mediar a leitura para os colegas ou até para os bonecos e bonecas, utilizando a sua imaginação para criar novos fatos.

Considerando essas justificativas e visando oferecer maior autonomia na relação entre os alunos e os livros e fomentar a constituição de um hábito de leitura, foi instalado o cantinho do *Era uma vez...* que consiste em um painel com dois grandes bolsos fixado na parede da sala, a uma altura acessível a todas as crianças, com livros de tecido, de banho e de material resistente para que os pequenos possam manusear a vontade.

O projeto começará na segunda quinzena de março de 2017 e seu término ocorrerá no final de dezembro de 2017, sendo feitas quinzenalmente a renovação do acervo.

Metodologia

Vamos disponibilizar quinzenalmente novos livros para o cantinho do *Era uma vez...*, considerando a faixa etária dos alunos para selecioná-los, portanto daremos preferência a livros ricos em imagens, sons, texturas e formas. Logo, foram selecionados livros de tecido, com abas, sonoros, ricos em recursos visuais e táteis, com *pop-up*, com fantoches, entre outros para compor o acervo inicial. A escolha dessas obras se deu para que eles possam manuseá-las livremente. Salientamos que alguns livros podem, e possivelmente vão, se repetir ao longo do ano letivo.

Objetivo geral:

Propiciar aos alunos do Berçário II uma interação autônoma com os livros, através do acesso ao cantinho do *Era uma vez...*

Objetivos específicos:

- Disponibilizar um momento da rotina escolar destinado ao manuseio e a exploração livre dos livros pelos alunos;
- Promover a manipulação de livros de diferentes materiais como, por exemplo, de tecido, de cartão duro, com abas, *pop-up*, de banho, sonoros, de E.V.A, entre outros;
- Ampliar o contato já existente com os livros, porém inserido os alunos como mediadores de leitura;
- Estimular a participação e a oralidade dos alunos;
- Estabelecer um lugar para o objeto livro em sala de aula.

Avaliação:

Avaliaremos o envolvimento que os alunos demonstrarão com essa proposta, assim como as interações advindas do manuseio e exploração do acervo disponível.

Referências:

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2010. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>. Acesso em: 04 de março de 2017.

FONSECA, Edi. **Interações: com olhos de ler, apontamentos sobre a leitura para a prática do professor da educação infantil**. São Paulo: Blucher, 2012.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. [et al.]. **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

ANEXO C – PROJETO SACOLA VIAJANTE



Escola de Educação Infantil Berçário Maternal Doce Deleite

Berçário I e II

Projeto *Sacola Viajante*

Introdução e contextualização:

A Escola de Educação Infantil Berçário Maternal Doce Deleite, localizada na cidade de Bagé/RS, Avenida Marechal Floriano, 1099, possui trinta e um anos de atividades voltadas à Educação Infantil, atualmente existem seis turmas: Berçário I, Berçário II, Baby Class, Maternal I, Maternal II e Pré. As turmas recebem, respectivamente, crianças na faixa etária de quatro meses a cinco anos. O projeto *Sacola Viajante* será desenvolvido nas turmas de Berçário I e II, pois, partindo de observações feitas em ambas as turmas em anos anteriores houve a percepção do quanto as crianças interessavam-se pelos livros, solicitando a mediação das professoras para contação de histórias, porém por vezes o único contato com a leitura literária se fazia na escola. Nesse ano letivo, após breve observação, percebemos que muitas crianças estão tendo o contato com o objeto livro pela primeira vez, sendo assim propomos com esse projeto envolver também as famílias, em específico os pais, colocando-os nesse lugar de mediadores de leitura, pois é importante estabelecer esse primeiro contato com a leitura literária desde cedo, não apenas na escola, mas também no contexto familiar.

Justificativa e tempo do projeto:

Sabe-se que a Educação Infantil é um dos lugares de maior importância para a formação das crianças, sendo a escola de educação infantil esse lugar, é necessário que ela ofereça aos alunos atividades pedagógicas que contemplem o desenvolvimento das suas capacidades cognitivas. Essas capacidades são formadas por propriedades cognitivas que totalizam seis características: a atenção, o juízo, o raciocínio, o discurso, a memória e a imaginação. Dentre as características citadas salientamos a memória, a imaginação e o discurso, pois elas estão amplamente relacionadas, tais aptidões podem ser criadas a partir de atividades que envolvam a leitura literária e oralidade, instigando o aluno a ter curiosidade e estabelecer diálogo com o texto. Nas turmas de Berçário I e II, são desenvolvidas práticas pedagógicas, respeitando a idade de cada criança, visando ofertar estímulos para que desde cedo eles tenham contato com os livros e criem o hábito de ouvir histórias. Sobre isso, Reyes (2010) menciona que

Falar de leitura na primeira infância exige contexto porque todos sabemos que os bebês não leem, no sentido convencional da palavra. Mas também sabemos que a leitura tem suas raízes na complexa atividade interpretativa que o ser humano desenvolve desde seu ingresso no mundo do simbólico (REYES, 2010, p.13).

Por conta disso, propõe-se através do projeto pedagógico *Sacola Viajante* oportunizar um contato com texto literário que envolva as famílias dos alunos, visto que em sala de aula eles já participam de atividades que estimulam o manuseio de livros e posteriormente a leitura literária. Vale ressaltar que essas crianças estão com idade que variam entre um e dois anos, portanto essa leitura é feita por eles através de imagens, e contações realizadas pelas professoras. Segundo Reyes (2010), a leitura não pode ser apenas uma ferramenta para a alfabetização, pois ela auxilia nesse processo, porém desempenha outros papéis tão significativos quanto:

[...] o contato precoce com a literatura repercute na qualidade da alfabetização. No entanto, há outra tarefa aparentemente mais simples e, ao mesmo tempo, muito mais complexa que nós, adultos, podemos assumir: a de oferecer material simbólico inicial para que cada criança comece a descobrir não apenas quem ela é, mas também quem quer e pode ser (REYES, 2010, pp. 14-15).

O objetivo do nosso projeto é proporcionar aos alunos e suas famílias um momento destinado a leitura literária, momento esse, que é extremamente importante para a formação da criança. Como salienta Coelho (2000)

A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (COELHO, 2000, p.15).

Nesse sentido, o referido projeto consiste em encaminhar às casas dos nossos alunos a *Sacola Viajante* que consiste numa sacola de TNT com três obras literárias selecionadas pelas professoras. As obras consideram a faixa etária das crianças que irão receber a sacola. A sacola será enviada na sexta-feira, juntamente com um diário para anotações referentes às contações e uma cartinha que dará instruções sobre o que deve ser feito. É solicitado que cada família escreva um breve relato de como aquela experiência se deu e de como foi a reação da criança durante a contação. Também será mencionado que os pais deverão registrar esse momento com uma foto e anexá-la ao diário. A *Sacola Viajante* deverá retornar a escola na segunda-feira.

Apresentaremos esse projeto durante a primeira reunião com as famílias, explicando o seu intuito, bem como a forma em que deverá ser feito o registro da atividade, os prazos e as datas em que as famílias receberão a sacola. Também será enviado na agenda de cada aluno um cronograma com a data que cada criança receberá a *Sacola*

Viajante. O cronograma da primeira rodada (ANEXO A) será enviado em data posterior a reunião e o cronograma da segunda rodada (ANEXO B) assim que a primeira for finalizada.

O projeto *Sacola Viajante* terá duração de sete meses – de março de 2017 a outubro de 2017 –, sendo dividido em dois momentos: no primeiro as três obras escolhidas foram: *O Cachorro diz... au-au!*, *Os Hipopótamos Vivem em Casas?* e *Quando o papai não está em casa...*; em outro momento o acervo será renovado, possibilitando que eles tenham acesso a outras narrativas e também a outros gêneros. Além disso, será considerada a idade dos alunos que terá se modificado e seus novos interesses. Cabe salientar que a parceria escola e família é fundamental para o êxito da nossa proposta, pois estamos colocando os pais no papel de mediadores de leitura. Na visão de Altenfelder (2014), o mediador é

[...] todo aquele que conduz um processo (de aprendizagem ou não) ajudando, orientando e motivando a criança, o jovem ou o adulto a viver, desenvolver e concretizar uma experiência que eles ainda não atingem sozinhos (ALTENFELDER, 2014, p. 5).

No decorrer do projeto, o papel dos pais como mediadores se tornará essencial para o bom resultado das atividades, considerando que uma parte significativa das tarefas será designada a eles.

Objetivo geral:

- Proporcionar aos alunos do Berçário I e II um momento de leitura literária no contexto familiar através da contação de histórias, possibilitando que a família também assuma o papel de mediadora de leitura.

Objetivos específicos:

- Desenvolver o contato dos alunos com livros;
- Despertar o interesse dos alunos pela leitura literária;
- Propiciar uma atividade que permita a integração entre família e escola;
- Salientar aos pais a importância da formação leitora da criança na primeira infância.

Obras selecionadas para a primeira etapa do projeto:

As professoras buscaram selecionar obras, atentando para os seguintes fatores: a idade dos alunos que participarão do projeto; as preferências que demonstram por livros em sala de aula; a possibilidade dos alunos manusearem os livros enviados na Sacola Viajante; e obras com temas presentes em seus cotidianos. Por isso, foram selecionadas três narrativas infantis com livros em diferentes tamanhos e formatos, o que provavelmente possibilitará diferentes interações. O livro *O Cachorro diz... au-au!* tem o formato de um cachorro e traz em sua narrativa o cotidiano e interação de um cachorrinho com outros

animais. Ele foi selecionado considerando que esse animal é um dos favoritos dos alunos. Já *Os hipopótamos vivem em casas?* é um livro com muitas abas e diversos animais, e ao longo da narrativa são feitos questionamentos para indicar a casa de cada animal. *Quando o papai não está em casa...* é uma narrativa contada por um menino que busca imaginar as possíveis atividades que o pai realiza quando não está em casa, tal obra foi escolhida por abordar um tema familiar aos pequenos, visto que seus pais trabalham e se ausentam por longos períodos. Abaixo o nome, autores e editoras das referidas obras:

- *O Cachorro diz... au-au!* – THE CLEVER FACTORY, INC. Tradução: Ruth Marschalek. Santa Catarina: Todolivro, 2015.
- *Os hipopótamos vivem em casas?* – BUTTERFIELD, Moira. :Ruth Marschalek. Santa Catarina: Todolivro, 2014.
- *Quando o papai não está em casa...* – PIN, Isabella. São Paulo: Ciranda Cultural, 2011.

Obras selecionadas para a segunda etapa do projeto:

Para a segunda etapa do projeto selecionamos livros de poesia infantil com o tema animais. A escolha do gênero se deu pelo seu valor estático e simbólico, bem como a riqueza de sonoridade que possui. Já o tema foi escolhido considerando o interesse que os alunos demonstram pelos animais. Foram selecionadas as seguintes obras:

- *Bamboletras* - CAMARGO, Dilan. Porto Alegre: Projeto, 1998. (Coleção Rimas e Tiras).
- *No mundo da lua* - MURRAY, Roseana. São Paulo: Paulus, 2011. (Coleção Arteletra).
- *Tatu-balão* - BARROS, Sônia. Belo Horizonte: Aletria, 2014.

Avaliação:

Será avaliado o envolvimento com a proposta, considerando a participação e interação dos alunos com os livros, a partir dos dados relatados pelos pais no diário. Tais interações, possivelmente refletirão em sala de aula na maneira com que a criança receberá as propostas referentes à leitura literária desenvolvidas pelas professoras.

Referências:

ALTENFELDER, Anna Helena. Incentivando a leitura dentro e fora da sala de aula. In: KOWALSKI, Clarissa. (Coord.); MARINHO, América dos Anjos Costa. (Org.). **Jornada da Leitura: práticas exemplares**. São Paulo: Cenpec: Instituto Camargo Correa, 2014.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** – 1. ed. – São Paulo: Moderna, 2000.

REYES, Yolanda. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância.** São Paulo: Global, 2010.

ANEXO A – Cronograma da primeira rodada do projeto

Cronograma da primeira rodada da *Sacola Viajante*

| Nome do Aluno | Data que receberá a Sacola Viajante | Data de entrega da Sacola Viajante |
|----------------------|--|---|
| A | 24/03 | 27/03 |
| B | 31/03 | 03/04 |
| C | 07/04 | 10/04 |
| D | 13/04 | 17/04 |
| E | 20/04 | 24/04 |
| F | 28/04 | 02/05 |
| G | 05/05 | 08/05 |
| H | 12/05 | 15/05 |
| I | 19/05 | 22/05 |
| J | 26/05 | 29/05 |
| K | 02/06 | 05/06 |
| L | 09/06 | 12/06 |
| M | 14/06 | 19/06 |
| N | 23/06 | 26/06 |
| O | 30/06 | 01/07 |

- O cronograma pode sofrer alterações, considerando a ausência dos alunos no dia em que lhes foi destinada a sacola. Se isso ocorrer, o próximo colega, de acordo com a ordem alfabética, receberá a sacola, posteriormente a criança ausente levará a sacola para casa.

ANEXO B – Cronograma da segunda rodada do projeto

Cronograma da segunda rodada da *Sacola Viajante* – Poesia

Mamãe e papai, vocês estão recebendo o cronograma do projeto *Sacola Viajante*. Agora o acervo disponível na sacola contemplará poesia e esperamos que esse gênero literário proporcione a sua família um momento de diversão e descobertas, sendo também uma oportunidade de vivenciar momentos únicos com o seu filho. Queremos lembrá-los que o seu comprometimento, com as datas e as solicitações que acompanharão a cartinha anexa a sacola, é essencial para o funcionamento das atividades. Desde já gratas pela sua colaboração, tias do Berçário.

| Nome do Aluno | Data que receberá a Sacola Viajante | Data de entrega da Sacola Viajante |
|----------------------|--|---|
| A | 07/07 | 10/07 |
| N | 14/07 | 17/07 |
| B | 21/07 | 24/07 |
| C | 28/07 | 31/07 |
| D | 04/08 | 07/08 |
| E | 11/08 | 14/08 |
| F | 18/08 | 21/08 |
| G | 25/08 | 28/08 |
| H | 01/09 | 04/09 |
| I | 06/09 | 11/09 |
| J | 15/09 | 18/09 |
| K | 22/09 | 25/09 |
| L | 29/09 | 02/10 |
| M | 06/10 | 09/10 |
| O | 11/10 | 16/10 |

- O cronograma pode sofrer alterações, considerando a ausência dos alunos no dia em que lhes foi destinada a sacola. Se isso ocorrer o próximo colega, de acordo com a ordem alfabética, receberá a sacola, posteriormente a criança ausente levará a sacola para casa.

ANEXO D - BILHETE DA SACOLA VIAJANTE (PRIMEIRA RODADA)

Olá, papai e mamãe!

Vocês acabam de receber a *Sacola Viajante*. Essa sacola mágica tem o intuito de levar à sua casa muitas novidades, surpresas, fantasias e um incrível novo mundo repleto de histórias.

O objetivo do nosso projeto é proporcionar a vocês e seu filho um momento de leitura literária, momento esse, que é extremamente importante para a formação da sua criança. Por isso, pedimos que haja, sempre que possível, um período para leitura seja antes de dormir ou em qualquer outro momento do dia. Torcemos para que essa ocasião se transforme em uma agradável descoberta para você e seu filho, pois esse momento será uma oportunidade para a construção de vínculos e memórias afetivas únicas. Da mesma forma, é válido lembrar a importância da leitura literária na primeira infância, pois ela auxilia na construção do imaginário, repercute na qualidade da alfabetização, permite a aquisição e ampliação do vocabulário e, principalmente possibilita que a criança conheça o uso especial da palavra que oferece oportunidade de o mundo real tornar-se mágico.

Pedimos aos senhores pais que relatem no caderno, contido dentro da sacola, como foi a experiência com a leitura; em qual período aconteceu a contação de história; como a sua criança reagiu, se gostou ou não; se houve interesse da criança em ouvir a história; esse momento foi significativo para você?.

- **Solicitamos que anexe uma foto registrando a interação da família com os livros;**
- **A sacola irá para sua casa na sexta-feira e deverá retornar à escola na segunda-feira, assim outras famílias poderão usufruir dessa prazerosa experiência.**

Desejamos uma leitura fascinante e encantadora para toda a família.

Com carinho,

Tias Alice e Carol.

ANEXO E - BILHETE DA SACOLA VIAJANTE (SEGUNDA RODADA)

Olá, papai e mamãe!

Sim, a *Sacola Viajante* está de volta! A partir do sucesso que obtivemos com a sua participação no nosso projeto de formação de pequenos leitores, decidimos proporcionar novamente a vocês e seus filhos um novo momento de interação e construção de vínculos.

Agora que o primeiro passo já foi dado e, segundo os relatos, com muito sucesso e interesse dos pequeninos, propomos a descoberta de um novo gênero literário: a poesia. Afinal, nada melhor do que um gênero tão rico em sonoridade, descontração e diversão do que esse para proporcionar momentos repletos de novidades, surpresas e fantasias.

O objetivo do nosso projeto continua sendo o de proporcionar a vocês e seu filho um momento de leitura literária, momento esse, que é extremamente importante para a formação da sua criança. Por isso, pedimos que haja, sempre que possível, um período para leitura seja antes de dormir ou em qualquer outro momento do dia. Torcemos para que essa ocasião se transforme em uma agradável descoberta para você e seu filho, pois esse momento será uma oportunidade para a construção de vínculos e memórias afetivas únicas. Da mesma forma, é válido lembrar a importância da leitura literária na primeira infância, pois ela auxilia na construção do imaginário, repercute na qualidade da alfabetização, permite a aquisição e ampliação do vocabulário e, principalmente possibilita que a criança conheça o uso especial da palavra que oferece oportunidade de o mundo real tornar-se mágico.

Pedimos aos senhores que relatem no caderno, contido dentro da sacola, como foi a experiência com a leitura; em qual período aconteceu a contação de história; como a sua criança reagiu, se gostou ou não; se houve interesse da criança em ouvir a história; esse momento foi significativo para você?.

- **Solicitamos que anexe uma foto registrando a interação da família com os livros;**
- **A sacola irá para sua casa na SEXTA-FEIRA e deverá retornar à escola na SEGUNDA-FEIRA impreterivelmente, assim outras famílias poderão usufruir dessa prazerosa experiência.**

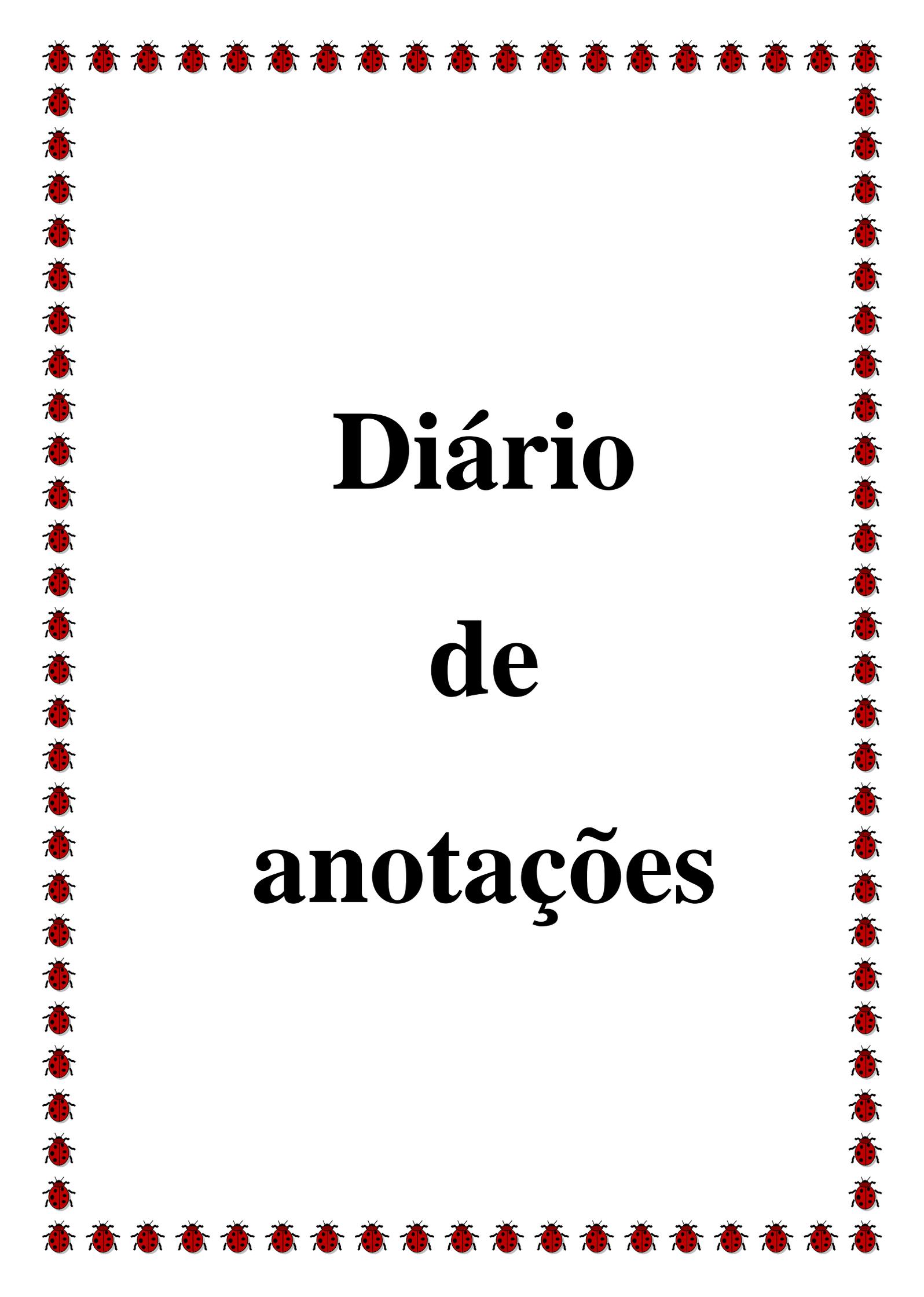
Esperamos que a *Sacola Viajante* faça uma passagem encantadora pela sua casa.

Boa leitura!

Com carinho,

Tias Alice e Carol.

ANEXO F – DIÁRIO DA PROFESSORA



Diário

de

anotações

Neste diário estão descritas, de maneira informal, anotações relativas aos três projetos de leitura: *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, cantinho do *Era uma vez...* e *Sacola Viajante*. Os projetos foram aplicados nas turmas de Berçário I e II, dois deles em sala de aula e a sacola no âmbito familiar, sendo que as informações descritas aqui desse projeto são referentes ao cumprimento de prazos e socialização das informações, contidas no caderno, feitas em sala de aula pelas crianças.

Antes de todas as contações, organizávamos os alunos sentados em círculo no tapete, fazíamos as atividades de rotina como dar boa tarde, fazer a chamadinha e conversávamos sobre o que faríamos naquela tarde, em seguida iniciávamos a contação sempre cantando a música da história.

DE 27 MARÇO A 28 DE ABRIL

Narrativas e poesias com o tema animais

Dia 27: Hoje a aluna A trouxe a *Sacola Viajante*, pois ela havia levado-a na sexta-feira, 24/03. Ela mostrou na “hora da rodinha” super empolgada, a sacola e o caderno com os registros, aos demais colegas. Reconheceu a mãe e o pai nas fotos e, embora seu vocabulário seja pequeno, pois tem um ano e três meses, balbuciou mama e papai e reconheceu o livro do au-au.

Em seguida, apresentamos o cantinho do *Era uma vez...* e seu acervo, também fizemos combinados sobre como poderia ser feita a retirada das obras. Isso foi feito no momento inicial da aula, logo após “a rodinha” às 13:30.

Tentamos realizar a primeira contação às 16:30, pois após esse horário as crianças já finalizaram a “hora da fruta”, momento destinado para que cada aluno compartilhe a fruta que trouxe de casa com os demais colegas. O livro escolhido foi **Animais da fazenda**, que é de tecido e com abas, organizamos as crianças, porém levamos mais de dez minutos para isso, e quando conseguimos sentar para contar a história, a madrinha de uma das alunas chegou e mobilizou a atenção de todos os outros. Foi impossível retornar para a atividade, pois eles ficaram muito agitados, portanto não houve contação nesse dia.

Dia 28: Mais uma vez tentamos realizar a contação no mesmo horário de ontem e com a mesma narrativa, mas novamente fomos interrompidas, só que dessa vez pela diretora da escola.

Dia 29: Decidimos realizar a contação em outro horário, às 13:40, logo após a rodinha que geralmente acaba entre 13:30 e 13:40. Os alunos já haviam sido organizados para essa atividade, portanto já estavam sentados em círculo no tapete. Cantamos a música da história e começamos a contação, dois alunos reconheceram o cavalo “pocotó” e a vaca “a muu”. Eles não ficaram organizados durante toda a ação, levantavam, espiavam outras coisas e voltavam

para o tapete. A tia Alice tentava conduzi-los para o tapete, mas rapidamente eles voltavam a correr. Finalizamos a história com três, dos doze pequenos, sentados.

Nesse dia precisamos conversar sobre a retirada dos livros do cantinho, porque as crianças estavam deixando-os jogados pelo tapete. Reforçamos o combinado do dia em que apresentamos o cantinho.

Dia 30: A obra escolhida foi **O ratinho**, um livro pequeno de cartão duro com fantoche. Seguimos com o mesmo horário do dia anterior. A organização dos alunos continua sendo conturbada, até porque ainda estamos em um período de adaptação. O livro de hoje possuía uma narrativa bem menor, cantamos a música e iniciamos a contação. Muitos quiseram tocar no fantoche do ratinho. Os pequenos dispersaram, porém finalizamos a contação com seis alunos sentados. A retirada dos livros do cantinho continua sendo feita de forma desordenada, os livros têm ficado espalhados e também tivemos conflitos entre os alunos por conta deles.

Dia 31: Pedimos para um aluninho escolher um livro do cantinho, o selecionado foi **O suricato mais medroso do deserto**. Cantamos a música e começamos a contação, o fato do livro ter um fantoche de suricato conquistou por algum tempo a atenção das crianças. Quando o suricato se escondia de medo, eles morriam de rir. Nossa contação foi mais bem sucedida, embora ainda haja alguns alunos dispersos. O acesso ao cantinho segue conturbado, estamos reforçando os combinados diariamente.

Hoje foi dia de enviar a *Sacola Viajante*, o aluno B foi o contemplado. Mostramos a sacola e o acervo a ele na hora da rodinha, ele ficou todo empolgado. Em seguida, ajudamos a guardá-la em sua mochila.

Resumo da semana: As duas primeiras contações foram uma tragédia, e confesso que fiquei desanimada, mas por já ter experiência com outras turmas de Berçário II, sei que é questão de tempo para que estejam envolvidos com a atividade. O acesso ao cantinho foi conturbado, mas esperamos que vá melhorando com o passar dos dias.

O retorno da *Sacola Viajante* no dia certo nos deixou, a tia Alice e a mim, muito contentes. A participação da família foi muito bacana. A mãe estava muito preocupada, se havia feito corretamente a tarefa e nos perguntou por diversas vezes se havíamos gostado.

Dia 3: A primeira atividade, realizada depois da rodinha, foi a socialização do registro da sacola. O aluno B demonstrou muita animação ao compartilhar conosco a suas fotos. Ele mostrou o mano “nano” e o pai contando historinha para ele.

O livro escolhido foi **O elefante que queria ser diferente**. Cantamos a música e mostramos o livro. Iniciamos a contação e eles amaram nos ver imitando a tromba do elefante. Tivemos dispersões, mas em menor número. No final da contação, todos queriam mexer no livro ao mesmo tempo, o que ocasionou certa confusão. Conseguimos organizá-los novamente e permitir que todos manuseassem a obra.

A bagunça ainda continua com o acervo do cantinho do *Era uma vez...*, porém conseguimos convencê-los a guardar os livros que estavam jogados, com o nosso auxílio.

Dia 4: O livro escolhido foi **Olá, selva!**. Eles começaram a bater palma, enquanto cantávamos a música da história. A narrativa possuía animais em pop-up e algumas abas, tal fato colaborou para chamar a atenção dos pequenos. Quando o leão saiu do livro, houve uma surpresa geral. Nós imitamos o som do leão e eles nos imitaram em seguida. Todos quiseram espiar o livro e precisamos mediar essa interação, devido à fragilidade das páginas.

No final da tarde, enquanto fazíamos uma atividade com blocos de encaixar, um aluninho foi até o cantinho, pegou um livro e o encheu de mordidas. Ele chegou a danificar algumas páginas. Conversamos com ele e mostramos o livro “dodói” aos demais colegas. Pedimos que eles nos ajudassem a secar o livro e pendurá-lo no varal da sala.

Dia 5: **Gato pra cá, rato pra lá**, de Sylvia Orthof, foi o livro escolhido. O “miau” como eles chamam, conquistou os pequenos que ficavam procurando o gatinho. No final da contação cantamos a música *Atirei o pau no gato* e eles acharam super divertido.

Em relação ao cantinho, seguimos reforçando os combinados.

Dia 6: Contamos hoje **A joaninha diferente**, de Eunice Braido. Utilizamos o livro de tecido gigante, e isso chamou a atenção, pelo tamanho do livro, “um vrilho toti”, segundo alguns pequenos. As imagens desse livro foram confeccionadas em E.V.A, por isso nós retiramos e colamos com eles, conforme íamos contando. Houve certa dispersão mais para o final da atividade.

Sentamos com eles, próximo ao horário da saída, para explorarmos juntos o acervo disponível no cantinho. Essa ação foi válida, pois podemos mediar esse contato mais de perto.

Dia 7: Antes de contarmos a história, mostramos ao C a sacola e o ajudamos a guardá-la na mochila.

Por favor, dê-me um abraço! foi a obra escolhida. O livro possui ilustrações belíssimas, por isso não utilizamos nenhum recurso. No final eles queriam muito abraçar o protagonista da história, o porco espinho.

Resumo da semana: Notei que nessa semana eles estavam mais atentos e participativos durante a contação, embora tenhamos tido dispersões elas não afetaram o andamento da atividade. O acesso ao cantinho ainda necessita de muita mediação nossa.

Ficamos satisfeitas com a participação do pai do B no projeto *Sacola Viajante*, além de enviar para a escola no dia correto, o relato estava bem completo.

Dia 10: O aluno C estava doente, por isso não trouxe a sacola para a escola.

A obra escolhida foi **Zuza, a zebra: um livro pop-up!**. Eles ficaram com muita pena da Zuza e deram muitos beijinhos no dodói dela. A contação foi tranquila, tínhamos nove alunos presentes.

Dia 11: O C foi a aula e compartilhou seu relato com os colegas, imitando alguns sons, enquanto as via.

Solicitamos que um aluno escolhesse um livro disponível no cantinho para que realizássemos a contação. Seu escolhido foi **Rex, o cãozinho**. Esse livro possui recurso sonoro, portanto durante a contação os alunos ficavam quietinhos para ouvir o latido do Rex. Alguns até sentiram medo, mas depois perceberam que o Rex era amigo.

Tivemos a disputa pelo acervo do cantinho hoje, dois alunos queriam manusear o livro **Animais da fazenda**, de Francesca Ferri, ao mesmo tempo. Conversamos e conseguimos chegar a um acordo.

Dia 12: A contação aconteceu a partir do livro **E o dente ainda dói**, de Ana Terra. Os pequenos encantaram-se pelo jacaré. Na decoração da nossa sala de aula há um presente, e eles apontavam e diziam que era o nosso “cacaré”. Houve um pouco de dispersão, uma vez que a história não é tão pequena. Sentamos perto da hora da saída no tapete para manusear os livros do cantinho.

Dia 13: Foi a vez do D levar a sacola, ele é aluno do Berçário I, portanto não tem um ano ainda. Mesmo assim mostramos a atividade para ele e a explicamos para a mãe na hora da saída, como fazemos com todos os pais.

A contação foi feita com o livro **A descoberta da joaninha**, de Bellah Leite Cordeiro. O livro possui muitas imagens, então não utilizamos outros recursos. Embora a narrativa não fosse longa, os pequenos estavam desinquietos. Finalizamos a história com sete sentados.

Alguns alunos que se levantaram, durante a contação iam retirar livros do cantinho, porém não manuseavam, apenas deixavam-nos jogados.

Dia 14: Feriado

Resumo da semana: Acredito que nessa semana tivemos resultados positivos com as contações. Os livros com pop-up e sonoros têm conquistado os pequenos, assim como os de tecido. Tivemos também o primeiro atraso na devolução da *Sacola Viajante*, porém estávamos cientes que uma hora isso aconteceria. Felizmente, não afetou na data de envio para o próximo aluno.

Dia 17: Nessa semana, por conta do dia do livro infantil, solicitamos na semana anterior, que os alunos trouxessem livros que possuíssem em casa para compartilhar com os demais colegas. O H trouxe um livro sobre fazenda e fez questão de mostrá-lo na rodinha, apontava para o cavalo e para a vaca. Também encontram um pintinho, o “piu-piu” e a galinha, a “cocó”.

Chamamos no final da tarde o D para mostrar seu relato aos colegas, por ser menor os nossos aluninhos o chamam de neném. Então eles se organizaram para recebê-lo e ver seus registros fotográficos. Nos o auxiliamos, mostrando as imagens e lendo o relato da família.

Dia 18: Hoje recebemos um aluno novo, tal fato sempre modifica um pouco a rotina. Infelizmente, nenhuma criança trouxe o livro hoje, por isso e também por conta da adaptação não tivemos contação. Porém, manuseamos e fizemos a leitura de imagem com algumas

fichas com animais. Quando fazemos tal atividade, inserimos músicas que associem a imagem que está sendo vista, quando vemos o cachorro cantamos a *música do au-au*, o gato o (Atirei o pau no gato...).

Dia 19: A I levou um livro de borboletas para mostrar e contar aos colegas. Na hora da rodinha nos organizamos para ouvi-la. A “boboleta”, segundo ela tinha muitos “brilhus”. Depois de mostrar o livro, ela permitiu que os coleguinhos o explorassem. O aluno novo participou da atividade, demonstrando atenção. Tivemos mais uma disputa pelos livros do cantinho, foi necessária a nossa intervenção para que os dois alunos soltassem o livro, mesmo assim ele ficou sem a capa.

Dia 20: O D trouxe um livro para mostrar para os colegas do Berçário I, mas como nenhum dos alunos do Berçário II trouxe, ele compartilhou com todos. Era um livro de banho sobre os peixinhos. Os pequenos se interessaram pela narrativa e texturas que o livro possuía.

Perto da hora da saída mostramos ao E a sacola e seu acervo, ele ficou um pouco desconfiados, mas mesmo assim a guardou em sua mochila.

Dia 21: Feriado

Resumo da semana: Em relação à proposta da semana, trazer livros de casa, a adesão foi muito baixa, apenas três alunos trouxeram. O fato de termos uma adaptação deixou a semana mais conturbada.

A participação da família do D com a sacola foi satisfatória, sendo a entrega feita na data combinada. Em relação ao cantinho, tivemos disputas que chegaram a danificar o acervo.

Dia 24: Na hora da rodinha o E mostrou aos colegas o seu registro e nós fizemos a leitura do que a mãe dele descreveu. Em seguida, iniciamos a contação com o livro **O pato Piteco**, de Kate Cuthbert. A narrativa arrancou sorrisos e gargalhadas, pois o patinho era muito atrapalhado. E, é claro que imitamos por diversas vezes o som que faz o pato.

Dia 25: **Confidências de um jacaré**, de Nely A. Guernelli Nucci, foi a obra escolhida. Acredito que deveríamos ter deixado esse livro para os próximos meses, pois devido a extensão da narrativa muitos dispersaram ainda na metade.

Para compensar, no final da aula, distribuimos um livro do cantinho para cada um. Eles estavam sentados no tapete e manusearam com empolgação. Ficamos o tempo inteiro mediando, para que depois de lido o livro fosse trocado com outro colega.

Dia 26: O livro **Tatu-balão**, de Sônia Barros, fez bastante sucesso com a turminha que ficou empolgada com os versinhos. Apenas dois alunos estavam um pouco dispersos.

Dia 27: Livro **Um homem, um menino e um burro**, de Jennifer Burrows, os alunos acompanharam essa história com atenção, embora tenham chamado o burro de cavalinho ou “pocotó” o tempo inteiro e mesmo após as nossas explicações. Mais tarde, quando fomos brincar com a fazendinha, um aluno achou um cavalo e disse que era o da “histoinha”.

Dia 28: Contamos a **Menina bonita do laço de fita**, de Ana Maria Machado, com suporte de alguns fantoches. Eles ficaram fascinados pela narrativa e queriam tocar, todos ao mesmo tempo, nos coelhinhos. O cabelo cacheado da menina também chamou a atenção, pois a aluna I achou parecido com o da tia Alice.

Os alunos retiram alguns livros do cantinho e espalharam, porém não houve conflito.

O F ficou felicíssimo quando descobriu que levaria a *Sacola Viajante* para casa. Deu um abraço apertado e quando a sua mãe chegou, foi correndo mostrá-la.

Resumo da semana: As contações, exceto a do livro **Confidências de um jacaré**, foram tranquilas e contaram com a participação dos alunos. Percebi que eles começaram a relacionar o que veem nas histórias com o cotidiano em sala de aula, como quando viram o cavalo e lembraram-se do burro e o cabelo da menina com o cabelo da outra tia.

A entrega da sacola também aconteceu na data solicitada.

DE 02 DE MAIO A 02 DE JUNHO

Fábulas

Dia 1º: Feriado

Dia 2: O F mostrou aos coleguinhas suas fotos e o livro **Os hipopótamos vivem em casas?**. A mãe nós disse ao entregá-lo que ele amou o colorido presente nesse livro.

Seguimos para a contação e quando começamos a cantar a A também cantava/balbuciava alguns trechos da música da história. Para começar dissemos que iríamos conhecer uma lebre e uma tartaruga e então mostramos imagens dos bichos para eles que disseram que a lebre é a Teresa, coelha que nos visitou na páscoa e que após tinha sido adotada pela família do H. A fábula **“A lebre e a tartaruga”** foi contada com o recurso do varal, tínhamos várias fichas com imagens da história e fomos mostrando a eles e pedindo que nos ajudassem a colocá-las no nosso varal. O fato de ajudar a contar os mobilizou e todos queriam que chegasse a vez de levantar e prender a ficha.

Estávamos nos organizando para a saída quando percebemos que eles começaram a tirar o livro do cantinho, mas dessa vez muitos deles se sentaram para explorar o objeto, poucos deles ficaram dispersos. Então, propomos para esses que nos sentássemos para olhar os livros e eles concordaram. Ficamos ali por aproximadamente dez minutos.

Dia 3: A fábula de hoje foi **“O rato da cidade e o rato do campo”**, do livro **Era uma vez La Fontaine**. A contação aconteceu de forma tranquila, não houve tanta dispersão. Ao final, quiseram cantar a música do ratinho que geralmente cantam com a tia da musicalização.

A I retirou os livros do cantinho para se esconder atrás do painel, uma vez que ele é fixado por alças apenas na parte superior, tivemos que conversar com ela sobre o fato dos livros

estarem jogados e daquele não ser um lugar para se esconder e sim para os livros. Elas nos ajudou a guardá-los e disse que aquela é a “casinha dos livros”.

Dia 4: **O leão e o ratinho** foi a escolhida de hoje. Utilizamos o avental de feltro para contar. Vesti o avental e eles ficaram todos curiosos para saber o que iria acontecer. Assim que viram o leão, lembraram da música que cantamos frequentemente (Lá na jaula do leão ninguém pode por a mão. O leão é bicho bravo, fica quieto, seu leão). No final fizemos o som que remete ao rugido, então depois de cantarmos, continuei a contar. As imagens iam sem fixadas através de velcros e no final tínhamos no avental a sequência da narrativa. Ficaram todos com muito medo do leão no início, mas ficaram preocupados quando ele caiu na armadilha. Perguntamos a eles se lembravam do ratinho e um disse “o mesmo de ontem, tia”.

Dia 5: Na hora da rodinha contamos ao G que ele levaria a *Sacola Viajante*, os olhinhos de jabuticaba brilharam.

Contamos “**O leão doente e a raposa**” e eles se lembraram do leão de ontem. Utilizamos apenas o livro sem nenhum recurso e para nossa surpresa, os pequenos ficaram, por toda a contação, sentados no tapete.

A sacola foi enviada para a casa do G que saiu abraçado e dizendo “a sacoia, papai”

Enquanto realizávamos uma atividade na mesa, um aluninho levantou e ficou mexendo no cantinho, explicamos que precisávamos concluir a atividade e depois poderíamos ir sentar para ler. Ele voltou um pouco contrariado. No final da tarde, cumprimos o prometido, sentar no tapete para ler. O livro que eles queriam era **Quando estou triste**. Ficaram por algum tempo prestando atenção, mas logo quiseram explorar sozinhos os livros.

Resumo da semana: Essa foi incrível, embora tenhamos tido alguns problemas de desorganização com o cantinho, nas contações a atenção e participação deles tem sido fantástica, eles estão sentando por mais tempo e também relacionando uma história com a outra e com as músicas que cantamos no dia a dia.

Dia 8: O G trouxe a sacola todo faceiro. Quando fomos abri-la para retirar o caderno, ele pegou o livro dos hipopótamos e dizia “taitor vemeio, tia”. O G é super falante e animais e está acostumado a passear na campanha, então os bichinhos e o trator chamaram muito a sua atenção. Isso também foi mencionado no relato da mãe.

Em seguida, nos organizamos para a história, cantamos a música e hoje eles bateram palma e alguns se arriscaram em acompanhar a letra. A fábula contada foi “**A cigarra e a formiga**”. Utilizamos o recurso da caixa cenário, uma caixa de sapato com o cenário na parte interna feito em E.V.A, as personagens compostas por imagens no palito de picolé. Eles amaram quando a caixa abriu e viram a floresta que segundo eles são “as árvoies”. Ficaram todos até o final, alguns mais impacientes, mas todos sentados.

Em relação ao acesso ao cantinho, não tivemos nenhuma interação. Acredito que pelo fato de termos tido ensaio para o dia das mães e uma atividade de pintura realizada pela mãe da A.

Dia 9: A mãe do F foi convidada para realizar uma atividade, por conta da semana das mães. Ela optou por contar uma história. O livro escolhido foi **Chapeuzinho vermelho**, segundo ela o favorito do F. Porém, seu filho ficou com muito ciúme dos colegas que estavam sentados próximos dela, tentando tocar no livro. Os pequenos prestaram atenção até metade da história depois começaram a correr e o F a chorar, porque não queria que os pequenos chegassem perto da mãe dele. Essa atividade foi realizada no momento da rodinha.

No final da tarde percebemos que o H havia pego um livro do cantinho e sentado-se para contar a prima, a I.

Dia 10: Estava em um Congresso em Santa Maria, por isso não posso discorrer sobre os acontecimentos desse dia.

Dia 11: Estava em um Congresso em Santa Maria, por isso não posso discorrer sobre os acontecimentos desse dia.

Dia 12: Não houve contação, motivo: apresentação para o dia das mães que foi realizada em um salão. Mesmo assim, a tia Alice enviou a *Sacola Viajante* para a casa do H.

Resumo da semana: Embora eu tenha participado de apenas uma contações nessa semana, percebi que o H está mais envolvido nas contações, pois por ser uma criança mais tímida e adaptação aos primeiros dias ter sido difícil, vê-lo contando história para a prima foi muito interessante, uma vez que foi uma atitude que partiu dele, sem a nossa mediação. As outras crianças também estavam mais tranquilas e ficaram muito curiosas com o recurso que utilizamos.

A devolução da *Sacola Viajante* aconteceu no prazo correto e com um relato bem completo da atividade. O G estava muito feliz de mostrar o seu registro, assim como notamos que a mãe ficou bem empolgada com a visita.

Dia 15: O H não trouxe a sacola e, segundo a babá, a mãe nem mencionou sobre quando levaria. Por isso, partimos direto para a contação, porém eles estavam curiosos para saber onde a “tia caiol tava” então disse a eles o que havia acontecido. **“O lobo e o pastor”**, de Esopo, foi contado com o recurso do avental. Eles quiseram me ajudar a colar as imagens, mas isso causou certo tumulto, porque todos queriam levantar ao mesmo tempo. Eles sentaram, após eu solicitar, mas ainda seguiram um pouco dispersos.

Hoje precisamos conversar sobre a necessidade de guardar o livro, assim como fazemos com os brinquedos e materiais de pintura. Eles disseram que está entendido, então esperamos que o acervo do cantinho do *Era uma vez...* não fique espalhado como já aconteceu.

Dia 16: **“A águia e a coruja”**, de Esopo foi a fábula escolhida. Fizemos a leitura com o recurso do livro de tecido. Eles apontaram e falaram dos “piu-pius”, reconhecendo que se tratavam de dois pássaros.

Dia 17: **“O corvo e a raposa”**, de Esopo. Utilizamos fichas com imagens que foram sendo colocadas no varal durante a contação. Eles quiseram pegar as fichas no final da narrativa e as

observaram de perto. Reconheceram a cor da raposa e da águia e apontavam para nos mostrar. Apenas dois pequenos dispersaram nesse dia.

Dia 18: “**A raposa e as uvas**” foi a fábula escolhida. Contamos com alguns fantoches e a caixa teatro para realizar a contação. Os pequenos viram a uva e falaram “a futinha” e dessa vez ficaram sentados até o final. Quiseram explorar os fantoches e ir atrás da caixa de teatro.

Após manusearem os livros do cantinho, deixaram-os jogados no tapete, então relembramos o combinado feito e eles guardaram.

Dia 19: Hoje já é sexta e a família do H não levou a *Sacola Viajante*.

“**O burro vestido com pele de leão**”, do livro **Era uma vez La Fontaine**. Utilizamos o próprio livro na contação e os alunos se interessaram pelas ilustrações. Reconheceram o leão e imitaram seu rugido, mas o burro era o “pocotó”, portanto relacionaram a figura com um cavalo. Tentamos explicar que era um animal diferente, mas eles insistiram em dizer “é o cavalinho, Caiol”.

Ao final da tarde a sacola não tinha retornado.

Resumo da semana: O H não trouxe a sacola para a escola, embora tenhamos pedido por inúmeras vezes, anotado na agenda, mas, enfim, não surtiram resultado as nossas solicitações. Por ser primo da I, e ela ser a próxima a receber pedimos que a família entregasse para ela no final de semana, mas não sabemos se tal fato vai acontecer.

Em relação às contações, os pequenos têm interagido e reconhecido várias personagens. O acesso ao cantinho está progredindo, mas, às vezes, eles se esquecem de guardar o acervo.

Dia 22: A I não trouxe a sacola, porém a mãe afirmou que ela recebeu do H no sábado, isso nos tranquilizou, pois ao menos ela teve acesso ao projeto.

“**O cabrito e o lobo**”, do livro **Era uma vez La Fontaine** foi a fábula escolhida. Eles nos acompanharam na hora em que iniciamos a cantar. Os pequenos estavam agitados hoje e dispersaram perto do final da contação. Acredito que tal fato se deu, porque um colega chegou atrasado, interrompendo a contação.

O L pediu para que eu fizesse a contação do livro *O suricato mais medroso do deserto*, puxou-me pela mão, levou-me até o cantinho, retirou o livro e disse “esse, Cacol”. Então perto da hora da saída, organizamos os pequenos no tapete e contamos.

Dia 23: “**O mosquito e o leão**”, de Esopo. Utilizamos alguns dedoches para fazer a contação. Os alunos ficaram encantados por esse recurso e quiseram colocá-los nos próprios dedinhos. Eles mantiveram-se sentados e atentos durante toda a contação.

Dia 24: Feriado

Dia 25: A I trouxe a *Sacola Viajante* apenas hoje, então mostramos o seu relato e o do H aos colegas. A pequena chegou abraçada ao caderno e não queria soltá-lo de jeito nenhum.

“**Os dois galos**” do livro **Era uma vez La Fontaine**. Fizemos a contação com a própria obra. Os “cocós”, segundo os pequenos, ganharam a atenção dos pequenos, que participaram e imitaram o som. Quiseram também explorar o livro, e assim permitimos ao término da contação.

Manusearam os livros do cantinho e tivemos que mediar, uma vez que ocorreram algumas disputas. Porém, guardaram o acervo, após explorá-lo.

Dia 26: “**O asno e o lobo**” de Esopo. Utilizamos a luva com as figuras em E.V.A. Reconheceram o asno, mas como cavalo, assim como fazem com o burro e quiseram imitar o uivo do lobo. Os pequenos quiseram vestir a luva depois da contação, chegando a brigar para ver quem a colocaria primeiro.

A J levou a sacola, ela a caçulinha do Berçário I e estamos curiosos para ver o resultado da interação.

Resumo da semana: Os recursos conquistam os pequenos, mas as ilustrações dos livros, igualmente chamam a sua atenção. A sacola estava fora da escola a quase duas semanas, mas felizmente voltou com o registro das famílias do H e da I.

O acesso ao cantinho, por vezes é tumultuado, porém as crianças estão guardando os livros naquela que eles chamam “da casinha dos livros”. Eles também têm solicitado que contemos histórias com os livros do painel, fato que considero positivo, pois demonstra que gostam do momento de ouvir histórias.

Dia 29: A família da J não enviou a sacola e também não explicou o motivo para tal comportamento.

Fizemos a contação de “**As moscas**”, de Esopo. Utilizamos livro cenário e fomos inserindo as fichas ao longo da contação. As crianças comparam as moscas às abelhas, principalmente quando falamos do mel. Ficaram sentados e atentos a toda contação.

Dia 30: Hoje contamos “**O lobo e a cabra**”, de Esopo, utilizando alguns fantoches. Eles reconheceram o lobo, porém a cabra, não. Então os deixamos manusear os fantoches após a contação, e ensinamos o som produzido pelo animal que não reconheceram. Ao acessarem o cantinho, fizeram-no de maneira organizada, sem deixar os livros pelo chão.

Dia 31: O H trouxe um livro para compartilhar, por isso a leitura foi feita a partir dele. **Os contos da fazenda** era o título da obra e escolhemos dois contos, o do pato e o do porco. Eles adoraram e a A disse que “tenho um poico lá em casa” e nós tivemos que rir, pois foi uma manifestação muito espontânea. Quando a mãe dela chegou a tia Alice a questionou sobre o porco e ela ficou surpresa, negando e perguntando a pequena que dizia “o poico, mamãe”.

Dia 1º: A família da J enviou hoje a *Sacola Viajante* apenas hoje, porém sem o registro fotográfico. Por isso, apenas lemos a descrição. A mãe da pequena se comprometeu em enviar a foto posteriormente. Os alunos receberam a visita de alguns estagiários de nutrição da URCAMP, por isso não houve tempo hábil para realizar a contação.

Dia 2: Finalizamos a contação das fábulas repetindo a primeira “**A lebre e a tartaruga**”, porém dessa vez utilizamos o fantoche feito de meia. Assim que mostramos os fantoches, eles reconheceram a “a taitaiuga e lebe”. Eles ficaram bem atentos até o término da contação. Quiseram manusear e explorar os fantoches.

A sacola foi enviada para a casa do L, pois o K não venho a aula.

Resumo da semana: A sacola voltou com atraso e o relato incompleto, isso nos desapontou, pois queríamos muito visualizar o contato da nossa caçulinha com os livros. As contações nos proporcionaram surpresas como o porco da A e o fato do H trazer um livro espontaneamente para esse momento. Findamos a contação das fábulas de forma muito positiva, pois os pequenos estão cada vez mais atentos e envolvidos com o momento de ouvir histórias.

DE 5 DE JUNHO A 30 DE JUNHO

Adaptações dos contos clássicos

Dia 5: O L mostrou todo contente o seu registro aos colegas e para nós “Oia, Cacol! Oia, Aiche!”, pedindo para a tia Alice e eu olharmos a suas fotos. Ele dizia “o au-au lá em casa”, referindo-se ao livro do **Cachorro diz... au-au!** que aparece explorando na foto.

Começamos as contações com uma história já conhecida pelos pequenos, uma vez que a mãe do F havia contado em maio, **Chapeuzinho Vermelho** (o autor não foi mencionado, mas foi produzido pela editora Ciranda Cultural, 2014). Os pequenos ficaram bem atentos e reconheceram o lobo “mauuuu”.

Dia 6: **Cinderela**, adaptação de Michele de Souza Lima. Utilizei o avental para realizar a contação, mas antes de começar disse a eles que uma moça havia perdido o seu sapatinho, eles perguntaram “quem, Caiol?” e assim comecei a contar para que eles descobrissem a quem pertencia o sapato.

Dia 7: **A bela adormecida**, de Michele de Souza Lima. Utilizamos o próprio livro para contar. A tia Alice contou e eu fiquei sentada junto dos pequenos. Eles quiseram imitar a Bela adormecida e fingiram estar dormindo, tivemos até ronco.

No final da tarde recebemos os pequenos do Berçário I. A I e A prontamente se disponibilizaram para contar histórias aos pequenos, ouvimos muitos “Oiá, aqui o livro bebê”.

Dia 8: Contamos **O gato de botas**, Ciranda cultural, eles ficaram encantados pelo gatinho e quiseram explorar o livro no final.

Dia 9: A tia Alice contou com o recurso do avental, **A galinha ruiva**. Reconheceram e quiseram ajudá-la a colar as imagens no avental, um a um levantaram e foram participar.

Acessaram o cantinho do Era uma vez... com tranquilidade e organização, sem a necessidade da nossa mediação.

O K levou a *Sacola Viajante* e demonstrou muita alegria e curiosidade ao vê-la.

Resumo da semana: O acesso ao cantinho tem sido tranquilo e eles têm se disponibilizado a contar e compartilhar os livros aos colegas, fato que no início não acontecia. Em relação à hora da contação, estão participando e envolvendo-se cada vez mais.

Dia 12: A família do K não enviou a sacola para a escola.

A **pequena sereia** foi contada com o recurso do livro cenário. Os alunos participaram e interagiram bastante durante a contação.

Dia 13: **A roupa nova do rei**, adaptação de Maurício de Sousa. Os alunos se envolveram com a contação e a quando viram a capa comentaram sobre a falta de roupa do Cebolinha.

Dia 14: A família do K não enviou a *Sacola Viajante* para a escola ainda e ele também não apareceu. Ligamos, deixamos mensagens e a mãe se comprometeu em entregá-la no final da tarde, dissemos a ela que isso comprometeria o nosso cronograma e que outra criança seria prejudicada. Ficamos aguardando até as cinco, pois o M deveria levar a atividade para casa, mas a *Sacola Viajante* não voltou.

A contação de hoje foi feita a partir do conto **João e Maria**. Utilizamos fantoches e eles ficaram com muito medo da bruxa, mas no final já estavam mais tranquilos.

Retiraram livros do cantinho e ocorreu uma pequena disputa entre a I e A. Precisamos interferir e mediar a situação.

Dia 15: Feriado

Dia 16: Recesso escolar.

Resumo da semana: Confesso que estou tão triste e brava pela falta de comprometimento da família do K. Não podemos enviar a sacola ao M e isso comprometerá os nossos prazos e provavelmente teremos que adaptá-los.

Dia 19: Esperávamos que a sacola fosse retornar hoje, mas tal fato não aconteceu.

O **patinho feio** foi o conto escolhido para a contação de hoje. Quando viram o pato perguntaram se era o Piteco. Dissemos que era um pato também, mas que não era o Piteco, eles, porém continuaram a se referir ao patinho feio como Piteco.

A interação com os livros do cantinho foi tranquila, não precisamos interferir em nenhum momento.

Dia 20: **Os três porquinhos**, de Xavier Deneux. Eles amaram essa contação, mas quiseram ajudar o lobo a soprar a casa dos porquinhos. Também reproduziram o uivo do lobo e ronco do porco.

Dia 21: Apenas hoje a sacola voltou à escola e pensei que pelo tempo que a família do K ficou com ela que teríamos um longo relato, mas não, não havia descrição do que foi feito, nem

mesmo a foto do momento que interagiu com os livros. Teremos que enviar para o M nessa semana e para o O na metade da semana que vem, dando a ele de terça a sexta para ficar com sacola.

Contamos **Branca de neve**, Ciranda Cultura. As crianças ficaram encantadas com os anões, disseram que eram “bem pequenininhos”. Reconheceram a bruxa “muito mávada, tia”, além disso, apontaram para a maçã “a futinha”. Ficaram durante toda a contação e pediram mais uma, no final.

Dia 22: **Rapunzel** foi o conto escolhido. Contamos com o recurso do livro cenário. Os pequenos ficaram comparando o cabelo da Rapunzel com o da tia Alice.

No final da tarde, o H pediu para que contássemos história de novo. Dessa vez ele escolheu um livro do cantinho. Sentamo-nos no tapete e automaticamente alguns alunos vieram sentar, os que ficaram dispersos foram convocados pela I e pelo H.

Dia 23: **Pinóquio** foi contado com recursos de alguns fantoches e bonecos. Eles cantaram a música muito empolgados e, em seguida, fizemos a contação. Ao final, ficaram tocando no próprio nariz e o F nos questionou se “o meu vai crescer, tia?”.

Enviamos a *Sacola Viajante* ao M, que foi correndo guardá-la em sua mochila.

Resumo da semana: Tivemos que reorganizar o cronograma e ficamos muito chateadas com a atitude da família do K. Eles demonstraram descaso com o projeto.

Em relação as contações, todas foram tranquilas e muito proveitosas. Amamos ver os pequenos buscando semelhanças com as personagens e fazendo comparações com fatos cotidianos aos apresentados nas histórias.

Dia 26: A *Sacola Viajante* não retornou e ficamos muito preocupadas.

A tia Alice fez a contação de **Alice no país das maravilhas**. As comparações com o nome da personagem e o da tia foram inevitáveis, além disso, reconheceram o coelho e outros elementos que apareceram na história.

Dia 27: Através de alguns fantoches contamos **A bela e a fera**. Os alunos fizeram várias interferências, seja para falar da cor do vestido da Bela ou para dizer que a Fera era muito feia.

O M trouxe a sacola apenas hoje, mas já estávamos apavoradas, pois o atraso do K já tinha comprometido o cronograma. Embora a família tenha se atrasado, o relato venho sem a foto. Quando questionada por que, a resposta da mãe foi que havia perdido o celular que continha o registro.

A *Sacola Viajante* foi enviada para a casa do O. A reação dele foi de espanto “tem certeza que ela vai lá minha casa?”. Na hora da saída mostrou e contou a novidade ao pai. Explicamos ao pai que estávamos enviando no meio da semana porque uma das famílias havia se atrasado para entregar, ele nos disse que não havia problema.

Dia 28: **O mágico de Oz**, *Ciranda Cultural*. Os pequenos demonstraram gostar da narrativa. Quando lemos o título o G nos questionou se era do circo, pois era um mágico. Ficaram conosco até o final da contação.

Perto da hora da saída, os bebês do Berçário I vieram nos visitar para ouvir história. Fomos para o tapete e deixamos escolherem os livros do cantinho. Eles exploraram e fizeram a leitura de imagens e o O quis contar algumas para eles, ele apontava para as imagens e dizia “ta entendendo, bebê?”.

Dia 29: **A princesa e a ervilha** foi a escolhida de hoje. Utilizamos algumas fichas com imagens para contar. O F ao ver a ficha da ervilha gritou “como virilhas, lá na minha casa”.

Dia 30: *A Sacola Viajante* retornou na data que estabelecemos e com todos os registros feitos. A socialização foi feita pelo O que estava todo feliz em ter recebido a sacola, segundo ele “foi muito legal”. Embora a família tenha sido afetada pelos atrasos das outras, ela não se incomodou e se envolveu com a atividade.

Contamos o conto **Chapeuzinho vermelho**, mas dessa vez com um recurso completamente desconhecidos dos pequenos. Eu levei uma boneca que contem em si as três personagens principais, ou seja, a Chapeuzinho, a vovó e o lobo. Em um primeiro momento, é possível ver apenas a menina e eles quiseram tocar na Chapeuzinho, ver a cesta de doces, mas durante a narrativa quando eu girei a boneca e o lobo apareceu eles ficaram apavorados e não quiseram tocar. Depois apareceu a vovó que estava no avesso do fantoche do lobo, e eles quiseram fazer carinho nela, mas quando o F percebeu que o lobo estava atrás da vovó, se afastou.

Enviamos a *Sacola Viajante* para a família do N.

Resumo da semana: Finalizamos essa parte do projeto de contação satisfeitas, pois a participação da turma foi incrível. Sobre a sacola, ficamos felizes de ver o registro da família do O, que mesmo levando durante a semana, realizou toda a atividade.

DE 3 DE JULHO A 28 DE JULHO

Trava-línguas e parlendas

Dia 3: A partir do livro **Brincando com parlendas**, de Jakson de Alencar foram lidas “**Hoje é domingo...**” e “**Um, dois, feijão com arroz...**”. Os alunos estranharam um pouco a mudança de gênero, pois o atual nos proporcionou uma leitura mais rápida e em tom de brincadeira. Na leitura da segunda parlenda, participaram contando e repetindo o que dizíamos. Foi necessário fazer a leitura por mais de uma vez porque eles solicitaram com um sonoro “de novo, tia!”.

Dia 4: A partir do livro **Brincando com parlendas**, de Jakson de Alencar foram lidas “**Quem cochicha...**” e “**O rei mandou dizer...**”. Os pequenos gostaram bastante das ilustrações e também da parlenda “Quem cochicha”, mas quando dissemos “quem vai contar com o rei”

todos contaram. Além de reconhecerem na imagem que o rei estava “virada”, isto é, de cabeça para baixo. Ao final pediram para ver o livro de perto.

Próximo ao horário da saída os pequenos do Berçário I “invadiram” a nossa sala para acessar ao cantinho do *Era uma vez...* Precisamos mediar essa interação, mas os nossos alunos também auxiliaram, querendo mostrar e contar histórias aos menores.

Dia 5: O N trouxe a *Sacola Viajante* hoje e nos mostrou o seu registro, apontando para a irmã. Segundo o relato familiar, ela também contou a história ao N. Essa foi a última família a receber a primeira rodada do projeto e, embora tenhamos terminado em cima do prazo para o próximo envio, ficamos felizes em perceber que o pequeno teve acesso aos livros, principalmente pelo fato de envolver a irmã.

Dia 6: Lemos algumas adivinhas e um trava-língua do livro **Enrosca ou desenrosca?**, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona. Eles amaram o livro e também o questionamento inicial das adivinhas “o que é? O que é?” e repetiram a pergunta por várias vezes.

Enquanto estávamos na hora da fruta o H nos questionou se podia mexer nos livros, dissemos a ele que assim que os colegas terminassem de comer a fruta poderíamos explorar o acervo.

Dia 7: A partir do livro **Brincando com parlendas**, de Jakson de Alencar foram lidas “**O macaco foi a feira...**” e “**Rei capitão...**”. Além de reconhecerem o macaco e cantarem uma música que remete a esse animal, lembraram do rei da “outra história, o rei que conta, tias”. Confesso que nem nós nos lembrávamos do rei, mas eles insistiram tanto que acabamos lembrando da parlenda lida na terça-feira “**O rei mandou dizer...**”.

Iniciamos a segunda rodada do projeto *Sacola Viajante*, apresentando aos pequenos o novo acervo, eles amaram o colorido dos livros e ficaram super curiosos para ouvir as histórias. Dissemos a eles que isso seria feito em casa nesse primeiro momento, mas que depois poderíamos lê-las na hora da história. Quem recebeu a sacola foi o G, pois tanto a mãe dele como a da A pediram para trocar as datas, logo escolhemos trocar entre os dois. Então invés da A levar quem saiu todo contente com a sacola foi o G.

Resumo da semana: Não tivemos nenhuma dispersão durante a leitura das parlendas, mesmo que no início tenham estranhado um pouco a mudança de gênero, envolveram-se com a leitura, muitos quiseram repetir o que líamos.

Finalizamos a primeira rodada do projeto *Sacola Viajante*, tivemos um saldo positivo em participação, além disso, as manifestações de curiosidade e empolgação das crianças em relação à sacola é continua grande. O fato que nos incomodou e preocupou bastante foi o não cumprimento dos prazos estabelecidos para a devolução da sacola. Espero que a próxima rodada seja mais tranquila em relação a isso.

Dia 10: A família do G devolveu a sacola na data combinada. Ele mostrou ao grupo as fotos da interação, salientando para as imagens do “papai do G”, “O G vendo o livro, tia”. Perguntamos de qual havia gostado mais e ele pegou o livro **No mundo da lua**.

Na sequência, anunciamos a hora da história, eles se organizaram e começaram a cantar. Fizemos a leitura de algumas adivinhas do livro ***Enrosca ou desenrosca?***, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona. Eles gostaram muito desse livro, já haviam demonstrado isso na semana passada. Além de acompanharem as imagens fizeram indagações sobre as ilustrações.

Dia 11: Lemos algumas adivinhas e mostramos imagens que se relacionavam a elas. Eles demonstraram muita curiosidade para encontrar a resposta e para auxiliá-los exibimos a resposta através de uma ficha com a imagem.

Nesse dia, o M e o C invés de quererem brincar com os carros que estavam disponíveis no tapete, preferiram pegar livros e ir explorar sentados na mesa.

Dia 12: A partir do livro ***Brincando com parlendas***, de Jakson de Alencar foram lidas “Por detrás daquele morro...” e “Subi na mangueira...”. Assim que viram a mangueira, reconheceram a “árvore da futinha”, dissemos a eles que sim, essa é a árvore da fruta, da manga, então pegamos uma manga para mostrar. Além disso, na ilustração havia um menino em cima da árvore e isso não passou despercebido.

Na hora da fruta quando foram degustar, nos questionaram se a manga do menino estava ali no prato.

Dia 13: Fizemos a leitura a partir do livro ***Enrosca ou desenrosca?***, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona. Os pequenos ficaram presentes e atentos durante toda a contação.

Dia 14: Mostramos a *Sacola Viajante* ao N que ficou super empolgado. Ajudamos a guardá-la na mochila, embora ele não quisesse.

A partir do livro ***Brincando com parlendas***, de Jakson de Alencar foram lidas “**Batatinha quando nasce...**” e “**Chuva e sol...**”. Usamos alguns fantoches, além do próprio livro. Eles quiseram explorar ambos. Além disso, queriam saber onde estava o coração, então dissemos que precisavam tocar no peito e fazer silêncio. O H quis tocar no coração da tia Alice e disse que ele fazia “tum-tum-tum”.

As interações com o acervo do continho aconteceram no final da tarde, eles manusearam, simularam a leitura, fizeram trocas entre eles e quando acabaram, devolveram os livros ao painel.

Resumo da semana: A sacola voltou no dia certo e fiquei animada com isso, de certa forma já esperava, pois a família do G é muito comprometida com todas as atividades escolares do pequeno.

A interação deles durante a leitura das adivinhas e parlendas tem sido ótima, estão cada vez mais envolvidos e participativos. Além disso, o acesso ao cantinho está cada vez mais organizado, quase sem a existência de conflitos.

Dia 17: Estava de folga, portanto não posso discorrer sobre os acontecimentos desse dia.

Dia 18: Estava de folga, portanto não posso discorrer sobre os acontecimentos desse dia.

Dia 19: Quando cheguei as meninas me relataram que o pai do N havia entregado a sacola e o pequeno não havia ido, quando fui olhar o caderno para ver os registros não os encontrei. A família não registrou e não mencionou o motivo de não realizar a atividade.

A partir do livro **Brincando com parlendas**, de Jakson de Alencar foram lidas “**Uni, duni, tê...**” e “**Salada, saladinha...**”. Claro que o sorvete do uni, duni, tê foi uma atração a parte, pois levamos um sorvete em E.V.A para que cada um tivesse o seu. A contação se tornou uma grande brincadeira e eles se divertiram muito.

Dia 20: Hoje a I chegou cantando a música da história e mãe da menina nos questionou sobre a canção. Explicamos para a mãe que essa música era cantada antes das contações de história.

A leitura de hoje foi feita a partir do livro **Enrosca ou desenrosca?**, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona. As crianças ficaram presentes, participativas e atentas durante toda a contação.

Dia 21: Lemos algumas adivinhas e usamos fantoches para revelar a resposta. Eles quiseram repetir o nosso gesto e no final da contação pegaram os fantoches, dizendo “o que é que é?” e deram muitas risadas.

Quem levou a sacola foi o B que ficou todo feliz. Na outra rodada, o final de semana em que levou a atividade era o de ficar com o pai, mas dessa vez foi o da mãe. Ficamos felizes em poder proporcionar que tanto o pai quanto a mãe tivessem a oportunidade de realizar a atividade.

Resumo da semana: Foi uma semana mais curta para mim, por causa das duas folgas, mas percebi os pequenos bem envolvidos nas três contações, eles têm se divertido muito com as adivinhações.

Infelizmente, a sacola já teve a sua primeira não participação, uma vez que a família do N não relatou nada sobre a interação dele com o projeto, portanto não sabemos sequer se ele manuseou o acervo.

Dia 24: Iniciamos a semana sem a *Sacola Viajante*, pois a mãe do B não a trouxe para a escola.

Utilizamos a caixa teatro como recurso para contar as adivinhas, eles ficaram bem envolvidos com a atividade e quiseram ir para trás da caixa contar. Puseram-nos sentadas e foram simular a contação.

Dia 25: A partir do livro **Brincando com parlendas**, de Jakson de Alencar foi lida “**Cadê o toucinho que estava aqui?**”. Eles acompanharam a leitura muito atentos, não tivemos dispersões. O acesso ao cantinho foi tranquilo e organizado.

Dia 26: A sacola não voltou ainda e estamos bem preocupadas.

A partir do livro **Enrosca ou desenrosca?**, de Maria José Nóbrega e Rosane Pamplona, fizemos a leitura de algumas adivinhas. Hoje o F estava super agitado e dispersou um pouco os colegas, fato que fez com que a contação terminasse antes da hora.

Dia 27: Apenas hoje, depois de muitos pedidos nossos, a mãe do B deixou a sacola na escola. Estávamos preocupadas que tal atraso prejudicasse o cronograma. Quando fomos olhar o caderno, percebemos que nenhum relato havia sido feito, nem o registro fotográfico.

Propomos continuar a leitura da adivinhas de ontem e hoje tivemos êxito, os pequenos estavam mais tranquilos. Além disso, exploraram o acervo do cantinho de forma muito organizada e quando chamamos para realizar outra atividade, guardaram os livros, embora alguns o fizeram contrariados.

Dia 28: A partir do livro **Brincando com parlendas**, de Jakson de Alencar foram lidas “**Lá na rua 24...**” e “**Dedo mindinho...**”. Utilizamos além do livro alguns fantoches. Eles adoraram o do dedo, tentando localizar na própria a mão o mindinho. Mostravam todos os dedinhos gordos possíveis, mas não conseguiam encontrar o tal do mindinho, então nós ajudamos. Reconheceram na ilustração de “**Lá na rua 24**” o gatinho “olha o miau, ali tia”.

Devido a ausência de alguns alunos a *Sacola Viajante* foi enviada para a casa da A que deverá entregá-la na terça-feira dia (01/09).

Resumo da semana: Encerramos a parte do projeto destinada a adivinhas e trava-línguas com êxito em quase todas as contações. Os alunos amaram brincar com os sons e com as palavras.

31 DE JULHO A 25 DE AGOSTO

Lendas

Dia 31: Expediente interno (destinado para organização e planejamento do segundo semestre letivo).

Dia 1º: A família da A enviou a sacola com todos os registros. Socializamos o relato da mamãe da A e ela ficou muito contente de mostrar suas fotos, apontava para os livros e os abraçava. Por conta de estarem voltando de férias, estavam mais agitados, querendo contar e mostrar as novidades, muitos estavam com saudade e não queriam sair do nosso colo, por isso a lenda “**A salamanca do Jarau**” não conquistou a eles. Acreditamos que pelo fato de estarem agitados, sequer deram atenção para a história.

Dia 2: “**Lenda do boto**” foi a escolhida para a contação, utilizamos o livro sanfonado. Hoje os pequenos estavam mais calmos e ficaram até o final da contação.

Ficamos encantadas de ver a I contando história para a almofada de cachorrinhos que temos em sala de aula. Ela retirou o livro do cantinho e foi contar, quando terminou devolveu ao painel.

Dia 3: Contamos a “**Lenda da Cuca**” com fantoches. Eles ficaram assustadíssimos com Cuca e não quiseram saber de colocar o fantoche na mão ou tocá-lo. Embora tenham demonstrado medo, ficaram no lugar durante toda a contação. No final, o G disse é um “jacaé, tia”, relacionando a personagem com um jacaré.

Dia 4: “**Lenda do lobisomem**”, de Carmen Dolores. Os nossos pequenos estavam mais agitados hoje, ficaram sentados durante boa parte da contação, porém o B e o L dispersaram antes e os colegas o seguiram.

O D levou a Sacola, pois o C continua doente e por isso não está indo à escola.

Resumo da semana: A sacola voltou na data combinada e com um relato bem completo que a A fez questão de mostrar.

No primeiro dia de contação fomos “interrompidas” pela empolgação das crianças com o retorno à escola, fato que consideramos compreensível, pois a dias eles estavam fora da rotina. As contações seguintes foram tranquilas e tivemos a participação e engajamento deles com as propostas.

Dia 7: O D compartilhou conosco o registro da passagem da sacola na sua casa. Apontou para as imagens e se reconheceu nelas. Contamos hoje a lenda da “**Vitória-Régia**”. Utilizamos dedoches para representar a narrativa. Os pequenos ficaram presentes durante toda a contação. Ao final, solicitaram para explorar os recursos.

Tivemos um acesso bem tranquilo ao cantinho do *Era uma vez...*. Só que hoje nós propomos que houvesse o manuseio do acervo no final da tarde, então a maioria se direcionou para o tapete.

Dia 8: **O sol e a lua**, de Vitor Maia. Utilizamos apenas o livro para essa contação. Os pequenos reconheceram as imagens do que segundo o B é “shol e luia”. Quando fomos para o pátio, o F ao descer a escada disse “o sol da história, Caiol”.

Dia 9: Lenda do “**Monstro da Panela do Candal**”. Essa lenda é da nossa cidade, por isso não tivemos suporte do livro, apenas o texto retirado da internet com autoria de Pedro Waine

(<http://memoriasdopampa.blogspot.com.br/2016/03/a-lenda-do-monstro-da-panela-do-candal.html>). Então, criamos fantoches no palito de churrasco para fazer a contação. Eles ficaram assustadíssimos com o monstro que é representado pela figura de uma cobra gigante, não quiseram nem tocar nos recursos, mas se mantiveram sentados até o fim.

Dia 10: **A festa no céu**, de Vitor Maia. Os alunos amaram essa contação, pois utilizamos vários fantoches de diferentes animais como o urubu, a tartaruga, a borboleta, entre outros. Antes mesmo de começarmos a contação, só o fato de pegar os fantoches mobilizou os alunos a cantarem a música e a quererem manuseá-los. Contamos a história com eles a todo tempo reconhecendo e apontando para os animais. Ao final, além de explorarem os fantoches, cantamos a música alusiva a história (Ouvi contar uma história, uma história engraçadinha, da tartaruguinha, da tartaruguinha. Houve uma festa lá no céu, mas o céu era distante e a tartaruguinha viajou na orelha do elefante...).

Dia 11: Não houve contação, devido ao turno inverso destinado ao ensaio da apresentação do dia dos pais.

O E que levaria a *Sacola Viajante está* viajando e acabamos esquecendo de enviar a sacola para a próxima criança, no caso o F.

Resumo da semana: Os alunos estiveram tranquilos nas contações. Notei que a lenda do “**Monstro da panela do Candal**” causou certo medo nos pequenos, certamente, por conta da cobra. Porém, não demonstraram medo com outras três contadas nessa semana, pode ser pelo fato de que já conhecessem a maioria das personagens.

O acesso ao cantinho foi tranquilo, cada vez a nossa mediação se torna menor.

Esquecemos de enviar a *Sacola Viajante*, mas nenhuma criança foi afetada, pois o aluno que a receberia estava viajando, mas ficamos chateadas de qualquer forma.

Dia 14: “**A boitatá**” foi a lenda contada. Os pequenos ficaram com medo do fantoche da Boitatá, uma vez que esse representava uma grande cobra. Eles não quiseram tocar ou explorar o recurso, mas ficaram sentados até o fim da contação.

Hoje a A convocou os colegas para que ela fizesse a contação, alguns foram outros ficaram dispersos. Os pequenos D e K do Berçário I quiseram vir participar desse momento e a professora da turma permitiu. Eles, porém, quiseram retirar os livros do cantinho, levando-os a boca para morder. Exploraram por algum momento e depois voltaram para a sua sala.

Dia 15: A contação desse dia foi feita com fantoches, trabalhamos a lenda do “**Curupira**”. As crianças amaram as particularidades da personagem e ficaram buscando semelhanças físicas entre elas e o Curupira.

Dia 16: A lenda escolhida para a contação foi a da “**mula sem cabeça**”, de Carmen Dolores, mais uma vez utilizamos o recurso do livro cenário, pois eles ficaram encantados por ele na segunda-feira. Muitos ficaram assustados com o fantoche da mula, pois ela não tinha cabeça. Outro fato que despertou a atenção foi o “fogo” que era feito de E.V.A nas cores vermelha, amarela e laranja, os pequenos tocavam rapidamente na primeira vez e, depois de conferirem que aquele fogo não queimava, manusearam o fantoche por diversas vezes.

Dia 17: Foi feita a contação da narrativa **A lenda do Saci-Pererê em cordel**, de Marco Haurélio. O show ficou por conta do livro que possui ilustrações belíssimas. Eles ouviram com atenção e os olhinhos e dedinhos curiosos não pararam um minuto. Questionaram muito sobre o pé do Saci, olharam os próprios pés, os pés das tias, foi uma farrá. Também ao verem o Saci ainda bebê, alguns alunos que estão acompanhando a gestação de suas mães, disseram “um bebê que nem o da barriga da mamãe, tia”.

Dia 18: Não tivemos contação em sala de aula, devido a programação da escola que nesse dia desenvolveu a “Balada do Folclore”, na qual as crianças representavam personagens folclóricos. Porém, aconteceu a contação de algumas lendas no pátio da instituição, utilizando os alunos que estavam fantasiados.

Enviamos a *Sacola Viajante* para o F, pois o C ainda está ausente e o E está viajando. A família não se incomodou com a troca de datas.

Resumo da semana: As crianças estão cada vez mais envolvidas com as contações e com o cantinho, pois a maior parte da turma se reúne no tapete e começa a entoar a música da história. Esses alunos também começaram a mobilizar os colegas que ficam dispersos “puxando-os” para a roda de história. Outro fato importante foi os alunos do Berçário I quererem participar desses momentos.

As ausências dos alunos têm nos feito trocar algumas datas, felizmente a família do F não se incomodou.

Dia 21: Fizemos apenas leitura do relato F, pois a família não anexou a foto ao caderno. Ouvimos a lenda “**Iara**”, de Carmen Dolores. Contamos com o recurso do livro cenário, que

despertou a curiosidade dos pequenos devido o seu tamanho. Eles ficaram encantados com os fantoches e ouviram a lenda com atenção, apenas dois alunos dispersaram no finalzinho da história.

Dia 22: Contamos com o recurso do livro cenário a lenda **O caçador e o curupira**, de Vitor Maia. Eles reconheceram o curupira e o G falou “o da outra historia, tia”. Foram participativos e atentos durante a leitura.

O acesso ao cantinho nesse dia foi organizado, a A foi a primeira a retirar o acervo, sentou no tapete cantou a música e começou a explorar o livro. Em seguida, alguns colegas a seguiram, repetindo as sua atitude, perante o livro.

Dia 23: A lenda escolhida foi **“O negrinho do pastoreio”**. Fizemos a leitura com o recurso do avental. Eles nos auxiliaram a colar as imagens e acharam que o negrinho do pastoreio era “o saci pêê, tia”. Não tivemos nenhuma dispersão.

Dia 24: Contamos a lenda do **“Sepé Tiaraju”**. Utilizamos a caixa teatro e os fantoches de palito de churrasco. Eles reconheceram o “cavalinho” e o índio “igual o indiozinho da canoa, tia”, referindo-se a música (Um, dois três indiozinhos...). Ficaram até o final da contação e exploraram os recursos no final, inclusive ficaram atrás da caixa teatro, simulando contar histórias.

Os pequenos exploraram os livros próximos ao horário da saída. Assim que os pais chegavam, guardavam o acervo ou o levavam até a porta para mostrar o que estavam lendo.

Dia 25: **“A erva-mate”** a lenda foi lida contando com algumas fichas de imagens. Ao final mostramos o chimarrão, salientado que a lenda refere-se a erva da qual é feita essa bebida. Eles quiseram degustar o mate, portanto da contação surgiu uma roda de chimarrão.

O C retornou a escola e pode finalmente levar a *Sacola Viajante*.

Resumo da semana: Felizmente o C voltou à escola e pode levar a *Sacola Viajante*. Ela essa semana foi entregue na data certa, porém sem o registro fotográfico.

Os alunos participaram bem dessa fase do projeto *Eu conto, tu recontas, nós nos encantamos*, embora tenham se assustado em alguns momentos, tivemos situações interessantes como no dia da lenda **“A erva mate”** e da contação no pátio envolvendo os alunos que estavam fantasiados. Eles também amaram **A lenda do Saci-Pererê em cordel**.

O acesso ao cantinho está melhorando gradativamente, pois percebo que estão guardando os livros e também compartilhando, fato que não acontecia antes. Estão cada vez mais autônomos e realizando as ações referentes a esse projeto com uma pequena mediação nossa.

DE 28 DE AGOSTO A 23 DE SETEMBRO

Livros imagens

Dia 28: A família do C entregou pontualmente todos os registros e socializamos na hora da rodinha. **Oh!**, de Josse Goffin, foi o escolhido para a contação. O livro é riquíssimo em recurso e possui várias abas, isso deixou os olhinhos arregalados e repletos de curiosidade. Eles amaram a narrativa que juntos criamos e ao final quiseram explorar a obra.

Hoje ao final da tarde o F escolheu um livro do cantinho e contou para os colegas, essa contação durou pouco tempo, pois F ia lendo as imagens que reconhecia e pulando algumas páginas. Ao final ele muito serelepe disse “e fim, tá acabado a hola do êêê talalá”, fazendo referência a música que cantamos antes da história.

Dia 29: **Ter um patinho é útil**, de Isol. Os alunos ficaram sentados durante toda a leitura e reconheceram o patinho, imitando o som que o animal produz. Nesse dia fizemos a leitura apenas da metade do livro, uma vez que ele traz a mesma história em duas perspectivas.

Dia 30: **Ter um menino é útil** é a outro lado da história que contamos ontem, assim que viram o livro eles disseram “o mesmo, tia, do quá-quá”. Eles ficaram intrigados, pois sabiam que a história era familiar, porém estava diferente. A participação foi boa e as crianças se mostraram muito ativas.

Dia 31: Utilizamos várias fichas contendo diversos animais. Cada uma das dez crianças presentes ganhou a imagem de um animal para segurar. Cantamos a música “Seu Lobato” e cada vez que dizíamos tinha um bicho (o aluno levantava e mostrava a ficha aos colegas e também reproduzia o som). Ao final da música perguntamos para eles o que o bichinho estava fazendo na fazenda, a A disse que “o cocó foi passear”, pois ela tinha a imagem de uma galinha, já o H disse que “a muu tava comendo, tia”. Enquanto perguntávamos, o B estava tentando comer a sua ficha e ele só não conseguiu porque estava plastificada.

Dia 1º: Mostramos a sacola ao H que saiu correndo e dizendo “é do H!”. Pedimos para guardá-la na mochila e muito contragosto, ele guardou. A contação aconteceu a partir do conto “**A chave**”, do livro **Contos desenhados**, de Per Gustavsson. Esse conto narra a busca da princesa pela chave do castelo e os pequenos se dispuseram a ajudá-la, procuraram até embaixo do tapete. Eu estava segurando o desenho que havia feito enquanto contava a história, e os provoquei “você sabem que o a chave está bem pertinho de vocês” e eles ficaram me olhando. Então o F disse “ta aqui, tia”, apontando para o desenho. Os colegas ficaram muito satisfeitos, pois eu os disse que eles haviam ajudado a princesa a entrar no castelo.

Resumo da semana: As suposições que os alunos fazem são muito interessantes, uma vez que demonstram muita curiosidade para saber o que vai acontecer. Felizmente, a *Sacola Viajante* retornou no tempo previsto e com todos os registros feitos. O acesso ao cantinho foi pequeno essa semana, porém o F contando roubou a cena.

Dia 4: A sacola não retornou para a escolinha na data prevista, mas a babá do H nos prometeu que tentará trazê-la amanhã.

O leão e o camundongo, de Jerry Pinkney, foi o livro escolhido. Os pequenos tiveram muito medo do leão no início, mas o F dizia “ele é amigo” e nós concordamos com ele, explicando que o leão não ia machucar o ratinho. As ilustrações do livro ocupam duas páginas, o que deixou os pequenos encantados, eles queriam tocar e pegar o livro a todo instante. Ao final cantamos a música do leão e do ratinho que a A e o G adoram.

Dia 5: A família do H enviou hoje a sacola com todos os registros feitos, e ele inclusive levou a Nina (sua cachorrinha de pelúcia e para quem havia feito a contação em casa) para ajudá-lo a contar sobre a sua experiência com a sacola. Os colegas quiseram conhecer e brincar com a Nina o que causou certo tumulto, por isso tivemos que levá-la para descansar na mochila do H.

Contamos **As confidências de um jacaré**, livro o qual já tínhamos utilizado no início do ano. Porém, dessa vez, utilizamos apenas algumas fichas com imagens da narrativa, deixando livre para que os alunos criassem a história. Fomos contando e pendurando no varal as imagens, na concepção deles “o jacaré era muito mau e ia machucar o menino”. Questionei, querendo saber o porquê de o jacaré ser mau e eles disseram que “ele tem dente gande e cara de mau, tia”.

Dia 6: Contamos **Aranha por um fio**, de Laurent Cardon. O livro fez os alunos lembrarem da música da “Dona aranha”. Boa parte da turma ficou até o final, mas o B e o L dispersaram um pouco. O acesso ao cantinho aconteceu de forma tranquila, eles exploraram os livros e os guardaram na hora de irem para casa. A I levou a sacola e ficou super empolgada, saiu arrastando pelas alças na hora de ir embora.

Dia 7: Feriado

Dia 8: Recesso escolar

Resumo da semana: O relato da família do H foi muito bacana, embora tenha vindo atrasado. Vê-los ouvir e criar uma nova versão para a história **As confidências de um jacaré** foi gratificante, pois percebi que eles já avançaram em relação a constituição da formação leitora, uma vez que no início do ano sequer sentaram para ouvir.

Dia 11: Nesse dia não houve contação, pois a turma teve uma festa de aniversário fora da escola. A sacola também não retornou, mas o pai da I explicou que ele tinha ficado encarregado de fazer o relato e por conta da chegada da maninha da I, ele se atrasou.

Dia 12: O pai da I nos levou a *Sacola Viajante* e quando abrimos o caderno tivemos uma bela surpresa, ele descreveu a interação através de versinhos. Os alunos amaram acompanhar as peripécias da I com a sacola. Tivemos que enviar a sacola hoje para o E, pois ele estava viajando e viajará na próxima semana, posto isso, combinamos com a mãe que ela nos entregasse na sexta-feira. Contamos a história **Lobo negro**, de Antoine Guilloppé, os pequenos sentiram um pouco de medo, pois o livro é bem sombrio. Nós tentamos tranquilizá-los e eles entenderam que o lobo estava dentro do livro. Ao final mostramos o som do uivo do lobo e eles quiseram imitar.

Dia 13: Contamos **“O sorvete”**, do livro **Contos desenhados**, de Per Gustavsson. Sentamos os pequenos ao redor do papel pardo e conforme fomos contando, íamos desenhando o sorvete. Eles ficaram muito triste ao saber que o sorvete da menina havia derretido e soltaram um “ooo” de indignação. No final eles quiseram pintar a imagem.

Dia 14: **Vento: uma história soprada por Elma**, de Elma Maria Neves Fonseca de Lima, foi o livro escolhido para a contação. Os alunos ficaram encantados pelas ilustrações e curiosos para saber o que Elma dizia. Fizeram algumas suposições como “que ela tá feliz”, “tá brincando, tia”. Assim como, ficaram analisando a roupa da personagem, as meninas da turma

logo disseram “ela usa saia de flor, tia”. Ao irmos para o pátio, o G nos disse “tias, oia o vento da menina”.

Dia 15: O E trouxe o relato da família e, segundo este, dessa vez ele não ficou assustado com os animais. Ele mostrou aos colegas na hora da rodinha e imitou os sons de alguns dos bichinhos.

Contamos “**O chapéu**”, do livro **Contos desenhados**, de Per Gustavsson. Utilizamos uma folha de papel sulfite A2, enquanto eu contava a tia Alice desenhava. Quando eu perguntei “cadê o chapéu do vovô?” a I disse “a tia Alice feize”.

Hoje a A quis contar história no final da aula, retirou o livro do ratinho do painel e começou a cantar e dançar a música do rato. Questionava aos colegas “viu?, viu?” perguntando se tinham visto o rato. Conseguimos convencê-la de sentar para que aí sim os colegas pudessem ver o livro.

Enviamos a *Sacola Viajante* para a caçulinha do Berçário I, a J.

Resumo da semana: Os versinhos criados pelo pai da I ficaram muito fofos, e ele estava muito satisfeito em ter participado da ação. As reações dos alunos durante as contações estão muito interessantes, pois demonstram um envolvimento cada vez maior. Eles também querem contar histórias aos colegas com maior frequência e solicitam ocupar esse papel de mediadores.

Dia 18: A família da J não enviou a sacola. A tia Alice solicitou que ela enviasse o mais breve possível, esperamos que ela seja levada à escola amanhã.

“**O camundongo**”, do livro **Contos desenhados**, de Per Gustavsson, fez parte da nossa contação. Como recurso utilizamos uma folha de papel sulfite A2 e canetas hidrocor para desenhar o camundongo, enquanto, contávamos, íamos aos poucos desenhando partes do animal. Eles ficaram super curiosos para ver qual seria o resultado do desenho.

O acesso ao cantinho foi tranquilo, só tivemos uma disputa entre a A e I por um livro, mas conseguimos mediar a situação e convencer a I a emprestar para a A depois que ele lesse.

Dia 19: Estávamos acabando as atividades de rotina quando fomos avisadas que teríamos que descer para o pátio, pois haveria uma apresentação artística de um CTG. Porém, ficamos esperando por trinta minutos até começar, devido a isso todas as atividades desse dia foram

repensadas. Não fizemos a contação, porque quando subimos já estava na hora de lanche. Transferimos boa parte do planejamento desse dia para o dia 21/09.

Dia 20: Feriado

Dia 21: A *Sacola Viajante* retornou hoje, porém o caderno estava sem nenhum relato da família da J.

Fizemos a contação a partir do livro **O camelo, o burro e a água**, de Sergio Merli. Ao passar as páginas, íamos criando e questionando sobre o que poderia acontecer. Eles, por sua vez, faziam interferências para dar sugestões “tia, ele tá dando banho na florzinha”, disse o C ou “não é cavalo? é burro, tia?”. Afinal, o burro sempre é um cavalo na concepção deles.

Dia 22: **“O ganso do Paulo”**, do livro **Contos desenhados**, de Per Gustavsson, assim como das outras vezes que utilizamos esse livro, íamos desenhando enquanto contávamos a história. Ao final da narrativa, perguntamos para eles onde estava o ganso e após pensarem um pouco, disseram “aí, tia, na folha”. Esse tipo de contação faz com que eles fiquem ansiosos para visualizar o desenho final. Enviamos a sacola para a família do K, antes dele sair pedimos para a tia do Berçário I para ele vir a nossa sala, e então mostramos o acervo. O K ficou curioso com a sacola e não queria nos deixar guardá-la na mochila.

Resumo da semana: A *Sacola Viajante* não voltou no dia previsto e quando fomos explorar o caderno na hora da rodinha, vimos que não havia registro algum. O acesso ao cantinho foi tranquilo, tivemos apenas um conflito pelos livros entre os pequenos. Percebi que as histórias advindas dos livros de imagem têm mobilizado a participação e os alunos têm feito várias inferências. Isso possibilitou que compartilhássemos com eles o papel de mediar as histórias, dando a oportunidade de ouvi-los também durante as contações.

DE 25 DE SETEMBRO A 27 DE OUTUBRO

Poesias

Dia 25: A sacola não retornou da casa do K na data prevista, assim como na primeira vez. Resolvemos utilizar o livro **Gato pra lá, rato pra cá**, uma vez que eles haviam tido contato com ele nas primeiras contações. Dissemos que era hora de dar boa tarde e todos já foram sentar no tapete. Depois das atividades de rotina, cantamos todos juntos a música, mas

a A por ser a mais animada para cantar puxava o coro. A interação deles com a obra foi completamente diferente, pois começaram analisando o gato e o rato contidos na ilustração da capa, dizendo que o “gatinho e bavo e gande” e o ratinho “bem pequenininho”. Ficaram sentadinhos e fazendo questionamentos em vários momentos, a maioria teve medo do gato e se solidarizou com o ratinho assustado, porque ele estava chorando e “se tá cholando, tá triste”, nós explicamos que ele estava assustado e com medo. Ao final perguntamos se alguém tinha um gatinho e a resposta de um deles foi “tem um gatinho lá na minha casa, tia, assim tudo peto”. Além de reconhecer que a cor preta do gato da história ele também lembrou a do seu.

Dia 26: “**Tomando sol**” e “**De cima, de baixo**” do livro *Poeminhas da terra*, de Márcia Leite, foram as escolhidas. Os alunos reconheceram os animais, principalmente o jacaré e associaram a música que cantamos e fala desse animal. O acesso ao cantinho foi tranquilo e organizado.

Dia 27: “**O Direito das Crianças**” de Ruth Rocha foi lido com alguns fantoches e mostramos também algumas imagens de elementos sobre os quais o poema falava. Os alunos reconheceram alguns e outros não, mas ficaram sentados no tapete até o final.

Dia 28: A *Sacola Viajante* venho apenas hoje e quando fomos ver o relato nos surpreendemos, pois o registro feito referia-se a primeira rodada, portanto mãe relatou o suposto contato com o primeiro acervo, mas não disse nada sobre o segundo.

“**A boneca e a menina**”, do livro **No mundo da lua**, Roseana Murray, foi a escolhida. Eles ficaram atentos durante a contação e reconheceram os brinquedos contidos na ilustração.

Dia 29: “**Bichos**” e “**Siriema**” também do livro **No mundo da lua** foram as escolhidas. Por conterem ilustrações e mencionarem vários animais, conquistaram a atenção e curiosidade dos pequenos. Que imitaram sons e cantaram músicas que remetiam aos bichinhos. Os pequenos exploraram o cantinho, retiraram o livro, sentaram-se no tapete, manusearam, simularam a leitura e, por fim, guardaram.

Enviamos hoje a sacola para a casa do L que ficou todo contente.

Resumo da semana: O comportamento dos alunos durante as contações e acesso ao cantinho foi tranquilo e questionador. Exploraram, questionaram e compartilharam os livros com os

demais colegas sem conflitos. Em relação a sacola, tivemos mais uma vez o atraso e a ausência do registro.

Dia 2: A *Sacola Viajante* não retornou e a família não disse o porquê. Lemos o poema **“Guarda-chuvas”**, de Rosana Rios. Utilizamos algumas fichas com imagens de guarda-chuvas. Eles gostaram e ao final a A começou a cantar a música do guarda-chuva e nós a acompanhamos. O acesso ao cantinho aconteceu de forma tranquila.

Dia 3: **“Canção para ninar dromedário”**, de Sérgio Capparelli foi o poema escolhido. Apenas fizemos a leitura sem nenhum recurso, mas por ter uma sonoridade muito envolvente, os alunos ficaram tentando “ler” junto. Ouvimos alguns “dome, dome, domedário”.

Dia 4: **“A porta”**, de Vinicius de Moraes foi apresentada aos alunos através de um vídeo (<https://www.youtube.com/watch?v=jLY1guopw88>). Levamos a turma para a sala da frente que possui televisão e reproduzimos o vídeo, eles prestaram atenção, mas não se envolveram tanto como quando lemos os poemas.

Dia 5: A família do L enviou a sacola apenas hoje para a escola, felizmente, com o registro completo, então eles puderam ouvir a leitura do relato e ver as imagens do pequeno explorando o livro. **“Bem-te-vi”** e a **“Galinha d’angola”**, do livro **No mundo da lua**, Roseana Murray foram lidas. Eles reconheceram o “piu-piu”, o passarinho, assim como o sapo. Estavam um pouco mais agitados hoje, por isso não participaram tanto. Acreditamos que pelo fato de um colega ter chegado mais tarde, enquanto fazíamos a contação e isso os dispersou.

Dia 6: As crianças foram liberadas mais cedo para que a escola fosse organizada para a noite do pijama, por isso não houve contação. Mas o envio da *Sacola Viajante* foi feito para a família do M.

Resumo da semana: O retorno da sacola atrasou, mas não afetou o próximo envio. Em relação as contações, eles participaram em algumas mais do que outras, mas foram curiosos e questionadores em todas. Além disso, cada vez mais fazem relação das músicas que cantamos no dia a dia com as histórias que estão ouvindo.

Dia 9: A sacola não retornou na data estabelecida, mas a criança foi para a aula. A mãe, que foi quem o levou, não nos explicou o motivo. Na hora da saída pedimos que ela trouxesse amanhã, pois a próxima criança levaria na quarta, por conta do feriado.

O livro escolhido foi **Dorme, menino, dorme**, de Laura Herrera. Durante a contação, participaram, apontaram para as imagens que conheciam e arregalaram os olhinhos para o que era desconhecido. Ao final, muitos disseram que ainda dormem com o papai e mamãe, poucos falaram que ficam na sua caminha “bem mocinhos”.

Depois da hora da fruta, sentaram no tapete para limpar as mãos e o F, A e B pediram para explorar o acervo do cantinho. Os demais colegas se juntaram a eles. Retiraram o livro, exploraram, trocaram entre eles e depois guardaram na hora que os pais chegavam para buscá-los.

Dia 10: A *Sacola Viajante* foi entregue hoje, apenas com o relato escrito. Por isso, nós fizemos a leitura, mas as crianças não deram tanta atenção. “**Os girassóis de Ana**” e “**Quero-queiro**” do livro **Bamboletras**, de Dilan Camargo, foram as poesias escolhidas. Nossos pequenos estavam mais agitados, pois teriam um baile a fantasia mais tarde, então todos queriam ver a fantasia e falar sobre ela no momento da rodinha. Começamos a cantar a música e mostramos o livro que eles reconheceram, pois fazia parte do acervo da *Sacola Viajante*. Mesmo com a agitação prestaram atenção a primeira poesia, a das “flores”, segundo os sapecas.

Dia 11: Logo após as atividades de rotina, mostramos a sacola ao O. Contamos a ele que ela visitaria a sua casa nesse feriado. O pequeno deu vários sorrisos e foi correndo amarrá-la a sua mochila.

A **abelhinha Belinha**, de Mari Piaia, foi o livro escolhido. Eles ficaram encantados com o livro é bem grande e possui ilustrações muito coloridas. Tivemos várias tentativas de imitar o zum-zum-zum da abelhinha. Após a contação quiseram explorar, então organizamos para que todos tivessem oportunidade de explorar a obra.

Dia 12: Feriado.

Dia 13: Recesso escolar.

Resumo da semana: Tivemos apenas três contações essa semana, devido ao feriado, porém a participação dos alunos foi efetiva em duas delas. O retorno da sacola não aconteceu no dia certo e não tivemos o registro fotográfico. Na próxima semana, finalizamos esse projeto e notamos que os pais têm, até agora, atrasado a devolução com maior frequência que na rodada anterior.

Dia 16: Hoje foi dia da entrega da última *Sacola Viajante*, mas infelizmente não tivemos relato nenhum descrito no caderno, além do O estar doente. O pai foi apenas entregar a sacola, mas não mencionou o porquê de não ter feito a atividade, nem se ela aconteceu.

A contação de hoje foi feita a partir do livro **Pirata de palavras**, de Jussara Braga. O livro tem ilustrações de vários animais, frutas e tantas outras coisas que foram reconhecidas pelas crianças como a abelha, o carro, o leão e a galinha. Eles tentaram reproduzir os sons e apontavam mostrando as figuras que conheciam.

Dia 17: “**Sopa de sapo**” e “**Uma vaca**” do livro **Bamboletras**, de Dilan Camargo, foram as escolhidas. Utilizamos nesse dia fantoches de sapo e de vaca e eles, imediatamente, ao verem o sapo falaram da música do sapo (O sapo não lava o pé, não lava porque não quer...), então após a leitura do poema, cantamos a música. A “muu” também despertou a curiosidade porque era muito grande. Eles ficaram sentados durante a contação, além de no início terem cantado conosco a música da história.

Enquanto fazíamos uma atividade de pintura o H, foi até o cantinho, pegou o livro dos **Animais da fazenda** e puxou meu avental. Eu perguntei o que ele queria e ele disse “o H que esse”, perguntei o porquê “é meu favoito” pedi que ele deixasse em cima da outra mesa que ao final da atividade de pintura, ouviríamos a história. Ele saiu todo contente e voltou para o que estávamos fazendo. No final da tarde, nos sentamos no tapete e eles ouviram, pela milésima vez, a história favorita delas.

Dia 18: **O mundo inteiro**, de Liz Garton Scanlon, foi o nosso escolhido. Na capa do livro temos duas crianças, um céu com nuvens e passarinhos voando. Isso provocou um coro de “olha, o passalinho, tia, voando no céu”. Embora seja um livro mais extenso, os pequenos ficaram conosco até o término da contação. Quando viram as imagens da vovó e do vovô reconheceram e relacionaram com os seus “meu vovô”, assim como quando viram a chuva e lembraram-se da canção que cantamos (Está chovendo, está chovendo, o que fazer? o que fazer? Abre o guarda-chuva! abre o guarda-chuva! Para se esconder, para se esconder).

Dia 19: Convidamos os colegas do Baby Class para ouvirem histórias conosco. Quem fez a contação foi a tia dessa turma, mas fomos nós quem escolhemos a obra **E o dente ainda dóia**, de Ana Terra. Nossos pequenos já a tinham ouvido no início do ano, porém queríamos ver como seria a reação nesse momento em que estão mais envolvidos com as contações. A professora da outra turma ficou um pouco receosa em aceitar, pois achou que os nossos

alunos não ficariam sentados por muito tempo. Para sua surpresa, os nossos pequenos estavam muito mais atentos e interagindo do que os colegas da outra sala. Como agora já estão começando a contar, fizeram a contagem dos bichinhos que iam aparecendo na poesia. E na hora do ATCHIM, tivemos um coro, seguido de muitas risadas.

Foi muito bacana vê-los tão envolvidos com a contação, superando a nossa expectativa ao participarem mesmo com a presença de outras crianças.

Dia 20: “**Um novelo de lã**” e “**Um cachorro vagabundo**” do livro **No mundo da lua**, de Roseana Murray, foram lidas hoje. Na poesia do cachorro, há a ilustração de uma girafa e um passarinho, e eles os reconheceram rapidamente, assim como o cachorrinho. O gatinho ou “o miau” também cativou os pequenos, que disseram que “ele fez muita bagunça”.

Na hora da saída, quando o pai do O chegou, ele foi correndo buscar um livro no cantinho do *Era uma vez...* e, a seu modo, fez a leitura para o pai, embora ele não tenha dado tanta atenção, pois estava com pressa. Então, O guardou o livro e nos deu o seu clássico “até manhã”.

Resumo da semana: Um dos marcos da semana foi o término do projeto *Sacola Viajante*, que infelizmente voltou sem nenhum relato. Nas contações, os nossos pequenos estão cada vez mais participativos e atentos. O fato de vê-los ouvindo história com a outra turma e terem cooperado com maior entusiasmo que os outros colegas, nos mostrou que eles estão criando um comportamento leitor. Além de **E o dente ainda doía** já ter sido contada nos primeiro mês, e as reações tenham sido bem diferentes.

Dia 23: As poesias escolhidas foram “**Brincadeira**” e “**Pescaria**” do livro **Poeminhas da terra**, Márcia Leite. Após a nossa atividade de rotina e de cantar a música da história, fizemos a leitura de ambas. A “**Pescaria**” chamou mais atenção, pelo fato de ter ilustrações de peixes variados, então ficamos tentando descobrir quais eram. No final eles pediram para cantar a música do peixinho da Xuxa (Era uma vez dois peixinhos bonitinhos....) e imitar a boca do peixinho.

O acesso ao cantinho aconteceu tranquilamente, no final da tarde, sentamos no tapete e eles exploraram o acervo, quando os pais iam chegando, devolviam o livro para o painel.

Dia 24: **Em cima daquela serra**, de Eucanaã Ferraz, foi a obra escolhida. As ilustrações do livro eram riquíssimas e isso encantou os pequenos. Quando ouviram o trecho “Em cima

daquela serra passa boi, passa boiada” começaram a cantar a música do boi da cara preta que eles já conhecem e adoram. A contação transcorreu de maneira tranquila, contando com a participação e interrupção nos momentos em que reconheciam alguma imagem ou trechos que lhes soavam familiares. Ao final da tarde, os alunos D e K, que são do Berçário I pediram para vir para a nossa sala, empurrando a grade que separa as duas salas. Juntaram-se aos colegas de Berçário II e foram explorar o cantinho do *Era uma vez...* No momento em que a mãe do D chegou, ele foi correndo mostrar o livro que estava explorando, e antes de ir embora, voltou e guardou o livro no cantinho.

Dia 25: “**Emoção**” do livro **Bamboletras**, de Dilan Camargo, foi escolhida para a nossa contação. As crianças, voluntariamente, nos estenderam a mão, como se fossem nos cumprimentar, ao final da poesia, uma vez que ela termina com a frase “estende a mão muita emoção”. Também acharam curiosa a parte que relacionava um chafariz com o nariz, a aluna I disse “de meleca, né, tia”.

Dia 26: Escolhemos duas poesias pertencentes ao livro de Márcia Leite, **Poeminhas da terra**, “UUUUUU” e “**Hulka-Huka**”. Além de terem ilustrações muito coloridas, elas eram ricas em sonoridade. Por isso, pegamos alguns chocalhos para tentar reproduzir alguns dos sons como o “uuuuu”. Eles amaram essa brincadeira de trazer os instrumentos durante a contação. Embora eles tenham ficado agitados, houve a boa participação de toda a turminha. Eles reconheceram os animais e os índios que ilustravam essas poesias.

Dia 27: O livro escolhido para a contação foi **O menino azul** de Cecília Meireles. Eles ficaram cativados pelas ilustrações e principalmente pela cor do menino que segundo o F “ele tá pintado de tinta azul”. Um dos fatos curiosos foi o de não aceitarem que fosse um burro, “ele queria um cavalinho, tia, não burro” e quando viam a ilustração do burro diziam o “pocotó, o ton ton”, tentando reproduzir um som que remetia ao cavalo. Embora, tenhamos dito que não era um cavalo, eles não aceitaram. Nas últimas páginas da obra, havia uma ilustração da autora, Cecília Meireles, então eu mostrei e disse “essa senhora é a escritora desse livro” e fui interpelada por uma aluna “poxa vida, não foi tu que escreveu o livro?!”. Expliquei a ela que não, que eu apenas contava as histórias que outras pessoas haviam escrito ou, as vezes, criava junto com eles as nossas histórias. Depois da explicação ela respondeu com um “então tá bom, tia”.

No final da tarde fomos brincar de construir uma fazendinha, colocamos no tapete os blocos, cercas e os animais. Eles adoram essa atividade, mas o fato que nos surpreendeu foi quando um aluno, o H, viu um cavalinho de plástico e disse “igual o do menino, tia”, provavelmente relacionando com o do menino azul.

Resumo da semana: Essa semana as contações foram feitas em todos os dias como o programado, contando com a participação e o envolvimento da turminha. Além disso, o acesso ao cantinho do *Era uma vez...* aconteceu de maneira organizada, eles tiravam, exploravam e devolviam o livro para o seu lugar.

ANEXO G – CADERNO COM REGISTROS FAMILIARES RELATIVOS AO PROJETO
SACOLA VIAJANTE



A Sela
Adormecida
♡♡

OS URSINHOS
CARINHOSOS

Peter
Pan

OS 3
PORQUINHOS



PINÓQUIO

BRANCA
DE
NEVE



SACOLA
VIAJANTE



Visita da Sacola Viajante na casa da / A

No sábado pela manhã, esvaziamos a sacola viajante, onde os livros foram apresentados para A. Deixamos que ela os manuseasse bastante, pois até na cabeça colocou.

Percebemos que A se mostrou interessada pelos livros mais coloridos e que continham animais, entusiasmada mostrava as figuras com muita atenção.

O momento da leitura também foi dividido com seu irmão, onde ela mostrava para ele o "Au, Au".

Papai contou, ou seja, tentou contar as histórias para ela, mostrando e emitindo os sons dos animais, onde ela tentava imitar e muitas vezes o interrompia mostrando querendo mostrar algo nas imagens.

Muitas vezes se dispersava, mas logo voltava a atenção para os livros.

A visita da sacola viajante foi muito significativa, pois toda família participou, vimos o interesse dela pelos livros, pois brincou, manuseou e do seu jeitinho, apontando, emitindo sons, nos transmitia o que via.

Visita da sacola viajante na casa do B

Na sexta-feira após chegar em casa da exelinha, o Benício e os irmãos Bento, já pegaram a sacola e tiraram os livros de dentro, o papai já se encarregou de ler e mostrar as figuras. No sábado pela manhã, o papai levou a sacola com os livros para ler na área da casa, o B queria pegar os livros, passar as folhas e virá-las também, após o papai mostrar as figuras ele identificou o "AU-AU" (leão) e o co-co (porquinho), o irmão por ser mais velho se interessou mais e gostou de ler as histórias, pedindo para ler em outras oportunidades. Para o B a leitura

foi válida principalmente porque ele pôde visualizar as figuras e os animais que eu mostrava.

Visita da sacola viajante na casa do C

Sexta, como estava muito cansado, não foi possível abrir a sacola.

Sábado, logo ao acordar a vii em cima da mesa e comecei a tirar os livros de dentro, manuseei bastante, abri e fechei cada um diversas vezes.

Identifiquei os animais: AU-AU (leão), UAU (galinha), BUI (hipopótamo e vaca), UHU (coelho) e pig-pig de porquinho quando os vii. Joguei os cartões do livro "quando o papai não está em casa..." reconheceu um trator parecido com o dele.

Na leitura, demonstrou interesse nas primeiras páginas de cada livro, as imagens distraíram a atenção.

Replimões e ritual diversos
vezes durante o final de semana.

Consideramos que, para o

C - a visita da sacola
viajante foi muito positiva,
ficou muito feliz com a acirada
de, tanto que deu até um
abraço no amigo AU-AU. As coisas
sempre ajudava a guardá-los
de volta na sacola.

Visita da sacola viajante no
casa de D

Na quinta logo quando che-
gamos da escola, os livros foram
apresentados ao D pela mamãe.
Os livros foram colocados no tapete
para ele, para qual dos livros
o D se declarava primeiro, ele
foi direto para o livro O coelho
diz Au-Au deu uma olhada ri-
reu de um lado para outro e
logo em seguida voltou.

Ainda na quinta antes de
deitar fizemos o segundo contato
com os livros, agora mamãe leu
para ele o livro O coelho diz Au-Au
e mostrou as figuras, percebeu que
embora não entendesse ele prestava
atenção quando a mamãe falava.

Na sexta foi viajar com o papai
para a casa dos vovós, já que a

mamãe foi cuidar da vovó no
hospital, então papai achou melhor
não fazer nenhum contato neste dia,
pois estavam cansados da viagem.

No sábado na casa dos vovós
foi feito um novo contato com os
livros, agora contando também
com o apoio do primo P
que leu para ele.

O livro O coelho diz Au-Au
foi o livro que mais chamou a aten-
ção dele acredito pelo formato ser
diferente e também porque quando
era feito o leitura e se falava Au-Au
ele ria devido ao som do latido.

O livro Os filipetomas vivem em
casas? chamou sua atenção pelo
colorido das páginas e por ter
muitas figuras.

O livro Quando papai não está
em casa... ele praticamente ignorou,
não despertou seu interesse.

Acreditamos que a atividade
foi positiva porque fez com que
a criança tenha seus primeiros
contatos com a leitura.

VIZIANTA CACOLA VIJANTE NA USA TO
E S.

RESOLVI A TARDE PARA MOSTRAR OS
LIVROS PARA O **E** S. O
LIVRO QUE ELE MAIS GOSTOU FOI O
DO CANTORINHO; ELE FICOU ABRINDO
VÁRIAS VEZES E FECHANDO. OS
OUTROS LIVROS NÃO CHAMAM TANTO
A ATENÇÃO DELE COMO ESTE, POIS O
LIVRO DE POESIAS TINHA MUITOS
DIFERENCIAIS COM OUTROS LIVROS E
ELE NÃO GOSTA.

ALÉM A FAZIA LEI-LO, POIS ELE TEM
O CONTATO COM O LIVRO E TAMBÉM
PODEM OBRAR O QUE MAIS LHE AGRADE,
NO CASO DO **E** S. FOI O CANTORINHO.

Visita da Sacola Viajante na casa
do F

Fei uma grata surpresa recebermos a sacola ao final da sexta-feira. Ao recebermos os livros, ficamos encantados com a ideia de aproximar a literatura e imaginação dos pequenos e os pais.

O F já possui seus livros de pano. Antes de completar um ano de idade seu primeiro livro o inseriu no contexto bíblico com diversos sons de animais da Arca de Noé.

Adorou todos os livros da sacola, principalmente as histórias mais coloridas.

Visita da Sacola Viajante na
casa do G

Recebemos a sacola na sexta mas só abrimos no sábado a tarde.

O G primeiro pegou o caderno do Pimpão como ele disse, e começou a olhar as fotos das histórias dos outros colegas.

Deixei ele mexer em todos os livros por livre.

Ele se encantou com o livro "Os hipopótamos vivem em casas?" que foi o que mais interessou ele!

Até brincou com os outros! Li para ele, mas ele não se interessou muito.

Ele amou os dois hipopótamos, tem bastante cores e figuras, animais e um trator que é o que ele ADORA! Queris tirar o trator e brincar, até nasceu...

Adoramos a visita e importante o contato dele com livros, excitar histórias... Ele até escolheu o preferido!

Muito da sacola viajante na casa do H

Esperamos estarmos todos juntos em casa para fazermos esta atividade tão especial.

Sentamos com ele, mãe e pai e fizemos ele escolher o livro.

H optou pelo livro do hipopótamo, onde tem várias páginas coloridas e com várias surpresas e animais diferentes.

Ele adorou, imitava os animais que vimos aparecendo. Além de nós achar e achar super engraçado. Foi muito legal.

Nós proporcionou um momento muito divertido em família.

Adoramos receber a sacola viajante.

Parabéns pela bela iniciativa.

OBS: Mostramos também as fotos dos colegas com os pais e os livros relatados aqui. Ele adorou!

Aqui algumas fotos desse momento tão especial:

1 - H

2 - H

com o pai.

3 - H

4 - H

dos colegas

5 - H

superfúncas.

escolhendo o livro.
imitando os animais

mãe e pai.
deando a experiência

contente com a

Visita da Sacola Viajante na Casa da **I**

A **I** adorou a visita da Sacola Viajante!!

Curtiu os livrinhos, principalmente o do hipopótamo e do cachorro, interagindo bastante ao chamar os bichinhos que encontrava nos livros e seus sons.

Amou ver o caberão do Pimpão com as potus dos coquevinhas, mostrando e chamando por eles! Ficou super feliz! Envergava a sacola amarela e pedia pelo caberão do Pimpão.

Fizemos a atividade por algumas vezes durante o final de semana, normalmente de manhã.

Gostamos muito da experiência, pois além de incentivar a leitura e a imaginação, propiciou momentos muito divertidos da Malu com a família.

A seguir, alguns registros da visita na casa da **I**



Visita da Sacola Viajante na casa de **J**

Fizemos a grata surpresa de levarmos a "Sacolela Viajante" para a casa na sexta-feira, dia 26.

A **J** ficou brincando, manuseando, o livro do cachorrinho todo o final de semana. Porém, não conseguiu ler os livros na segunda-feira.

A J ficou bem quieto
mãe enquanto eu lia os
livros para ele e o

O interesse bastante,
ele adorou o livro do "Hipopótamo".
Depois ele pegou o livro do dijo
potamo e ficou perguntando as
adivinhações que havia para o pai.
Foi bem legal ler os livros para
os dois juntos, embora que para o
meu filho é comum.

Visita da Socata viajante na
casa do

Recebemos a Socata viajante na
Sexta-feira, dia 02/10/17.

Como o estava com o dia
messe dia, resolvemos deixar as leituras
para o dia seguinte.

No sábado, logo pela manhã, já mos-
tramos a socata para ele, que ficou todo
contente! Foi logo observando e ven-
construindo os desenhos. Deixamos
que ele manuseasse pacientemente e es-
colhesse um preferido, que foi o do
"Cochoninho". Começamos então a lei-
tura. Ele ficou bem concentrado
nas ilustrações e ansioso para passar
por todas as páginas rapidamente,
repetindo "au au" algumas vezes.

Depois, lemos o do "Papai", e
por último, o do "Hipopótamo", os quais
ele também gostou bastante.

O projeto é muito proveitoso, pois pro-
porciona a inserção de outros momentos
com a leitura, além de despertar o gosto pela leitura.

Após a leitura dos desenhos,
também mostramos a ele esse cadern-
o, e ele adorou! Ficou todo sei-
soante observando e mostrando as
fotos das coleções. Perguntamos
pelos nomes e ele veio e tentou
dizer os de alguns.

A experiência com a socata viajante
foi muito positiva. O dia
super interessante e se divertiu bastante.

Esse final de semana
foi a vez de M
trazer a sacola na fonte
para casa.

Foi uma diversão no.

Mãe na chegada ele e seu
irmão mostraram
muito entusiasmo pelos
dinheiros, observando com
muita atenção as figuras
e prestando muita atenção
na história.

Believe que a mamãe deu
foi o que ele mais comu
que é os chipotomes
vivem em casos?

Quando o papai chegou
em casa ele já pegou a
sacola para o papai ler.
Foi muita diversão, adoramos
ver a sacola em nossa
casa.

Visita da Sacola via
fonte na casa do

Nesta terça-feira dia
27/maio/2017 esta sacola
estive na casa de.

Ho chegar da escola brin-
cou, tomou banho, pentou
e após apresentamos a
sacola ao. A
princípio manifestou in-
teresse e logo após ficou
disperdo. Papai pegou
no colo, começou a ler
e mostrar as figurinhas,
quando percebemos esta-
va bem envolvido, leva-
mos ao quarto para sim-
tá-lo na cama onde
ele se sentiu mais à vontade.

tado podendo inclusi-
ve manusear, tocar nas
páginas, tocar nas fi-
guras e enquanto is-
to a mamãe seguiu lem-
do e o envolvendo ain-
da mais na história.

Acreditamos que foi
muito válido, interação
prestou atenção, claro
que tudo dentro de sua
compreensão infantil.

A SACOLA VIAJANTE NA
CASA DO N
N DESDE PEQUENINO
GOSTA MUITO DE LIVROS.
QUANDO VIU O CONTEÚDO DA
SACOLA VIAJANTE, LOGO DEMONSTROU
ALEGRIA E FELICIDADE.
DIGO, CURIOSIDADE.

GOSTOU PRINCIPALMENTE
DO LIVRO INTERATIVO DE
ADIVINHAÇÕES

COMO AGORA, A IRMÃ DO
N, ESTÁ
LENDO, TORNOU O MOMENTO
DE LECTURA MAIS AGRADÁVEL
E DEIXOU O N
MAIS EMPolgADO.

5/7/17

A visita da sacola viajante na
casa do G

Pegamos a sacola na sexta... Ele
chegou com feição me mostrando
a sacola, dizendo... É minha mamãe,
é do G da "recoinha"...

Abrimos a sacola, olharam livro
por livro, brincaram com os livros...

O papai foi quem mexeu na
sacola com o Leonardo a mamãe
não tirou fotos!

Papai contou as histórias, explicou os desenhos, mostrou as formas, figuras, cores e os animais...

Inspecionou seus momentos com o papai!!!

Adoramos a visita, além de incentivar a leitura e a imaginação...

Volte sempre nas suas viagens!

Até a próxima...

Beijos da mamãe...

Visita de Saida Viagante na casa da A !!

A apontou fig e fez um de traços...

No sábado de manhã as crianças foram apresentadas para A de mostrar interesse pelo livro "O mundo de lua", pois identificou na história alguns animais e...

Emi falou com...

Além de in-
centivar a li-
tura, mã
proporcionou
vários mo-
mentos, no
qual a tou-
ra de xma
na mão mã
permite.

Mamã contando a história e
A mundo do papai...

05/08/17

Visita da Sacola Viajante na
casa do D

Como na primeira visita apren-
tamos os três livros para ele inte-
raqui com eles.

Ele elheu, manuseiou os livros
e percebemos que o livro Bombolitos
foi o que mais chamou sua atenção
avacitamos que veio pelas cores.

O livro no mundo da tou-
ra que ele gostou foram os bichinhos
como no livro do gato e o Rato,
perguntamos para ele, onde está o
gato D? Ele apontou nos mes-
teados onde estava o bichinho.

foi o livro o Tatu-Balão foi o
que menos chamou sua atenção.

Todos os livros foram lidos para
ele, pela mamãe.

Ficamos felizes em saber novamen-
te a sacola viajante em nossa casa

e poder incentivar hábitos de
leitura as D

Visita da Sacola Viajante
na casa do F

O F adora livros
desde de pequeninho, quan-
do fui buscá-lo na escolinha
queria ler os livros na sua
mesa. Quando chegamos
em casa foi a primeira coisa
que fizemos; depois o F
mostrou para o papai
quando chegou do trabalho
e para a sua maninha. e
claro que durante todo o
final de semana.

O F adora o livro
das BAMBOLITRAS, o livro é
muito colorido e tem umas
virminhas bem bonitinhas.

Adoramos a visita!!! Até a pró-
xima visita. A seguir fotos do

F

20/08/17

Estu
do
F

Visita da sacola viajante
na casa do C

Reconhecemos a sacola na sexta
feira.

No sábado o C te
ve o primeiro contato com ela.
Manuseou bastante, reconheceu os
animais e imitou os sons.

Avançamos como excelente
a visita da sacola viajante.
Notamos que desta vez o C
prestou mais atenção nas
histórias.

Reconhecem os colegas nas
fotos do "caderno do pimpão".
Recebeu pl in a
sacola pl r-lor.
Ficou muito
feliz quando
viu que ele
também aparecia
nas fotos.

Obrigada, tias Carol, Alice,
Mica, Nara e Naura por nos pro
porcionarem momentos de intere
ção com a sacola.

28/08/17

C

→ A visita da sacola viajante 
 na casa do **H**

Recebemos a sacola viajante, e de manhã fizemos atividade com ela.

Colocamos todos os livros em cima do sofá e apresentamos para o boi Eduardo. Imediatamente chamou atenção dele o livro azul, que se chama no mundo da lua.

Onze chamou atenção pela quantidade de animais e ele adorou falar com os animais e imitava os sons.

Depois pegou a nina (cadeira de pelúcia) e mostrou os brinquedos para ela.

Adoramos a experiência sempre é muito bom podermos ter esses momentos.

..... Obrigada tias!! Beijos

Sacola do livro

H

livro na sacola

A Sacola Viajante na casinha da **I** é motivo para festa, festa grande pra chuchu.

No começo da folia **I** folheia o livrinho. Papai Dé, bem concentrado, primeiro lê todos sozinho.

Motivando para Nina

do livro

A **I** se interessa
pelas figuras coloridas.
O papai Dé entra na festa
pra mostrar frases sortidas.

É linda a estorinha
do sonhador tatu-balão,
que encontrou a felicidade
com o seu amigo, Damião.

O poema Laura, a **I**
achou doce, achou belo,
tanto que ela foi buscar
o seu telefone amarelo.

No livro Mundo da Lua
há gravuras de montão.
Também tem lindas poesias
que vão além da imaginação.

A mamãe **I** desta feita,
mal pôde participar.
Ela ficou com a
que não parava de mamar.

A Sacola Viajante,
realmente, é bem legal.
Nos traz muitas alegrias
e deixa a casa um alto astral!

SACOLA VIAJANTE NA CASA DO **E**

Logo que acordei, começo a brincar
nessa hora lindo de sol e mamãe
vão me mostrar os livrinhos da
sacola.

Os livrinhos que mais me chamaram
a atenção foi "no mundo da lua", onde
tem muitos bichinhos, o bicho de
peça síriema, eu adorei, pois parece
com os passarinhos que vejo na minha
casa. O outro livrinho, foi do tatu-balão,
pue eu também adorei!

Resumindo, foi uma manhã muito
legal, com os livrinhos da sacola
viajante!

Beijos p/ as tias, **E** !!!

A socola majornte visitando a casa do K

K já possui alguns livros e adora todos eles, é muito curioso e tem que tocar em tudo por onde passa, não foi diferente com a socola. A tardinha após o banho deixei a socola em meio aos brinquedos, para ver se ele via se interessar, foi mais rápido que pensei, foi logo cobrindo e querendo pegar todos, mas mamãe foi ajudar para que ficassem inteiros, ele gostou muito do livro "AU AU" ficou olhando e cobrindo, folheando, até que mudou para os outros, achou o livro dos hipopótamos diferente, colorido pois ficou analisando os desenhos, tocando nos bichinhos e interagindo com algumas palavras que ainda não são palavras so suficiente.

Mamãe leu todos os livros, mas na hora da leitura ele decidiu brincar, ficou excitado e brincando ao mesmo tempo.

Papai perguntou qual ele queria ver, mas ele já estava rufim de outros brincadores.

Foi muito divertido a atitude,
proporcionou risos, brincadeiras e conhecimento.
Até a próxima "sociedade viajante".

At: Mamãe do K.

Visita da Sociedade Viajante na casa do

Recebemos a Sociedade Viajante na sexta-
feira, 29/10. No domingo a tarde, então,
fizemos a abertura e descoberta dos livros
junto do

Ele adorou a leitura dos livros e
sempre observava as figuras, de vez
em quando via, da semelhança e soma
das palavras que ouvia. A leitura das
poemas foi uma experiência bem inter-
essante.

O livro que ele mais gostou foi
"O Mundo da Lua" por causa dos
"beijinhos". Ficou um bom tempo comentando.

Depois da leitura dos livros, mostros-
mos a ele o caderno do "Pimpão", igual
como fizemos da outra vez. Ele mes-
mamente ficou muito empolgado e de
vez identificou todos os coleguinhas e
soube dizer o nome de quase todos.

A visita da Sociedade Viajante novamente
foi muito legal e proporcionou um ótimo
momento! Beijinhos para as tias!

Esta viagem na casa
de M

Esta semana a socia viajou
de novo para a casa
de M.

Hoje a taralhinha acabou
a vacolinha e descobrimos
um mundo de aventuras
com os historinhos que na
vacolinha vivem.

M mostrou muito
interesse nas figuras intera-
gindo muito com a mãe
enquanto lia as histórias
o livro que ele mais gostou
foi no mundo da lua,
mostrando muita alegria
conforme lia os poemas.
Essa foi uma aventura de
contos, um elefante corinhoso

M